

*edição limitada*

# À VOLTA DA FOGUEIRA

Uma Tribo de Contadores de Histórias  
Um projeto solidário

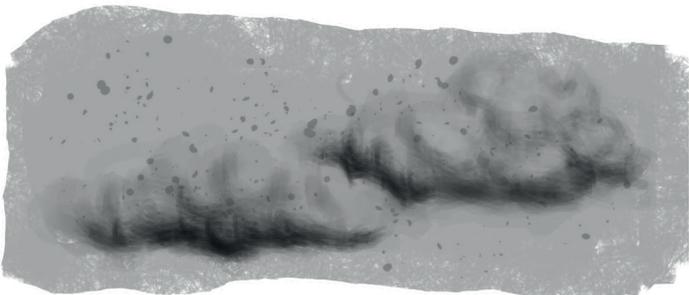
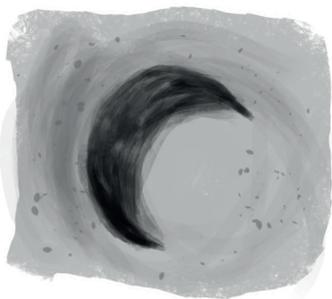




**EMPORIUM**  
EDITORIA



**RIGOR**  
&  
**EXCELENCIA**



*edição limitada*

# À VOLTA DA FOGUEIRA

Uma Tribo de Contadores de Histórias  
Um projeto solidário



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

©2020, Emporium Editora  
Rua Conde Ferreira, n.º 3  
2800-077 Almada, Portugal  
E-mail: geral@emporiumeditora.com

Título: À Volta da Fogueira  
Editora Executiva: Íris Pitacas Antunes  
Revisão: Elisa Lopes Antunes (Emporium Editora)  
Paginação: Gonçalo Cardal Pais  
Capa: Gonçalo Cardal Pais  
ISBN: 978-989-9001-90-9

1ª Edição: maio, 2020

[www.emporiumeditora.com](http://www.emporiumeditora.com)

# Índice

<b>Guerreira</b>   <i>A. Bourdon</i>	11
<b>Pesadelo – Invasores Extraterrestres</b>   <i>Adérita Amôr</i>	12
<b>Desassossego</b>   <i>Alexandre Manuel Nunes Gonçalves</i>	13
<b>A Solidariedade Universal Será Utopia?</b>   <i>Alexandrina Pereira</i>	14
<b>À Volta Da Fogueira</b>   <i>Alfredina Ribeiro</i>	15
<b>Partitura</b>   <i>Alice Caetano</i>	16
<b>Uma gravidez não detetada...</b>   <i>Ana Bela Baptista da Silva</i>	17
<b>Voar</b>   <i>Ana Brinca</i>	18
<b>Os livros da minha vida</b>   <i>Ana Cota</i>	19
<b>Sinto Pena</b>   <i>Ana Cota</i>	20
<b>Tardio amanhecer</b>   <i>Ana Cota</i>	21
<b>Um Sonho na Areia</b>   <i>Ana Ferreira da Silva</i>	22
<b>Como das Estrelas do Céu</b>   <i>Ana Godinho</i>	23
<b>Sonhei</b>   <i>Ana Mendes</i>	24
<b>A Avó Maria e o Avô Manuel</b>   <i>Ana Paula Costa</i>	25
<b>A felicidade ao som do Mar</b>   <i>Ana Rita Barreto</i>	27
<b>À Volta da Fogueira</b>   <i>Ana Rita Nápoles</i>	28
<b>Menina que estás à janela</b>   <i>Analita Alves dos Santos</i>	29
<b>Saio de Casa</b>   <i>André Teles Afonso</i>	30

<b>Viajar</b>   <i>Andreia Martins</i>	31
<b>Covid-19</b>   <i>António Manuel Lopes Dias</i>	32
<b>Cidades Invisíveis</b>   <i>António Manuel Lopes Dias</i>	32
<b>Sonhos Frustrados</b>   <i>Armindo Mota</i>	34
<b>A pulso!</b>   <i>Artur Manuel Pires</i>	36
<b>Uma história de Amor para todo o sempre ...</b>   <i>Beatriz Barroso</i>	39
<b>memórias recônditas de uma infância confinada</b>   <i>Carlos Magalhães</i>	40
<b>Ainda há Flores nos Matagais...</b>   <i>Carlos Pitacas Antunes</i>	41
<b>Daniel</b>   <i>Carlos Salgado Guimarães</i>	44
<b>Trail Santo</b>   <i>Célia Henriques</i>	45
<b>Estendo os braços para os abraços</b>   <i>Celso Sá</i>	46
<b>Férias</b>   <i>Cidália Saraiva</i>	47
<b>Era uma vez</b>   <i>Clair Schiavi</i>	48
<b>QuarentEles &amp; QuarentElas</b>   <i>Cristina Carvalho e Eduardo Figueiredo</i>	49
<b>A mãe com a mania das horas</b>   <i>Cristina Carvalho</i>	50
<b>Trabalho num hipermercado</b>   <i>Daniela Ribeiro</i>	52
<b>Nascimento do Diogo</b>   <i>David Gomes</i>	53
<b>Dia da Mulher</b>   <i>Diana Pinto</i>	55
<b>Mãe</b>   <i>Dores do Carmo</i>	56
<b>José</b>   <i>Dulce Celeste Gonçalves</i>	57
<b>A Minha História</b>   <i>Eduardo Figueiredo</i>	59
<b>Expressões que não acrescentam nada, mas ficam mesmo bem dizer!</b>   <i>Eduardo Figueiredo</i>	60

<b>Não é com Vinagre que se apanham Moscas</b>   <i>Eduardo Figueiredo</i>	61
<b>Vai Ficar Tudo Bem!</b>   <i>Eduardo Figueiredo</i>	62
<b>Os meandros da mente</b>   <i>Eugénia Pedrosa</i>	63
<b>Pardal sem sorte</b>   <i>Fátima d'Oliveira</i>	64
<b>Sentada olhando meu jardim</b>   <i>Fátima Olivença</i>	65
<b>Poema à Maria do Carmo</b>   <i>Faustino Lopes</i>	66
<b>Do céu espero uma resposta</b>   <i>Filipe Bacelo</i>	67
<b>Saudade</b>   <i>Filipe Santos</i>	68
<b>A vida não passa daquela imagem</b>   <i>Francisco Quelhas</i>	69
<b>As asas da minha casa</b>   <i>Gonçalo Pinto Azevedo</i>	70
<b>Não estamos zangados com elas</b>   <i>Henrique Sequerra</i>	71
<b>A crise e a Natureza</b>   <i>Hernâni Carqueja</i>	72
<b>O quadro</b>   <i>Igor Freitas</i>	73
<b>Inútil Paisagem</b>   <i>Isabel Fazenda</i>	74
<b>A prenda da avó Minda</b>   <i>Isabel Silva</i>	75
<b>Um Livro Muito Especial</b>   <i>Jerónimo Jarmelo</i>	77
<b>O Faroleiro</b>   <i>João Batalheiro</i>	79
<b>Sem Medo do Parkinson</b>   <i>João Pedro Belo</i>	80
<b>Sobreviver ao Cancro - Mieloma Múltiplo</b>   <i>Joaquim Pedro Veiga</i>	81
<b>A Dama Dos Couratos</b>   <i>Jorge Coimbra</i>	83
<b>Distopias</b>   <i>Jorge Gaspar</i>	86
<b>Acordei de um sono profundo</b>   <i>Jorge Madureira</i>	87
<b>Quadros de Uma Exposição</b>   <i>Jorge Paias</i>	88

<b>160 Netos</b>   <i>José Fernandes da Silva</i>	<b>89</b>
<b>Encruzilhadas da História</b>   <i>José Manuel Figueiredo Leite de Sá</i>	<b>90</b>
<b>Vinho, Gasosa Ou Laranjada?</b>   <i>José Martinho Gaspar</i>	<b>92</b>
<b>Num Supermercado</b>   <i>José Ribeiro da Costa</i>	<b>93</b>
<b>Carta ao Filho</b>   <i>José Vieira</i>	<b>94</b>
<b>Nos olhos da inocência</b>   <i>Josefa Reis</i>	<b>95</b>
<b>Um novo lugar dentro do mundo</b>   <i>Juliana Gomes</i>	<b>96</b>
<b>O destilar da infâmia</b>   <i>Leandro Emanuel Pereira</i>	<b>97</b>
<b>Sagrado Coração</b>   <i>Leonor Lopes</i>	<b>98</b>
<b>Um amigo secreto</b>   <i>Lúcia Morgado</i>	<b>99</b>
<b>O Bolo Mais Doce</b>   <i>Luís Manuel Gonçalves de Almeida</i>	<b>100</b>
<b>Ernesto e o ângulo cego do afeto</b>   <i>Luís Miguel Fernandes</i>	<b>101</b>
<b>Era de noite</b>   <i>Luzalba</i>	<b>102</b>
<b>À Volta da Fogueira</b>   <i>Manuel Martins Ponciano</i>	<b>104</b>
<b>À Volta Da Fogueira Numa Cozinha Escura</b>   <i>Manuel Nunes</i>	<b>105</b>
<b>O Regresso Do Sol Esperança</b>   <i>Manuela Mensurado</i>	<b>106</b>
<b>Em Porto Alexandre, Duas Meninas e um Periquito</b>   <i>Manuela Sabino</i>	<b>107</b>
<b>Pão com Cerejas</b>   <i>Maria Clara Campos Santiago</i>	<b>109</b>
<b>À Volta da Fogueira</b>   <i>Maria da Assunção Bernardo</i>	<b>110</b>
<b>A Vaidade - Alegoria</b>   <i>Maria Fernanda Comenda</i>	<b>111</b>
<b>“Olhó pão”</b>   <i>Maria Helena Pires</i>	<b>114</b>
<b>Manifestação espontânea</b>   <i>Maria Índia</i>	<b>115</b>
<b>Elegia</b>   <i>Maria João Castro</i>	<b>116</b>

<b>À Volta da Fogueira</b>   <i>Maria José Frazão</i>	117
<b>Um Sonho</b>   <i>Maria José Frazão</i>	118
<b>Vamos Vencer o Covid-19</b>   <i>Mário Rodrigues</i>	119
<b>Promoções</b>   <i>Mário Tomé</i>	120
<b>Eu, Hifi! (uma cadela-guia)</b>   <i>Marylu Gerard</i>	122
<b>A Pirilampinha</b>   <i>Melissa Cuadros</i>	124
<b>Covid 19... A Minha Vida</b>   <i>Micaela Morais</i>	125
<b>Memórias De Portugalinegrado</b>   <i>Miguel Correia</i>	126
<b>Rosalina</b>   <i>Natalina Marques</i>	127
<b>A Tia Luz</b>   <i>Olga Resi</i>	128
<b>A lenda de Pêro Boi</b>   <i>Pepita Tristão</i>	129
<b>Flores - da Insegurança ao Ânimo</b>   <i>Renato da Nova</i>	130
<b>Uma vez no Verão</b>   <i>Ricardo Bragança Silveira</i>	134
<b>Liderança em tempos de crise</b>   <i>Ricardo Caldeira</i>	135
<b>Domingo, o meu dia preferido!</b>   <i>Rita Almeida</i>	136
<b>O desejo de Luna</b>   <i>Rosa Quinteiro</i>	137
<b>À Volta da Fogueira</b>   <i>Rosa Santos</i>	139
<b>A Vizinha do 1º Direito</b>   <i>Rosalina Vaqueiro</i>	140
<b>Aquela gaivota é livre... Eu não!</b>   <i>Rosário Ova</i>	141
<b>A Salvação da Humanidade, o Início de uma Nova Era</b>   <i>Rosário Ova</i>	142
<b>Mafalda</b>   <i>Rui Pedro Miguel</i>	145
<b>Os Brutamontes</b>   <i>Sandra Santos</i>	146
<b>Sonhos e Liberdade</b>   <i>Silvina Coelho Patrício</i>	149

<b>A Mosca</b>   <i>Sofia Cardoso</i>	<b>155</b>
<b>Esperança</b>   <i>Susana Galveia</i>	<b>156</b>
<b>Desmistificando</b>   <i>Telmo Montenegro</i>	<b>157</b>
<b>O Golfinho e a Rosinha: Unidos a/em Deus!</b>   <i>Teresa David</i>	<b>158</b>
<b>Colo de avô</b>   <i>Teresa Duarte Reis</i>	<b>159</b>
<b>Mar-Céu-Deserto</b>   <i>Teresa Duarte Reis</i>	<b>160</b>
<b>O Milagre acontece</b>   <i>Tiago Clara</i>	<b>161</b>
<b>A pobre mulher e o caixeiro-viajante</b>   <i>Tiago Salgueiro</i>	<b>162</b>
<b>A Lenda do Escaravelho</b>   <i>Tiago Santos</i>	<b>164</b>
<b>Rascunho do Tempo</b>   <i>Vera Sousa</i>	<b>165</b>
<b>A Voz De Outro Poeta</b>   <i>Vino Silva</i>	<b>166</b>
<b>Estranha Vida</b>   <i>Vino Silva</i>	<b>167</b>
<b>Suspiro</b>   <i>Vino Silva</i>	<b>168</b>
<b>Pandemia</b>   <i>Vitor Manuel Tavares Martins</i>	<b>169</b>

Eram quase nove da noite. Meti na mochila a bata e um saco com uma sandes que nem tinha a certeza se ia comer. Nos pés, umas sapatilhas em pele, velhas mas confortáveis. Uma indumentária que em nada fazia lembrar um guerreiro, no entanto eu estava preparada para partir para a luta. Os dias tinham mudado, as guerras deixaram de ser as mesmas. No tempo dos nossos antepassados, eram os maridos, os pais e os filhos que partiam para confrontos bem reais, prontos para lutar numa frente de guerra. Alguns regressavam, outros não. Uns guardavam sequelas físicas, todos guardavam sequelas psicológicas. Agora tanto eram homens como mulheres, das mais variadas idades, todos prontos para lutar contra um inimigo invisível e comum, que tanto ceifava ricos como pobres, jovens ou velhos.

- Já lhe foste dar um beijo?

Abanei a cabeça e encaminhei-me em passos de lã até à cama dela.

Ela dormia como um anjo, uma expressão de sossego estampada no seu rosto de criança. Mas como se tivesse sido acordada por um pesadelo, abriu os olhos em grande e quase saltou da cama.

- Mamã?

- Está tudo bem - disse-lhe com um sorriso, acariciando os seus cabelos encaracolados. Abracei-a. - Vou trabalhar. Até amanhã.

Dei-lhe um beijo na testa e fiz-lhe cócegas na barriga.

- Prometes que voltas?

Nunca percebi aquela pergunta que ela me fazia constantemente. Se eu voltava? Claro que sim. Voltaria sempre.

- Amanhã fazemos uns puzzles.

- Tens cuidado com o vírus?

- Não te preocupes. - Aconcheguei-a nos lençóis e saí do quarto.

- Não gosto nada dos teus turnos da noite.

Queria dizer-lhe que eu também não. Preferia adormecer nos seus braços e acordar de manhã com uma terceira pessoa, “meia” pessoa, na cama a dar-me pontapés ao mesmo tempo que ressonava.

- Porquê? - ousei perguntar-lhe.

- Sinto-me um inútil. Inútil porque fico a dormir enquanto tu fazes tudo o que podes para salvar vidas no hospital. Aproximei-me dele e sentei-me no seu colo.

- Sabes, cada um de nós salva vidas à sua maneira. Não interessa como, o importante é salvá-las.

Sonhei um pesadelo num sono pesado.

O planeta Terra terá sido invadido por extraterrestres invisíveis que conseguiram ultrapassar a frágil camada de ozono, numa nuvem de partículas infetadas.

A primeira invasão terá ocorrido na China, onde, sem se saber porquê, muitas pessoas apareciam tombadas por terra já mortas.

Em pouco tempo o invasor chegou a todo o lado do Mundo, e a matança repetia-se.

Depois de estudos feitos aos mortos, compreendeu-se que os invasores, desprovidos de órgãos, sequestravam células humanas, encaixando-se e penetrando nelas, para poderem sobreviver e se replicarem. A sua preferência eram as células pulmonares. Para aí chegarem, sem que ninguém desse por isso, infiltravam-se impercetivelmente na garganta, no nariz e até nos olhos para atingirem o seu fim.

Depois de penetrarem, escondiam-se na garganta, e no fundo do nariz, agarrando-se às suas células, até conseguirem passar aos brônquios e logo que possível aos pulmões.

A sua operação de sobrevivência era altamente agressiva para os humanos que morriam aos milhares. Eram-lhes sugados os pulmões, até não conseguirem respirar.

Acordei no pesadelo. Levei as mãos ao peito, respirei fundo, dirigi-me ao espelho para olhar os meus olhos. Tudo estava em perfeitas condições.

Abri a janela. Vi que a rua estava deserta. Lá ao longe alguns homens com fatos integrais, brancos, desinfetavam os passeios e as portas das lojas que estavam fechadas. Parecia uma cidade fantasma.

Caí em mim. O meu pesadelo teve a sua origem num tempo real que eu tinha dificuldade em enfrentar e aceitar como verdadeiro. Eu já estava fechada em casa há vários meses, a cumprir a quarentena.

Na poeira dos sonhos esboço o desenho que me desvincula do  
beijo e do abraço

Medito em afectos, devaneios, desejos e contradições  
Reúno recordações do que não vivi  
Caminho sem caminho.

No cenário labiríntico venero as palavras da gramática da afeição  
Na escuridão declamo poemas, conto histórias e atijo memórias  
Rimas tácitas confiadas à esperança  
Sobrevooo sem asas a imaginação.

O pensamento desata-me as mãos e desafia-me a fazer gestos  
desarticulados

Numa dúbria dilação não te dou o meu regaço  
Frases vagarosas e desordenadas que não irrompem  
Lágrimas que caem, sofrimento que teima em persistir.

Sem me aperceber reprimo os desejos  
Incertezas tão presentes e profundas que só incrementam o meu  
cansaço

São inúmeras as interrogações  
Coração apertado e desalinhado.

Almas desassossegadas que almejam viver e reconstruir  
Gritam ao tempo recente  
Acreditam na madrugada  
O sol amanhã vai nascer.

Todos nós fomos fortemente atingidos, como se de um tsunami se tratasse, por este novo vírus, que inesperadamente colocou o nosso mundo, as nossas vidas, completamente descoordenadas, obrigatoriamente confinados em nossas casas, e assim impedidos de abraçar amigos e familiares. É o que se chama: “o mundo de cabeça para baixo”. Durante anos, o Homem apenas se preocupou em usufruir das belezas deste planeta único, gastando parte do seu tempo a inventar as mais aperfeiçoadas máquinas de guerra, enquanto a Terra agonizava entre elevados níveis de poluição e destruição das florestas, nosso principal balão de oxigênio, tão fundamental para a vida.

No último século assistimos a progressos que, para o bem e para o mal, nos foram trazendo o lado positivo da tecnologia que nos permite avanços nas áreas da medicina, da engenharia, e em tantas outras, mas, no lado negativo trouxe à humanidade uma “desumanidade” sem limites. A luta pelo poder por parte dos países mais ricos, criou desigualdades que nos deveriam envergonhar: Riqueza ofensiva de homens que apenas sabem dar uns toques numa bola, rios de dinheiro para financiamento de bancos com dirigentes corruptos, irresponsáveis e socialmente insensíveis e mega ordenados para administradores e gerentes de empresas, enquanto os bairros de lata proliferam, e milhões de pobres fogem dos seus países em busca de algo que lhes permita sobreviverem com um mínimo de dignidade. Esta pandemia veio pôr à prova o subaproveitamento da capacidade humana e veio também lembrar que todo o Homem é mortal, sem diferença de raças, credos, riquezas ou ideologias.

Termino com este pensamento de Machado de Assis, que traduz a diferença de pensamento entre ricos e pobres: “Há pessoas que choram porque as rosas têm espinhos e há pessoas que sorriem por saber que os espinhos têm rosas”. O nosso futuro será impregnado de rosas, se com humildade dermos primazia à fraternidade. Sejamos humanos “MAIS HUMANOS”, e atingiremos o nirvana da solidariedade universal.

Natália era uma senhora de meia idade, alta magra e com os seus cabelos brancos, agora molhados. Era viúva, mas com um filho que, presentemente, morava na cidade.

Quando entrou em casa, sentou-se no velho banco de madeira que seu avô lhe tinha oferecido, há uns vinte anos atrás! Seu avô, trabalhava com madeira e construía um pouco de tudo, desde brinquedos a algumas peças de moveis. Ele produzia e fazia vários brinquedos, para depois oferecer às crianças da aldeia, só para ter o gosto de apreciar a felicidade que nascia e crescia nos seus rostos!

Natália contemplava, atentamente, as labaredas da lareira que iam mastigando os velhos troncos que ela tinha lá inserido para, desse modo, dar continuidade e sustento às chamas vivas, que os transformavam em brasas! Era, inclusive, onde se secava, pois tinha ido passear debaixo de chuva, quando teve a sensação de que, alguém, chamava o seu nome! Talvez fosse a voz da água do rio corrente, que ao gritar fazia os calhaus dançarem com os peixinhos. Os peixinhos a saltitar, a brincar e cochichar entre eles, e até mesmo, as gotas de chuva tamborinando nas vidraças das janelas e no telhado! Talvez até o som das rajadas de vento ao baterem nas árvores ou a galoparem pelos caminhos desertos.

Porque estávamos no outono e era normal haver esse temporal, dizia para si mesma! Natália vivia naquela casa, perto da margem do rio, desde que se casara, tinha-se apaixonado pela natureza daquele lugar, e não só! Ela fora casada durante vinte e cinco anos com Artur, que era o seu amigo e vizinho mais próximo! Desse casamento nasceu Afonso, seu único filho que, presentemente, morava na cidade, onde casara recentemente e desejava, muito, que ela fosse viver com eles. Natália, em frente à lareira, sempre se recusou e dizia que a vida dela era ali! Pois qualquer vida é, assim, como a água do rio que corre, sempre límpida, à nossa procura, e nós somos, apenas, as margens por onde ela passa, mas sujamo-la constantemente, mesmo sem querermos.

A música é como se fosse água.

Irrompe do centro da Terra, onde existe um alcatruz gigante à hora das salamandras.

A música é como se fosse ar.

Desprende-se do alto da Terra, onde existe um anjo flutuante à hora dos martírios.

Tem pés, e tem joelhos, a música.

Tem pescoço, e tem pálpebras, aquele homem.

O homem segura a partitura e começa a tocar a viola d'arco.

O homem é um aguadeiro, ou também pode ser um fabricante de câmaras de ar.

Ele vai esticando o pescoço e baixando as pálpebras, para tocar com a viola d'arco no musgo da tarde.

O som da música, não encontrando barreiras, inutilidades ou acidentes de quem está pasmado a olhar, passa para o lado de cá deste lado, que é a casa.

A casa, na procura da sua sombra sobre a fragilidade, sacode a água e inspira todos os livros trazidos pelo vento.

A casa é a partitura do nosso estarecimento.

Amplia-se a música, quando diminui a aproximação da casa.

Temos um casaco verde.

As árvores dão-nos sombra e abrem em nós um campo de canções desobedientes.

– Trouxeste o barco? – perguntamos ao homem-tocador que também é navegante.

– Estou à procura do mar! – responde-nos ele, alucinado com o desenho dos pés.

Nos anos quarenta do século passado os meios para detetar uma gravidez eram ainda rudimentares.

Ao que parece o médico, até ao sexto mês, não detetou que a minha mãe estava grávida, altura em que ela foi diagnosticada com um tumor.

A verdade é que eu, ainda na barriga da minha mãe, tinha ouvido dizer aos meus pais que naquela altura não queriam mais filhos e que talvez viessem a ficar apenas com a minha irmã que já tinha 6 anos.

Assim que eu ouvi essa conversa resolvi enrolar-me bem enroladinha e ficar muito sossegada de modo a que a minha mãe não sentisse qualquer movimento e o estetoscópio do médico não ouvisse o meu coração a bater. Assim aconchegadinha passei seis meses.

Um dia ouvi o médico dizer que a barriga tinha crescido e por isso iria operar a minha mãe.

Fiquei em pânico e nessa altura mexi-me tanto a pedir socorro que o médico foi chamado à pressa e para surpresa de todos, exclamou:

Estou a ouvir um coração, você está grávida, não é nenhum tumor, mas um bebé! Parabéns, vão ser pais pela segunda vez. Os meus pais ficaram felizes e eu exultei de alegria. Tinha valido a pena o meu sacrifício.

Nasci no dia 10 de junho de 1942 no dia de Camões. O meu pai queria que eu fosse Natércia, mas ninguém quis aceitar, a minha madrinha queria que eu fosse Maria João, mas ninguém quis aceitar, o meu pai quis que eu fosse Anabela, mas no Registo não quiseram aceitar e então ficou decidido que o meu nome seria Ana Bela. Desse modo começou a minha vida que já dura há 77 anos. Uma vida que, como todas as outras, teve e tem coisas boas e coisas más.

O que vos posso dizer hoje é que valeu a pena ter-me escondido no ventre da minha mãe durante os seis primeiros meses da sua gravidez.

Abri a janela e tudo estava diferente. Decidi não ter pressa para nada, pois por ali já não havia muita gente.

Podia apreciar a vida sem horários e sem relógios, sem a urgência do amanhã! Era no agora, que devia ter tempo para ser feliz, era hoje que devia ter, o que sempre quis!

Através da minha janela observei todos aqueles pássaros que sobrevoavam sobre mim, a cantarem a música da liberdade. Nesse dia a minha vida ganhou um novo sentido e também um novo rumo.

Eles estavam felizes não porque eu estava “presa” entre aquelas quatro paredes... mas porque naquele dia, tinha todo o tempo do mundo para os ouvir cantar.

Era o meu tempo que os fazia feliz, algo tão simples quando se aprende a voar! Eu nunca ganhei asas é certo, mas com eles viajei mesmo sem sair do meu lugar.



Inicialmente todos começavam por “Era uma vez”...

Páginas e páginas de palavras encantadas culminavam em histórias fantásticas, personagens mágicas: monstros, príncipes, princesas e dragões. Sorvia-as todas! Avidamente, na esperança de alcançar o tão desejado desfecho. Ao final do dia, descalça, brincava na companhia do irreverente Tom Sawyer. Aventurávamo-nos em fascinantes descobertas e mistérios, quase à semelhança d’ “Os cinco”. Na transição da infância para a adolescência, recordo-me de me ter perdido num “Amor de Perdição”. Nesse “Desassossego” deambulei pelos angustiantes sonetos de Florbela Espanca. A minha sede de aprendizagem floresceu, e as palavras continuaram harmoniosamente a desenhar-se em imaculadas páginas em branco. Diria que estavam à minha espera. Entrei nos descobrimentos pelas mãos dos “Lusíadas”. Desdobrei oceanos à proa de caravelas portuguesas a navegar à bolina. Desbravei continentes. Bati-me na Revolução Francesa, com a garra e a convicção de qualquer um dos mosqueteiros de Alexandre Dumas. Acompanhei a Revolução Industrial, no país que seria também o berço de William Shakespeare. Senti na alma os efeitos nocivos da 2ª Guerra Mundial através do olhar Anne Frank. Aprendi a evolução das espécies enquanto viajava com Darwin pelas inebriantes Galápagos. Descobri que “Os Maias” para além de uma antiga civilização, era também uma das obras mais conhecidas do escritor português Eça de Queiroz. Partilhei os cadernos de Leonardo Da Vinci, fui aprendiz de Miguel Ângelo e ergui os moinhos de vento que inspiraram o D. Quixote de Cervantes. Encontrei parte dos meus valores nas emoções retratadas no “Príncipezinho”. Esbarrei com a religião em “Conversas com Deus”... Entre vocábulos, termos, locuções, expressões, frases, e orações tornei-me mulher.

Hoje, dispostos em pequenas estantes, no seu todo formam a Minha biblioteca.

Descansam, agora, os livros da minha vida. Não troco por nada, as já gastas capas, de tanto manuseamento. Não troco por nada, o cheiro das suas folhas. Aguardam solenemente, como se fossem sentinelas do conhecimento. Quando toda a areia escoar do relógio, todos os que restarem serão o espólio da minha vida.

Às vezes sinto pena de mim própria. Não tenho razões para isso, mas sinto. Deambulo nos meandros da medíocre pobreza de espírito da mente humana, crente que estou ladeada por muros de betão armado, sofregamente erguidos pelas minhas emoções. As contidas e as sentidas. Nessas ocasiões rendo-me facilmente à armadilha da autopiedade. Percorro as ruas da insegurança e hesitação, onde os lampiões já perderam a luminescência e os sentimentos têm brilho de estrelas cadentes. Perco-me nessa letargia, sem qualquer capacidade de responder a estímulos externos. Perco-me nas labirínticas sensações em que me envolvo e que só servem para aumentar o peso da existência. Visto-me de fragilidades e inferioridades sem me dar conta que permaneço numa espécie de casulo que me limita e impede de seguir em frente. Estas insalubridades da minha pena conduzem-me numa viagem que não leva a lugar nenhum! Não vale a pena perder tempo a criar, a imaginar e inventar obstáculos que têm de ser superados para viver e crescer. Depois... escarafunchado esse brejo de inconsistência, descubro em mim as verdadeiras virtudes da minha essência, e lembro-me que a vida faz-se andando. De rojo, de rastos, de empurrão, mas andando...

A felicidade não se constrói com alicerces de lamentações ou de vexadas contrariedades. Estes, deverão desfazer-se na poeira do tempo. Sim, a vida tem complicações, e? Paredes meias com elas convivem os sonhos, os ideais, tudo aquilo que desejamos. Só temos que aprender quais são. Lutar por eles! De que adiantam os sonhos, os objetivos, se por detrás destes não existir a nossa determinação e comprometimento? O sonho sem ação é apenas uma fantasia. Se não fizermos nada para que este se realize nada acontecerá. Um objetivo, não passará disso mesmo se não houver empenho. É certo que não nascemos com um manual de instruções para a vida, mas somos todos únicos, com um só propósito, sermos felizes! Se nada fizermos por isso, ninguém o fará por nós...

E assim vai-se a minha pena... Sabem que mais? Eu sou um ser incrível, por isso, não é digna de mim!

Amanhece lá fora. O sol desperta sem medos. Irradia de luz e energia tudo em seu redor. Cá dentro a penumbra. Não quero que amanheça! É só mais um dia. Um dia, igual a todos os outros dias. Quando menos esperar chegará o medo. Esse medo que me enrodilha numa teia de aranha. Dissemina e esfarrapa-me... transforma-me. Sou apenas um corpo que perambula no vazio. Não quero que amanheça! Não quero sair à rua! Não quero que me vejam! As marcas vincadas no corpo não me desmascaram, mas, se calhar ouvem-se os gritos através das paredes... eu ouço-os. Martelam-me a mente como trovoadas que aparecem de repente interrompendo a surdina. E, o medo... Tornou-se a minha sombra, fez-me sombra de si, sempre presente... Lapida-me à forma de vítima admoestada que se perde num labirinto. Degrau a degrau, prolifera. Empurra-me para a escadaria que conduz ao inferno. Quanto mais subo, menos sou. E essa misoginia encapuçada espalha-se como erva daninha. Esse medo... funde-se em mim como brasa que queima e ferve por dentro, com muitas faces, muitas formas, infinitos canais... Sobrevive à conta do meu silêncio. Sou cúmplice nesse silêncio. Cúmplice porque viro o rosto, fecho os olhos. Mas sabem, às vezes o medo não aparece. Nesses dias fantasio, imagino! Por uma fração de segundo, saio das trevas, entro no inebriante mundo de príncipes e princesas, onde o final termina com um "foram felizes para sempre". Fico confiante que tudo vai mudar...

Levanto o olhar da tela onde me prendo... não muda nada. Dou o corpo às balas. Encolhem-se contra as paredes que partilham, no seu mutismo, as lágrimas que choro baixinho...

Amanhece lá fora... quase um tardio amanhecer...

Não! Hoje, não! Hoje, eu quero que amanheça! Basta!

Não quero mais, ser aquele barco que andou à deriva, ancorou a alma na ausência dos sentidos, no vazio das emoções, coberta por um manto de obscuridade. Nascem agora pontinhas de esperança, essa esperança que é o impulso da vida. Vou deixá-la pulsar. Vou viver. Vou ser feliz. Sem medos. Liberta!

Na areia de ouro um sonho desenhei,  
Longe ao abrigo das ondas do mar;  
Do vento escondido naquele algar,  
Em sombrio recanto que só eu sei.

E desenhei um sol resplandecente  
Por detrás das dunas a adormecer;  
De um cacto uma papoila a florescer,  
No alto a passar uma estrela cadente.

Dois caminhos unidos eu tracei  
Pelo infinito deserto, sinuosos;  
Das frescas águas do oásis desejosos,  
Da sombra das palmeiras que eu criei.

Tu e eu, lado a lado, dois caminhos,  
Como duas madeixas entrelaçados,  
O leão e a gazela enamorados,  
Para sempre unidos nossos destinos.

Meu sonho desenhei na fresca areia,  
No algar sombrio meu tesouro escondi;  
No meu coração, lembrança de ti  
Mais quente que o Sol é o fogo que ateia.



Eu deveria ter uns oito anos de idade. Sei que tinha chegado das aulas e preparava-me para ir brincar para o jardim quando fui ter com a minha mãe e perguntei-lhe:

- Gostas de mim, mãe?

Ela deixou o que estava a fazer, limpou as mãos ao pano da cozinha e abraçou-me. Junto ao meu ouvido segredou gosto muito, muito, minha filha, parece que a estou a ouvir.

- Como quê, mãe? - continuei eu.

- Como das estrelas do céu! - disse muito depressa.

- São tantas, mãe! Tu, nem as podes contar!

- O meu amor por ti também é assim. Não se pode contar nem medir.

Jamais esquecerei. Naquele dia senti um amor tão forte que ainda hoje acalenta o meu coração.

Recordo-me que isto aconteceu porque tinha que fazer um texto sobre a minha mãe para apresentar à minha professora.

À noite, mostrei o que escrevera à minha mãe. Ela contou-me da sua infância, do seu casamento, da alegria que sentira ao nascer cada um dos seus filhos, dos seus gostos e até me falou da sua vaidade no tempo da sua juventude. Falámos tanto nesse dia!

Fui para o meu quarto e acrescentei mais frases à minha composição. A professora, no dia seguinte, elogiou o meu texto dizendo que estava muito completo. Senti-me agradecida. A folha do meu caderno estava cheia! E agora escrito pela letra da minha professora, no canto superior direito, mesmo ao lado do título *A Minha Mãe* eu podia ler: *Muito Bom*. Guardei sempre aquele trabalho.

Para falar verdade, hoje reconheço que a minha mãe não me confidenciou os seus segredos, escondeu-me os seus sofrimentos e esqueceu-se de enumerar os seus sonhos. Com certeza que alguns deles ficaram por realizar. Mas, compreendo que naquela ocasião o que me disse foi o mais importante para mim.

Reconheço que a vida de uma mãe poisa no colo de cada um dos seus filhos e netos e as histórias que se contam de geração em geração estão escritas num livro aberto a que eu chamo *Vida*.

Lembrei-me das férias numa das ilhas para lá do horizonte, onde rir, cantar e dançar é vida, sem se esconder por trás de montes, montanhas de preconceitos ou complexos matreiros.

A gente de lá, expressava os sentimentos e oferecia-os aos ventos... E ela. Toda a poesia que levava no peito, a partilhava com carinho e jeito. Cantava com uma violinha de madeira barata e alguns berloques nos pulsos coloridos e melodiosos.

Senti as notas esvoaçarem por entre os dedos e cordas tensas pelo conhecimento, ritmos endiabrados de séculos de liberdade roubada, cheiro a café e terra lavrada e a grogue. Bebida de açúcar, rum e água, que embriaga a tigela de cachupa bem temperada.

A areia ainda morna sob os pés, a água do mar amena, convite suave ao abandono... E o cheiro da lenha a arder, aroma de alambique a ferver, em casas de areia e cimento. Labaredas controladas por pedras arrumadas em volta desse leito... E nós.

Éramos uns quantos e fomos sendo bastantes, todos carentes de partilhas, de momentos de mistério e contos inventados e assombrantes.

Ela levantou-se e com o mini cálice inebriante na mão, contou-nos uma lenda. Os cabelos soltos despenteados, a saia minúscula de folhos de renda, na pele a cor do amor, de sol ao se pôr, entre as nuvens de calor... Voz suave, mas profunda, contou-nos uma vida de aventura.

Sem desprender os olhos de nós, ela avançava felina por trás.

Quando poisava a mão sobre um ombro, fazendo estremecer qualquer soldado avisado... Ria.

E eu bebia as suas palavras encantadoras, enfeitiçantes, portadoras de mentes, de dias, de pecados de gentes, que por ali viveram, cresceram e padeceram... E pelo fim da lenda, ainda por lá andam, disfarçados de anjos, que levam das sereias, dores de desamores por pescadores.

E de morna, a areia deixou-nos a música, sentida e cantada por todos no fim da lenda.

E eu... Sonhei... Ser a alma que tocará seus cabelos e o jeito de perfumar o mundo, dançando por entre seus sussurros e risos, o seu manto crioulo, uma nota ondulada pela maresia e o vento.

Sim sonhei...

Podia ficar horas a ouvir a avó Maria falar e o avô Manuel. Tudo o que eles diziam era suave e tinha ainda mais doçura dito pelas rugas e cabelos brancos de ambos. Era amor o que se ouvia ali ao pé da fogueira, fosse que história fosse e demorasse o tempo que demorasse. Aliás, ali não havia tempo nem forma de o contar, nem ele queria contar o tempo não fosse a mãe aparecer mais cedo para o ir buscar. Assim deixava-se estar a embalar no calor da fogueira, nas histórias e nos jogos de cartas... Podia ser que a mãe demorasse mais tempo.

Não havia muita coisa na casa dos avós. Um colchão de palha e café de cafeteira. A avó comprava tulicreme e açúcar para o café quando ele ia lá e podia ir ao rio pescar com o avô. O avô ensinava-lhe os nomes dos peixes e dos cogumelos que estavam no caminho e das flores e dos bichos e podia ir com ele apanhar a resina dos pinheiros. O avô nunca se chateava, nem quando ele carregou por engano as pedras todas na rede até casa, nem quando fazia traquinices. O avô sorria.

Quando o sol se punha vinha o cheirinho do café e da fogueira, dos avós e do amor que ali havia. Nunca foi preciso tulicreme mas a avó gostava de comprar e ele comia com satisfação. Mesmo sem essas coisas que a avó comprava continuava a ser o seu sítio preferido. A avó tinha cabelo muito comprido e todo branco que enrolava todos os dias na cabeça com gestos ágeis. O avô tinha a barba branca como a sua estava agora a ficar.

Talvez tivesse decidido deixar a barba crescer por causa do avô Manuel, ou por causa de um professor que era padre e tinha também barba muito comprida cheia de sabedoria... Talvez...

Agora era ele que se sentava à cabeceira da mesa e olhava os filhos e a mulher. Tinha uma família reconstruída como dizem agora, os meus, os teus e os nossos. À mesa sentavam-se seis agora e em breve seriam sete. A todos queria bem e a todos dava os mesmos conselhos, contava as mesmas histórias, com o mesmo amor.

Em tempo de pandemia e confinamento havia sempre alguns dias mais difíceis. Nesses dias as recordações eram normalmente mais fortes mas eram também essas memórias que o inspiravam. Um dia haviam de ser velhinhos os dois, assim com cabelos brancos e muitos

netos a correr e a pandemia ia passar e tudo ia correr bem. Para já estavam em casa, respeitando as educações que ambos receberam e tentando fazer o melhor para as transmitirem às suas crianças e jovens.

A fogueira é um espírito. É o espírito dos avós e do café e do amor que por lá passa. Mesmo sem fogueira, pois já nem de lareira começa a ser tempo, o espírito perdura através das sementes que se vão plantando. A união, a amizade, a cooperação. Só através de laços e valores fortes vamos conseguir ultrapassar as dificuldades; incluindo a pandemia, acreditava ele.

Às vezes sentado à cabeceira da mesa cheirava-lhe a café e a terra molhada; ouvia o crepitar da fogueira e podia jurar que os cabelos de ambos já estavam brancos. Depois olhava para os mais pequenos e para os maiores e para a barriga da mulher que crescia e pensava... Estamos no caminho!

O Sol nasceu junto da brisa do Mar, tão lindo e poderoso, que para mim era um sonho de Menina. Pequeninina e sem muito com que me preocupar. Estava de férias, na praia da Nazaré era pequena e muito feliz. As ruas cheiravam a mar, os peixes a secar nas suas redes, depois de uma noite aterefada no Mar. Não se viam pescadores, estavam a descansar.

As Varinas tinham trajes que eu nunca mais me esqueci, 7 saias e muitos cordões de ouro ao pescoço, para mim pareciam bonecas e gritavam, gritavam muito... Como se o peixe fosse acabar.

Estava feliz, fui feliz ali naquele lugar. Era o Paraíso, um mar infinito de tanto que me podia dar. As pessoas caminhavam numa grande multidão. Quase que nem conseguíamos andar.

Eu queria ser como elas, e pensei. Sou crescida! Vou largar a minha mão! Sem saber o perigo, foi isso que fiz.

Mas... Quando me vi sozinha com tantas pessoas a passar, fiquei perdida, não via a minha família, estava sozinha. Olhei para todos os cantos, muitas lojas, muitas pessoas, senti pânico e comecei a chorar.

Mas de repente apareceu alguém. Não me perdi, simplesmente me deram uma lição, essa que ficou guardada para sempre no meu coração.

Continuei o meu passeio, era tudo tão lindo que nem queria acreditar. Estávamos a metros da praia... Estava muito feliz.

O som das ondas a bater na areia era algo tão bom, que se sentia no peito. A brisa que caía no rosto fazia sonhar e acalmar. Era mesmo um sonho. Adorava brincar na areia, no entanto, a água era o meu sufoco.

Brinquei muito, muito, até com um gatinho indefeso. Tinha medo dele, estava preso por uma corrente. Sei que queria brincar, só que eu ficava assustada, e não me aproximava dele.

Devagarinho aproximei-me dele e tentei sufocá-lo. Todos entraram em pânico, o gatinho não era nosso, e eu só queria que ele não estivesse ali. Acabei por ficar amiga dele.

Até era fofinho e meiguinho, só queria brincar. Mas tudo ficou bem. Senti a brisa. Brinquei muito. Fiz castelos de areia, consegui ir para a água brincar. E hoje sei que com pouco podemos fazer muito.

Vivemos momentos difíceis, que com a nossa força de vontade, fé, união e esperança vamos conseguir ultrapassar estes tempos.

Lá fora nas ruas o silêncio ordena.

Os passeios estão vazios.

Os semáforos iluminam a esperança na estrada da vida... E quando vacilamos, a cor muda para nos chamar à atenção.

Está tudo tão quieto que assusta...

Os tempos são difíceis mas, esta é uma fase tão importante para o nosso coração...

Dentro das casas o amor aumenta a cada minuto que passa.

As Famílias reinventam-se em prol de um futuro melhor.

Estamos a aprender a ter calma.

Estamos a aprender a olhar para o outro...

Estamos a aprender a sermos melhores pessoas...

Esta é a altura de fechar os olhos e no silêncio da nossa casa recordar as nossas vivências, as nossas atitudes, as nossas reações...

O tempo é de mudança e... ainda estamos muito a tempo.

Acreditem que quando as portas se abrirem um abraço vai nascer, um sorriso vai surgir e, tão importante, uma lágrima vai cair de felicidade...

Na vida apenas o amor é importante, reparem como a nossa vida se adaptou à nova realidade...

Os dias são passados apenas com coisas indispensáveis.

O ouvir com atenção a gargalhada daqueles a quem demos a vida...

E é tão bom vê-los crescer sem noção dos silêncios ensurdecedores do outro lado da janela...

Menina que estás à janela. Porquê esse sorriso triste? Porquê esse ar de quem sabe para onde não vai? Estás pausada no tempo em que mais precisavas de correr, de brincar. Prisioneira. Confinada entre paredes que te protegem para que o futuro não te falte.

Menina que estás à janela. Continua a ver. A olhar para dentro. Regista na tua memória, o tempo em que tiveste de parar, sem parar de crescer. Cresceste mais ainda. Mesmo sem o saber. Aprendeste a importância de respeitar um bem maior que é sobreviver. A tua liberdade ainda te pertence. Só está, por ora, suspensa. Parada num hiato de tempo para que possas, segura, um dia, regressar. Esse dia vai chegar. E tu, cá estarás para o celebrar.

Menina que estás à janela. Vê o sol. Vê a lua. Observa as estrelas. Em casa é onde melhor podes estar.

Sei que queres brincar. Tens amigos à espera. Há tanto que queres fazer. Não te bastam os ecrãs, sem o abraço sentido da amizade. Quando o sol brilha forte, recordas-te do mar. Do verão quente que tarda a chegar. Quando chove, ficas ainda mais triste. Mesmo que não possas sair. Os raios de sol alegram-te. As nuvens cinzentas que choram baixinho pesam-te na alma. Mesmo que algumas te pareçam alegres unicórnios saltitantes, pedaços fofos de algodão doce.

Menina que estás à janela. Também estou deste lado com sonhos para libertar. Quero dar-lhes asas, deixá-los voar! Estou num limbo, pausada por um inimigo invisível que me prende o pé, acorrenta a liberdade. Mesmo paradas, a vida continua a pulsar. O calendário perde folhas. As horas correm, ora apressadas, ora mais devagar. Alheio à nossa vontade, o tempo avança sem piedade. Nada para. Nem nós. Mesmo paradas.

Menina que estás à janela. Todos os dias te vejo. Sei que desse lado também me vês. É assim que te vou recordar e numa qualquer fogueira ainda por atear, esta história irei um dia contar...

Era uma vez uma menina que estava à janela e que cresceu, sabendo que por vezes parar é a melhor forma de continuar...

Saio de casa e misturo-me com a cidade, misturo-me primeiro com o sol que me aquece a cara morna, misturo-me com os cheiros, com os sabores da cidade.

Cheiros novos beijam o meu corpo, novos odores que só são novos porque eu sou novo e tudo me parece novo. Hoje sinto-me como se tivesse acordado há pouco de um sonho para outro ainda maior.

Da chuva de meteoritos não vi muito, umas três ou quatro estrelas cadentes apenas, mas que me encheram a alma e a mente de uma maravilha profunda. Maravilhado por toda a vida que explode em nosso redor e toda a vida que passa dentro de nós. Por essa razão hoje me sinto como novo, aberto a novos amigos - novos cheiros e sabores desta cidade, não é grande cidade, mas é a minha.

Da nossa chuva de estrelas cadentes eu não perdi um único segundo! Recostei-me e observei, no espanto de quem se vê envolvido num espetáculo imenso! - Quando aquela música nos toca, aquela fala no filme nos move... Apenas com um sorriso, esse sorriso que ainda se encontra poisado nos meus lábios e que teima em não sair.

E ando por essas ruas, desconfiado de que o destino ou o fado ou o correr da vida me impelem para algum lugar. Desconfiado que tudo conjura para formar um futuro - um futuro meu.

Coisa engraçada, os cheiros. Não pensei amar tanto os cheiros do mundo, os perfumes, o teu perfume...

E ando por essas ruas, espreitando cada esquina por esse mundo novo, esses momentos únicos que se fazem e desfazem à nossa frente.

Só peço para sempre ter a ousadia de aproveitar esses momentos, esses cheiros - reconhecer a vida que anda em nosso redor e é linda! Conhecer esse perfume e esse sabor... Ver as estrelas.

Hoje sinto-me assim. E ainda bem!

E a culpa é da vida!

Tão cedo e já fazia calor. A viagem prometia, sempre. No banco de trás outra viagem acontecia, sempre.

A distância em quilómetros, dos queridos avós, ia ficando cada vez menor. Era quase um dia que acompanhava as histórias contadas a olhar para as formas das nuvens ou para as placas com os nomes das aldeias, vilas e até cidades. Já chegámos? Era a frase que gastávamos antes de: falta muito? E, sim, parecia faltar sempre mais à medida que o sol subia a pique e a imaginação fugia pelas janelas do carro.

De improviso, com a calma no horizonte, lá saciávamos o apetite. Havia um vagar que nos dizia que a estrada esperava por nós. Naquele esticar de pernas ainda havia tempo para arriscar uma foto e daí a uns dias logo se conheceria o talento do fotógrafo.

Naquele tempo, em que as horas do relógio do carro eram vistas por todos, as que eram vistas do banco de trás pareciam não avançar. Mas também quando se espera por algo que se quer muito as nuvens com formas são poucas e as placas de outras terras também.

As canções do Rui Veloso rodavam na cassete que fervia à medida que os quilómetros se somavam. Mais um coro desafinado, por companhia, enquanto o dormir dava folga. E que calor! E que barulho ensurdecido do vento a viajar em corrida connosco. Às vezes o banco de trás era muito pequeno, outras vezes muito grande e lá escapava: já chegámos? Ainda falta muito?

No banco da frente as vozes calejadas respondiam: está quase! Sabido que não, faltava ainda muito sol para avivar ainda mais aquela ansiedade de todos os verões: desfrutar de umas férias grandes na terra dos avós.

Nessa altura, as férias eram mesmo grandes. Os dias eram mesmo para fazer muitas coisas e tornar as memórias ainda maiores. Havendo tempo tudo se torna eternamente maior.

E o viajar, por maior que fosse, fazia-se sem o aviso, aos avós, que o quase estava mesmo quase. E naquela penúltima curva transmontana os olhares mais esperados chegavam: lá em baixo, os avós já acenavam!

aninhada sobre o rio  
a cidade cinza na coada luz cidade  
liberal e burguesa  
de trabalhadores e mercadores  
perdeu o ruído da sua gente  
nas ruas becos e vielas  
num silêncio estranho  
os pombos debicam a tristeza  
levantam voo de repente  
nas pedras de granito  
da Ribeira ressoam ecos de antanho  
outras pestes outras dores  
sem barcos sem velas  
o Porto aguarda à morrinha e ao frio  
o momento de libertar seu grito  
de renovada liberdade

**Cidades Invisíveis** | *António Manuel Lopes Dias*

perguntas-me tu Senhor Kublai Khan  
para qual destes futuros nos levam  
os propícios ventos  
pois sabeis que uma Sibila te diria  
“vejo duas cidades: uma do rato  
outra da andorinha” e todavia  
séculos depois de séculos a cidade do rato  
é uma andorinha cujos lamentos

se escondem sob as pálpebras pesadas  
das suas gentes por isso te aviso  
ó Senhor Khan que debaixo da andorinha  
o rato caminha e as cidades serão arrasadas  
porque a sua relação não muda  
apenas o tempo as muda mas para que o siso  
te lembre ó Kublai Khan ambas estão no teu atlas  
no meio de uma paisagem na branca luz do nevoeiro  
podes vislumbrar no catálogo das formas  
as cidades sem nome primeiro  
mas um dia serão andorinha porém  
quando no teu catálogo perderem as normas  
da andorinha virá a cidade do rato e ninguém  
pode negar que te ameaçam nos pesadelos e maldições  
as cidades em forma de vazios:  
Hiroshima ou Mauthausen também  
em forma de Pripjat cidades fantasmas diluídas  
em fogo as cinzas subindo aos céus poeiras mortais  
gente morrendo da nova peste de séculos  
ó meu Senhor Khan deixai toda a esperança  
pois súbitas tempestades e vendavais  
com força bruta farão surgir a cidade do rato  
levando consigo seja homem mulher velho ou criança  
criando os vazios do que foi a cidade em forma de Beira  
ou da cidade de Wuhan e tantas outras postas em quarentena  
num mundo global Paris Madrid Milão Roma Lisboa  
desertas ficarão e onde os pássaros são pessoas  
não viverás assim as formas perdidas  
das novas e antigas cidades ruidosas ou serenas  
serão horrores nas memórias e nos corações nos ais  
que se desvanecem desfazem e correm como rios  
para o mar do esquecimento:  
essas cidades não as acharás jamais  
apesar de nos roerem o pensamento

O João das Asas – das Asas porque sonhava voar – era um homem com uma visão para além do que era comum na época em que ele vivera e na Aldeia onde nascera. Analfabeto – tanto quanto julgo saber –, um dia meteu na cabeça que havia de construir um avião e que este voaria sem precisar de usar combustível.

Foi pensando, pensando, desenvolvendo projectos e mais projectos, mas os sacanas dos protótipos que fora fabricando eram desleixados e nem sequer se davam ao trabalho de levantar do chão a ponta do focinho.

De projecto em projecto, de frustração em frustração, eis que é chegado o dia em que ele se convenceu que o seu invento, a que acabara de dar forma, tinha pernas para andar. Que é como quem diz: tinha asas para voar. E vai daí, não perdeu mais tempo. Colocou-o carinhosamente em cima do parapeito da varanda da casa onde habitava, chamou a sua mulher para o ajudar a entrar na caranguejola, e uma vez ali instalado pediu-lhe para empurrar o aparelho, acreditando que, com o impulso resultante da força hercúlea da sua esposa, o passarão não se recusaria a voar. E enquanto esperava que a esposa o empurrasse, já se imaginava a planar sobre os campos verdejantes que enfeitavam a paisagem campesina, descendo do Lugar de Barrega para Borba, atravessando as margens do rio que corre ali ao fundo da Igreja, continuando a sua alegre viagem sobre o campo do cavalo morto, passando pelo Largo da Mota, e, quem sabe, indo aterrar algures ali para a zona do Porto, pois já nessa altura tinha sido inaugurado o aeroporto de Pedras Rubras e ele desejava ser pioneiro nas viagens entre o lugar de Barrega e a Cidade Invicta. E depois logo se veria se daria para continuar até outras paragens mais longínquas. O Brasil, por exemplo. Pois se tanta gente daquela terra emigrava para o Brasil, quem sabe se ele teria sucesso e criaria a sua própria companhia de aviação, de modo a facilitar a ligação entre estes dois pontos do oceano atlântico?

Só que ele contava com a ajuda dos deuses para obter sucesso na sua aventura, mas naquele dia eles não estavam disponíveis para o ajudar. O avião despenhou-se e arrastou consigo o seu criador e a esposa

deste, ficando totalmente destruído e provocando, nos seus corpos, mazelas que lhes haveriam de recordar para toda a vida o resultado de tão complexo e desafiante empreendimento.

Os seus sonhos morreram ali, juntamente com a sua obra de arte, tendo sido sepultados, dentro do mesmo esquife, no quintal que tantas vezes lhe servira de pista de ensaio para a simulação de levantamento e de aterragem das suas aeronaves.

Não obstante o seu insucesso, acho que a aeronáutica de hoje em dia deve muito ao seu espírito empreendedor, porque se ele tivesse tido a sorte de ter nascido no seio de uma família que lhe proporcionasse aprofundar e desenvolver as suas capacidades técnicas e científicas, talvez o Gago Coutinho e o Sacadura Cabral não fossem hoje mais famosos do que ele.

### *Parte um, o boxe*

É tudo uma questão de pulso, pensou Katumbi, enquanto armava o golpe. E depois.

*“O soco que tu não acertares, é o que vai dar a vitória ao teu adversário”*

Era o que estava escrito no quadro pendurado no ginásio mambembe, nos fundos de um pardieiro na Riachuelo, um sobrado que acabava colado ao morro, com o ringue a rematar na vegetação exuberante do mato.

Continuou a preparar o golpe, porque podia muito bem ser o seu último golpe.

Na verdade, já andava há muito tempo com o cheiro da lona nas ventas, tantas vezes ia lá baixo. Só que se agora acontecesse de novo, o seu nome saía do cartaz, da porta do ringue do Catete.

E o resto também explicava o treinador, com berros de valentia para os vencedores, e sorrisinhos para os vencidos.

Cada lutador tem um determinado número de ganchos por combate. Mas cada gancho dado no ar, sem acertar o adversário, enfraquecia tanto o lutador, que ele quase que já nem precisava de adversário para perder.

Falhou o golpe. Estava à mercê do outro, porque para além disso tinha os pulsos fracos.

### *Parte dois, a estiva*

Catumbi, escreveu o seu nome na ficha que o recrutador lhe passou para a mão, naquela madrugada vaporosa no cais.

Tinha deixado o Katumbi agarrado ao cartaz do boxe, à porta do ringue. Aquela pessoa tinha acabado, e tinha nascido outra, que agora precisava de ser recrutado para descarregar aquele cargueiro belga.

Para o empregador era completamente indiferente como é que ele se chamava. Se ele tivesse escrito na ficha, D. Pedro, imperador do Brasil, talvez o homem lhe tivesse perguntado, o primeiro ou o segundo. Pelo costado dos homens que se espalhavam por cima da sacaria de linho cru, à hora de descanso do almoço, passavam as sacas de setenta quilos.

Carregar nem sequer era o pior. O pior mesmo era colocar às costas. Levantar desde o chão, puxando.

Ele aproveitava a hora do almoço para caminhar pelas redondezas. Ao longo do cais, pela Rua Acre, das pensões, morro da Conceição, Praça Mauá, onde às vezes era possível vislumbrar um artista à porta da Rádio Nacional.

A maior força era feita para puxar a carga para cima do lombo. Depois nem era tão difícil assim; do cais para o navio, do navio para o cais.

Era preciso um pulso vigoroso, porque o movimento tinha que ser feito todo de uma única vez. Do chão, upa!, para o lombo.

Se ficasse a meio tinha que voltar para o chão, e depois era bem pior.

Quantos mais upas!, mais sacos, e mais dinheiro ao final do dia.

E o pior mesmo era a multidão que todas as madrugadas se reunia na Praça dos Estivadores, na Saúde, para arrumar um lugar. O respeito daqueles que ainda se lembravam de si nos cartazes do boxe, espalhados pela cidade, vinha a diminuir.

E ele tinha os pulsos fracos, era o que era.

Todos recebiam uma parte do salário dos que entravam. Até estes passarem a receber a parte dos novos acabados de entrar.

E com ele a carregar cada vez menos sacas, perdiam todos. Ele e os companheiros. Era o que ele ia pensando, enquanto olhava para a saca aos seus pés.

Se ficasse a meio, daquela vez ninguém ia compreender ou ter pena.

Primeiro tinha-se pena daqueles que não conseguiam, e depois compreendia-se porque é que não se tinha força, e finalmente, no outro dia mandava-se vir o nome seguinte da lista.

O mais que ele conseguiu foi fazer upa. Mas um som tão fraquinho, que só podia dar naquilo mesmo.

A saca ergueu-se uns palmos do chão, e teve que ir para cima do joelho. Era sabido que quando uma saca ficava em cima de um joelho, já não ia subir mais não. Já não ia para cima do lombo, porque a distância para o chão era mais pequena do que para as costas.

Aquela saca já não ia para as suas costas, já não ia ser carregada, e ele já não ia voltar no dia seguinte.

### *Parte três, a graxa*

Nenhum freguês ia acreditar que tinha os sapatos engraxados, antes de ouvir o couro a chiar, puxado pela flanela, até ficar a brilhar.

Pensou Catú. E ainda batucavam na caixa, e os fregueses iam no balanço. A Praça Nossa Senhora de Copacabana era uma indústria imensa de engraxar sapatos, sem telhado. À chuva, ao sol e às estrelas.

Tinha que ser assim mesmo, porque havia fregueses que engraxavam os sapatos duas vezes ao dia. Tomavam banho duas vezes por dia, trocavam de terno, e engraxavam os sapatos a seguir.

E havia os que vinham para ouvir uma boa batucada. Quem sabia se o samba daquele carnaval não saía dali mesmo.

Sambas imortais tinham saído de caixinha de fósforo, de caixa de engraxate, e de latas de azeite. Mas ele, só queria mesmo era ser capaz de engraxar. E ainda havia os melhores, os bambas. Esses faziam o som da cuíca com a flanela a chiar em cima do couro dos sapatos. Era preciso pulso. Às vezes saía uma batucada danada. O bamba na cuíca, e os outros a acompanhar com a batida da escova nas caixas. Ele só queria engraxar. Conseguir pôr a flanela a chiar.

E estava tão cansado. A noite estava quase a chegar, e sem fregueses, quando isso acontecesse, ele ia escorregar para o relvado que havia debaixo de uma jaqueira, e esperar por qualquer coisa que ele nem sabia bem o que era.

Que se danasse a caixa. Estava tudo seco, por falta de uso. A graxa parecia o barro das lagoas quando a água descia, e a flanela estava mais dura que o couro dos sapatos.

Para aquilo era preciso pulso.

Arrastou-se até à jaqueira, deixou-se cair no relvado, e olhou para o Céu, onde uma a uma se acendiam as estrelas.

- Você quer ir para o Céu?

Ao seu lado, mas em pé, um pregador tinha-lhe feito a pergunta.

Catú estava tão cansado, que só teve força para responder aquilo:

- Só se não tiver que subir para lá.

Num instante, sem marcação de hora ou de ocasião, a Sra. Tristeza e a sua prima Dona Saudade chegam para nos inquietar o ser.

Assim, num destes dias, enquanto limpava o meu veículo, de portas abertas, olhei para o lado, e, apercebi-me que andava uma cachorrinha de cor amarela e pintinhas brancas nas patitas, com ar divertido e a cauda lançada ao vento. Saltitando daqui para ali, farejando tudo ao sabor da sua curiosidade, passou a ser o alvo preferencial da minha atenção. Inadvertidamente, entrou para o meu carro e sentou-se no banco, olhando para mim, com tranquilidade e emoção, parecendo dizer-me:

- Leva-me contigo, estou perdida. Dou o meu coração, companhia e amizade. Queres ser a minha Dona Adoptiva, tu?

Logo, decidi trazê-la para a minha vida. Muitos momentos de alegria, peripécias engraçadas, teria para vos descrever. Assumi a responsabilidade por aquele acto de entrega espontâneo. Tocam a eternidade, os laços estabelecidos entre nós, os vínculos de amor e solidariedade que nos unem ao longo destes dezassete anos de partilha de Tempo e sentimentos. Mas, a Sra. Tristeza lançou-me um implacável repto, e, constatei, de novo, como os momentos de alegria e de encantamento da Vida são dimensões tão efémeras. A minha Princesa, a minha Amiga e Companheira que oferecia um grande sentido aos meus dias, foi perdendo a agilidade e vigor das suas patas ao longo dos últimos anos, já não anda, nem corre, como outrora, quando rodopiava como um pião, na praia, ao som da batida das nossas palmas, e, enquanto, tentávamos escapar aos salpicos das ondas, ela, afoita, lançava-se para morder a água do mar. A minha Princesa, já não come com gosto, o brilho do seu olhar já não serve de espelho ao meu, a perda da sua força anímica contagia os meus dias de angústia e dor. Na verdade, as Sras. Tristeza e Saudade sufocam-nos, neste Tempo (ex) comungado de indescritível luta. O objectivo desta história é, primordialmente, o de vir fazer uma declaração de Amor, uma homenagem à Princesa, com gratidão e respeito. Penso na forma como o implacável Tempo obrigou o meu coração a efectuar mais um exercício difícil e uma provação expectante. Mas, de igual modo, prestou ajuda à sua clarificação:

- Indubitavelmente, os Animais são os nossos Melhores Amigos!

dormir é perder tempo de dor.

o dia entra para iluminar os lençóis e o odor agreste humedece o nariz, o vento aconchega-me o leito, mais aperto os joelhos no turbilhão da roupa compelida, a claridade fecha as pálpebras num gesto de fraqueza, o corpo persegue-se como se faz dentro, sou pesado, flácido e atraso-me, vagueio (as) horas até à noite, seus olhos cresceram para mim.

num ápice apreendo a sombra vaga que se quebra na aresta e se prolonga tentacular no momento em que a rua se bifurca e a angústia cresce para nos roer, gotas ondulam além do vidro mole, na rua flutuante os transeuntes, atrás das paredes opacas e dos vidros embaciados duas lágrimas movem-me os olhos tristes, teria a chuva entrado? como a chuva fustiga, me arremessa de tédio, e os pregos sem nada na confluência das ranhuras internas.

sinto prazer com as pequenas angústias que me assaltam, pálido é tudo tão, a rua engolfada pelo pasmo negro do candeeiro, a luz longe mais densa, mais escura, sempre que posso mergulho nas trevas e porque só aqui e ali uma luz acesa, sei da sua candura hipócrita piscando,

a desolação é maior, maior é a noite, o aspeto negativo, talvez o único, dos perfis obscuros de que todos os dias ia descobrindo novos ângulos, as luzes amarelentas e a lama, a brutalidade impensável da lânguida carícia com que escutam, muros toscos que exalam musgo, não é indiferente tomar este ou aquele pedaço, os faróis fazem-me tombar o rosto, manchas disformes de claridade parda que assolam isentas ausentes, tateio na penumbra o lugar meticulosamente recriado gradualmente mais lúcido.

percorria-lhe o corpo em calafrios múltiplos, para quê luzes incestuosas, alimentam descontinuidades na libido intrusa, esquinas ansiosas inalações de si e o meu olhar perdeu-se na terra e sem perder de vista os grânulos estremecei, adivinhas com pudor um brilho alvo percorrer-me a face.

### - Primeira Flor -

Fui a S. Domingos de Rana para uma almoçarada com amigos e quando parei estacionei para telefonar e pedir instruções, vejo aproximar-se uma mulherzinha magricela, precocemente envelhecida e desdentada, a sorrir e a fazer sinal para que baixasse o vidro. Fiquei a olhar para ela surpreendido, até que ela me disse, apontando para um lado e para o outro:

- Eu trabalho ali e costumo ir comer ali, a comida custa 3 euros e eu só tenho 2 euros e 20 cêntimos; o senhor pode-me desenrascar os 80 cêntimos que me faltam?

- Claro que sim...

Vasculhei os bolsos, e como não encontrei moedas, estendi-lhe uma nota de 10 euros. Ela olhou para mim com os olhos arregalados, recuou e disse:

- No que é que o senhor está a pensar?... Isso é muito... não quero... só preciso de 80 cêntimos...

- Tome lá que isto não me faz falta.

- Deixe lá... obrigado na mesma... hei de encontrar algum colega que me valha...

Ela foi-se embora e eu fiquei com a nota na mão. Cortei um canto como que a significar que valia menos 80 cêntimos e mantive-a em homenagem à velhota desdentada que pensou que eu a queria “engatar”.

### - Segunda Flor -

Eu e o meu grupo de “almoçaristas”, depois das almoçaradas, ficamos na esplanada do restaurante a tomar longos digestivos... e a esfumaçar...

O restaurante fica numa vivenda à beira de uma estrada perto do parque de um sucateiro/ferro-velho. Passam por ali vários “sucateirinhos”, carregados com tudo o que apanham nos contentores do lixo e que sabem que o sucateiro pode comprar.

Como dizia, estávamos nós ali no nosso convívio, quando vejo

a caminhar pela estrada em direção ao dito parque, um novo maltrapilho, ainda mais andrajoso do que os outros, com dois sacos de rede às costas, cheios de latas vazias.

Passada uma boa meia hora, o dito fulano voltou a aparecer e seguiu pela berma da estrada. Levantei-me, saí do ângulo de visão do grupo, chamei-o e fiz-lhe sinal para que se aproximasse.

Ele olhou para mim, olhou para os lados para ver se eu estava a chamar por outro alguém, e como não havia mais ninguém:

- É pra mim?

Acenei-lhe que sim, ele aproximou-se com ar surpreendido, estendi-lhe a tal nota de 10 euros e disse-lhe:

- Hê pá, você tem de ter mais cuidado... porque há bocado, quando por aqui passou, deixou cair esta nota...

Quando eu esperava que o fulano “abafasse” a nota e se piasse, ele olhou para mim, abana a cabeça em sinal negativo, e num ar tristemente sorridente, responde-me:

- O senhor está enganado... ”ê cá nã” podia ter perdido essa nota, porque “ê cá nã” tenho nota nenhuma ... veja lá se descobre quem foi... porque “ê cá nã fui“...

Perante isto, o “aparvalhado” passei a ser eu, que cheguei a pensar que a nota estava embruxada... Primeiro foi a velha dos 80 cêntimos que não a quis e agora é este desgraçado que também não a quer?

-Hê pá, se não queres a nota, não queiras... vai lá à tua vida, que eu deixo aqui a nota no chão, e quem a perdeu que a venha achar...

- “Isso nã”, senhor... mas se o senhor me der a nota eu quero-a... eu só disse que “nã fui eu ca perdi”...

Estendi-lhe de novo a nota, então ele aceitou-a, olhou para mim com olhos marejados, e ia como que para me dar um abraço, mas não deu porque viu que estava muito sujo... ia para me estender a mão, mas também pela mesma razão não o fez, limitando-se a dizer, com a voz entrecortada:

- Obrigado... muito obrigado...

Eu é que fiquei perturbado com isto tudo, deixei-o e voltei para junto dos meus amigos.

Mas, enquanto durava toda esta cena, a senhora do restaurante foi depositar o lixo, pelo que passou por nós e voltou a passar.

Decorridos mais uns minutos, para minha surpresa, vejo o fulano aparecer, fazer um tímido cumprimento e entrar no restaurante.

Saiu pouco tempo depois, e por curiosidade fui saber o que se tinha passado.

### - Terceira Flor -

Soube então que ele tinha pedido um copo de água e uma carcaça sem nada, mas que a proprietária lhe serviu um copo de vinho e acrescentou-lhe duas sandes de carne que ele devorou num ápice.

Não lhe cobrou nada e apenas me disse:

- “Tá a olhar assim pra mim porquê? Não posso fazer BEIM tameim?”

-----

Lá diz o velho ditado que “não há duas sem três”.

Mas vale a pena acreditar que há no matagal muito mais flores para descobrir... temos é de ser capazes de as reconhecer e ajudar a abrir.

Daniel era um puto enfezado, uma criança que nunca foi menino. Todos sabíamos que sentia dores fortes que não manifestava. Mantinha-se embrulhado em sorrisos tímidos, com acenos de cabeça e respostas curtas às perguntas que lhe eram dirigidas. O respeito submisso pelos adultos desvia-lhe o olhar para não os encarar de frente. Nasceu na serra, ainda não conhece a escola, e entre o sol e a lua, há uma minguia de tempo para brincar. Cuidar do gado é a sua grande missão. Não sabe o que é um carinho, aquele aceno que nos comove, o pequeno sorriso que nos alegra ou a carícia que nos derrete. Não sabe o que é um beijo no rosto ou colo de mãe quando dói a barriga. Não há tempo nem espaço quando a vida se centra na mesa posta para afagar o bucho, todo o sustento se verte do monte e do campo.

O diabo soltou-se naquele fim de tarde e empurrou a bola de granito empoleirada no cimo do cruzeiro que lhe esmagou os ossos da bacia. No hospital, onde ficou vários dias imóvel, logo a mãe se despediu dizendo que só voltaria no dia de o levar de volta. O gado e a horta não podiam esperar, o gado precisava de si. Daniel não mostrou lágrima nem soltou choro ou gemido.

O hospital era quentinho, confortável e luminoso.

Era Natal.

O gado não sabia cuidar de si.

Todos lhe perguntavam qual o seu presente de sonho. Daniel, que já olhava de frente para os adultos, respondeu:

- Uma bola de futebol.

Imobilizado na cama dura do hospital, Daniel soube o que era carinho e nunca se sentiu tão feliz quando abraçou a bola e com ela adormeceu.

Uma bola com a forma do mundo, um mundo que lhe cabia entre os braços.

Na gaveta da mesinha de cabeceira, guardava intocável um chocolate oferecido. Uma guloseima rara para presentear o irmão.

O carinho contagia-se.

Daniel aprendeu a ser menino e sentiu que na dor também se pode ser feliz.

Fui de espírito aberto e cheia de entusiasmo para participar no Trail Santa Justa, julho 2019! Para trás ficaram os últimos dias de férias, praia, mar, sol, família... 600km até Valongo. Estadia perto da prova?! Fantástico! 22.30h descansar. 6h da manhã, pequeno almoço à atleta! 3 vezes ao Wc, antes de soar, "partida"!!! Siga! Vamos ser felizes!!! Análise competitiva: fazer a prova abaixo das 4h. A energia não pode esgotar antes da meta. Dentro das expectativas, sentimento poderosíssimo de conquista... nas subidas gestão do esforço sem paragens, nas descidas turbo ao máximo, wowww!!! Descida a pique, logo na frente. Engano! Doeu! Afinal, na vida há imprevistos... Esqueci o relógio que orienta ritmos, distâncias, altimetrias... sem internet. Tudo isto se controla...

Km15, descida fantástica, daquelas excelentes... "esbardalhei-me" sem "defesa"! Fora de controle!

Trailer e Kenpoca cai e levanta-se com elegância, com classe!!!...

Não fossem de imediato dois belos atletas na abençoada prova, por sinal um bombeiro, outro agente da autoridade... ainda estava a sacudir poeira... sou sortuda!!! Fiz 2km naquela figurinha ensanguentada e dorida, importa dizer, fui bem amparada. Equipa de socorro Pronta para assistência, cuidaram o joelho, braço e perna... Nos rostos lia-se, desistir!!! A Mente engendrou rapidamente com o corpo: "Querida Santa justa, trouxeste-nos aqui, pregaste-nos uma rasteira e esperas desistência?!! A viagem foi longa, as férias ficaram para trás, temos uma promessa de brilharete... "ficar por terra", Não!!! Lutaremos!"

Corri, trepei, desci, sofri, chorei e sorri, com a certeza que ia "Vencer". 30km em 5 horas! Santa, não sei se foste justa, fiz a minha parte, cumpri!... Ganhei!

Belo Hospital, o S. João! Fui acolhida para RX, observação, injeções... O joelho ficou num trambolho, braço e perna arrasados. O dia pós aventura, (Pesquisem), toma de Tramadol... viajei nas nuvens, bem lá em cima, tão bom, as dores abandonaram-me. Depois desci ao inferno... 3 dias KO... 15 dias sem treinar, correr e pouco andar.

Meu Deus!!! Santa Justa e S. João!!!

A pior classificação de sempre 8.º lugar por escalão, 32.ª na geral feminina. Acredita! A mente quer, o corpo vai onde o coração palpita!

Estendo os braços para os abraços...  
Corro para ninguém...  
Estendo os braços para os abraços...  
Saudades de ti também...

Saudade de me exprimir...  
Não só por meras palavras...  
Saudade de no teu regaço sorrir...  
Enquanto, forte, me abraçavas...

Saudade de sentir no cangote...  
A tua ofegante respiração...  
Teu abraço, ouro em lingote...  
Que fazia palpitar o meu coração.

A primavera acabara de se despedir para dar lugar ao verão. Chegaram então as noites curtas e os dias longos. Era o que a criança mais desejava!

Finalmente as férias da escola haviam começado e agora era chegado o tempo da brincadeira. Que bom!

Morava na periferia da cidade, entre esta e o campo.

Lembro-me tão bem, de acordar com o canto dos passarinhos e o correr da água das fontes e da ribeira que passava perto da minha casa.

Da janela do meu quarto os meus olhos podiam contemplar uma pequenina parte da Serra da Estrela. Eu gostava de olhar aquela linha tão ténue que separava o céu tão azul da Serra. Eu e os meus irmãos, juntamente com os meus primos, partíamos em aventuras que queríamos que não acabassem. Lembro-me bem quando íamos ao pinhal buscar pinhas e caruma para reservarmos para o inverno; ou aos miscalros (cogumelos e tortulhos), nos meses de outubro e novembro; eram sempre grandes momentos que hoje recordo com saudade...

Às vezes as nossas brincadeiras eram arriscadas: quando fazia calor, arranjávamos umas bilhas vazias do vinagre ou do óleo que as nossas Mães nos davam e íamos pelo muro adiante até à ribeira, onde nasciam flores e ervas silvestres. Nelas poisavam abelhas e zangões. Pois bem, quem conseguisse apanhar o maior número destes insetos para dentro das suas bilhas, ganharia o desafio. Muitas vezes éramos picados por abelhas, sorte a nossa que não fomos picados por zangões. Eu era das mais pequenas do grupo, e quando era picada, tentava não chorar, mas nem sempre era possível. Bom, mas havia outras formas engraçadas de nos divertirmos. Nas noites de verão, saíamos para a rua para olharmos o céu pintalgado de pontinhos reluzentes e começava a contagem das estrelinhas apontando com os deditos indicadores para o céu e olhos bem abertos para vermos alguma estrela cadente. Sempre que uma destas aparecia, gritávamos:

- Olha, olha ali uma tão linda!

E os nossos olhos brilhavam alegres. Quando ficávamos cansados de olhar o céu, jogávamos às escondidas e às agarradas.

Eram as nossas melhores noites.

Era uma vez um morceguinho que sonhava em ser bonzinho. Então, um belo dia quando o levaram para o mercado, ele encontrou uma cobra, que tinha o mesmo sonho.

- Muito prazer morceguinho, disse a cobra, - O prazer é todo meu, respondeu o morceguinho.

Após descobrir que tinham o mesmo sonho propôs a cobra:

- O que pensa de unirmos as nossas forças para ajudar o planeta no seu desenvolvimento moral? Continuou:- Sei que, assim como eu, tens a metade da poção do amor. É pouco para uma grande mudança, mas, se juntarmos o que temos de bom, provavelmente conseguiremos salvar o planeta. O morcego ficou radiante de alegria, e perguntou:

- E como faremos isso? A cobra respondeu:

- Deixe que eu inspire o seu amor, que irá juntar-se com o meu, e quando eu expirar, o planeta todo vai receber esta milagrosa poção. Depois disso, ficaremos aguardando que o milagre aconteça.

Assim fizeram. E o planeta começou a girar com muita intensidade. Uns diziam, - muitos infetados. Outros diziam: muitas mortes. Outros ainda diziam: - Pobre dos velhinhos!

Então o morceguinho apavorado perguntou à cobra:

- O que está acontecendo? – Não é isso que queremos! Eu só quero fazer o Bem, e achei que tu também querias. A cobra então interpôs: - Fique tranquilo meu amigo, nada disso é o que parece ser.

- Não! Exclamou o morceguinho.

- Não. – O que vemos, são também seres que assim como nós, querem trabalhar para um mundo melhor. Estes humanos estão na linha da frente para salvar o planeta; virão a seguir outros, e outros, e outros, e vamos poder maravilhar-nos com as ondas de amor e solidariedade que cobrirão todo o planeta.

Então o morceguinho perguntou:

- E se isso não acontecer?

- Não se preocupe, respondeu a delicada cobrinha. – Se nosso imenso amor nada resolver, voltaremos com mais força, porque é chegada a hora de mudar.

Uma das leis da vida mais que comprovada, é o facto de querermos sempre o que não temos (e não valorizarmos o que temos)! Certamente é uma das que mais contribuiu para o que somos e temos hoje, como Humanidade.

Vivíamos sempre a queixarmo-nos de que não tínhamos tempo para nada, que a vida era uma azáfama - ai e tal que não aguento este ritmo...

Agora, que temos tempo de sobra, estamos fartos de estar em casa. Sinceramente!

Se normalmente na vida já não existem soluções perfeitas, então numa situação excecional e inesperada, como uma quarentena forçada, o conceito de perfeição perde toda a relevância. Ficamos pela pergunta:

– O que será melhor, ter companhia ou estar sozinho?

Os humanos são seres sociáveis, o que nos levaria a pensar que o ideal é ter companhia, ainda assim existem diferenças:

### **O que pensam elas**

“Eu sou uma mulher casada, com dois filhos, uma mulher com 3 homens, conseguem imaginar? Que não gosta de estar sozinha (ok só às vezes), que gosta de ter as coisas organizadas em casa.

Perceberam? 3 homens e casa organizada? Dá para conjugar? Pois, não dá! Eu tento, mas como devem imaginar não está a ser fácil. Em momentos de maior desespero escondo-me nos livros. Ainda assim, sou uma sortuda por estar junto dos que mais gosto. Olha, lá está outra vez a tampa da sanita aberta!...”

### **O que pensam eles**

“Outra vez a organizar a roupa de verão para um lado e de inverno para o outro? Ainda bem que as cuecas e as camisas que comprei dão para o ano todo! Ainda ontem deixei o casaco arrumadinho ali bem ao fundo da escada, hoje já não está lá; arrumar para quê? Haverá algum decreto, que diga que tenho que ser sempre eu a despejar o lixo? E a reciclagem? Se não fosse eu já não se podia viver nesta casa! Gostava de saber se há alguma coisa que se faça na sanita com a tampa fechada; o que lá está escrito é Valadares, não é Paços de Ferreira (dá-lhes com força, Baixinho), Irra!...”

Era uma vez uma mãe com a mania das horas. Como toda a gente sabe, quando se tem crianças é complicado chegar sempre a horas. Mas esta mãe achava que, com crianças ou sem elas, é uma falta de respeito chegar atrasada seja onde for. Acordava super cedo para ter tempo para tudo, sim porque esta mãe tem outras manias, mas essas ficam para outra vez. Como qualquer criança, os filhos não estão cá para facilitar a vida às mães, porque isso tornaria a vida muito monótona e não abona nada em favor da criatividade da mãe.

Todas as manhãs esta mãe usa estratégias diferentes para conseguir que as crianças estejam prontas a horas para não chegarem atrasadas à escola. Uns dias usa músicas engraçadas, outros ataques de cócegas, outros conversas mais sérias e outros ainda contar uma história depois de fazer a cama, e assim por diante.

As crianças não fazem por mal, elas não sabem que se a mãe as ajudar a fazer tudo acabam por ficar uns totós no futuro, como acontece com alguns homens quando vão viver com alguém ou sozinhos e não sabem fazer nada em casa. As mães percebem, desde cedo, que é um trabalho inglório tentar que as crianças cumpram com as tarefas mínimas e que é muito mais fácil fazer tudo por elas.

De quando em vez as crianças gostavam que o tempo voltasse para trás e ainda fossem bebés de colo, e dia após dia vão tentando para ver se a mãe muda e lhes volta a fazer tudo.

Por vezes, a mãe também gostava que as crianças voltassem a ser bebés para matar saudades, com a diferença que não se mete a fazer birras, era bonito comprar um pacote de fraldas para o filho voltar a andar de fraldas, se calhar os filhos iam achar que a mãe estava maluca.

A mãe não tem vontade nem de chegar atrasada, nem de voltar ao tempo em que fazia tudo aos meninos, não contem a ninguém, mas as mães passam um bocadinho mal quando isso acontece, porque estão muito cansadas. Um dia as crianças vão perceber que ganham muito mais se mantiverem a mãe feliz e bem disposta. E para manter uma mãe feliz, não é preciso muito, pensem lá bem... De certeza que se conseguem lembrar...

Agora imaginem o depois de fazerem essas coisas que se lembraram, como fica a mãe?

Antes de fazerem uma birra, pensem - será que vale mesmo a pena?

Se a tua mãe gosta de chegar a horas, achas que podes dar uma ajudinha?

Imagina as vantagens, se chegares cedo à escola tens tempo para conversar com os amigos, brincar e dar o beijinho à mãe, de até logo. Se a manhã correu bem, vais ter direito a um sorriso e pensamentos felizes contigo na cabeça da mãe durante o tempo que estão afastados. Se a manhã correu mal nem te conto o que passa pela cabeça da mãe, imagina uma noite de trovoada, é assim que a mãe passa o resto do dia. A boa notícia é que aconteça o que acontecer ela vai sempre gostar muito de ti, mas nunca te esqueças - a paciência da mãe às vezes acaba.

E de repente...

... a obrigação de chegar aos sítios a horas desapareceu, para alguns, ainda assim ficou a oportunidade para respeitarmos os nossos próprios horários e ritmos, até agora tão esquecidos.

Temos tempo finalmente para fazermos outras coisas, mas não era assim que queríamos ter tempo, ganhámos tempo mas perdemos liberdade.

Quem tem filhos ficou ainda com mais responsabilidade, sem ter formação para tal é agora incumbido de os orientar na sua educação escolar, acumulando com as suas habituais tarefas, e obviamente ninguém quer prejudicar os seus filhos. Muitas mães estão agora mais cansadas do que nunca, a tentarem ser elásticas e chegarem a tudo e a todos como é seu apanágio.

As certezas absolutas se já eram remotas desapareceram por completo, ainda assim agora mais do que nunca, é preciso reinventar-mo-nos e fazermos diferente, há um bem a defender acima de tudo - a saúde mental de todos.

Bjs

Trabalho num hipermercado. Muitas vezes as pessoas instantaneamente julgam-me por trabalhar lá. Pensam que não estudei e desisti da escola. Até podia ter feito isso mas não têm nada que ver com a minha vida. Mas sou uma pessoa formada. Licenciatura, mestrado e vou a caminho do segundo mestrado. Sinceramente o que me fez desistir da minha área foi o facto de ganhar pouco, não conseguir pagar as minhas despesas e quererem que o trabalho fosse todo voluntário. Num hipermercado ganho mais.

Tal como um livro não pode ser julgado pela sua capa, assim também deve ser uma pessoa. Mas fui julgada muitas vezes. Comecei pela reposição. Tinha às vezes perguntas hilariantes dos clientes, e alguns muitas vezes nos tratam como se fossem superiores. Depois da reposição fui convidada para ir para a decoração. Logo eu, que não sei fazer uma linha direita. Mas com esforço, dedicação, e claro com a ajuda de uma guilhotina e de uma régua, tornei-me decoradora. A função da decoradora é fazer os cartazes dos folhetos e pendurar os mesmos, é forrar ilhas, montar feiras temáticas, entre outras funções. No início houveram muitos dedos cortados com o papel fino, um dedo agrafado com o agrafador de madeira, uma quase queda do escadote, entre outros episódios. Mas, apesar de ser uma pessoa distraída e desorganizada (estando a melhorar estes pontos) tudo o que faço procuro fazer com brio e ajudo os meus colegas nas tarefas que necessitam de ajuda.

Trabalhar num hipermercado nem sempre é fácil, e na conjuntura atual ainda mais complicado tem sido. Existem dias em que é sufocante, entre o uso da máscara, o lidar com clientes e continuar a fazer um bom trabalho. Mas acredito que com uma boa equipe tudo se consegue fazer. A nossa equipe é forte e coesa. Vai aceitando os desafios e tal como o Baden-Powell dizia, se tirarmos o IM à palavra impossível, fica POSSÍVEL. E juntos sei que iremos continuar a contornar os obstáculos e a impelir a nossa canoa por esta vida fora. Porque a vida não para, e juntos continuamos a remar.

Tudo aconteceu perto da madrugada de quarta-feira do dia 12-09-2012 ouvi uma voz de fundo a chamar-me “Amor, amor acorda está na hora”, abri os olhos, olhei para o relógio eram 5h, saltei da cama, vi a cama toda molhada e também o rasto de água até à casa de banho. Vi a minha mulher preocupada mas alegre, percebi logo o que se passava, dei um pulo de felicidade enorme, desorientado e sem saber que fazer beijei e abracei a minha mulher e liguei para o 112 a pedir uma ambulância, dizendo que tinham rebentado as águas à minha mulher porque estava grávida, do outro lado da linha, ensonados, perguntaram-me quais eram os sintomas, eu voltei a responder, perguntaram-me o mesmo, à terceira vez que respondi é que perceberam e pediram-me a morada, dei a morada e disseram-me que a ambulância já vinha a caminho, agradei e desliguei o telemóvel, de seguida telefonei à minha mãe a dar-lhe a boa nova ela ficou muito contente e disse que ia ter ao hospital, assim que desliguei o telemóvel a ambulância já tinha chegado a minha casa.

Entretanto, a minha mãe informou o meu pai, mas, ele já estava a trabalhar, pois, é taxista em Lisboa e tinha entrado às 4h.

Os bombeiros chegando a minha casa perguntaram se a minha mulher conseguia descer a escada do prédio sozinha, eu disse que sim, e, devagarinho lá fomos descendo a escada. Chegando à porta da ambulância o bombeiro perguntou-me se eu queria ir com eles ou levar o meu carro, como era de esperar eu fui com eles. Estávamos a chegar ao hospital, a minha mulher lembrou-se que tinha deixado a casa molhada, rimos os três do argumento dela.

Chegámos ao hospital eu não pude entrar logo, mas, ia contactando com a minha mãe, três horas mais tarde a minha mãe foi ter comigo, e voltámos a minha casa para preparar tudo para levar para a maternidade, peguei no meu carro e voltei para lá, era perto das 13h a minha mãe ligou-me, mas, a minha mulher ainda não tinha a dilatação feita, então a minha mãe disse-me para ir almoçar a casa dela, lá voltei para Vialonga. Estava a acabar de almoçar e a minha mulher ligou-me a dizer que lhe tinham que fazer a cesariana, peguei no carro e lá fui eu novamente para o hospital. Assim que cheguei ela

já estava a ser cozida, não tardou muito até o meu filho passar, eu nem quis acreditar, as enfermeiras tinham que o levar para o berçário, e disseram que depois me diziam quando é que poderia ir, emocionado as lágrimas corriam-me pelo rosto, as pessoas que também lá estavam à espera felicitaram-me, emocionado agradei, a minha mulher também estava bem.

Assim nasceu o meu filho no Hospital de Vila Franca de Xira ao fim de 39 semanas com 3280g e 48cm às 13h43m, o dia e momento mais importantes da minha vida.

Eu sou uma jovem estudante que estava a fazer um trabalho para o dia da mulher no âmbito da disciplina de português. O trabalho consistia em tirar fotografias a mulheres de várias idades, classes sociais, raça e cor de pele, porém queria centrar-me em apenas uma certa idade e classe social para escrever um texto. Eu já tinha escolhido a idade e a classe social: dos vinte aos trinta e de classe média.

Pensava que seria um trabalho fácil de fazer, mas eram onze da manhã e eu só tinha quatro fotografias de mulheres com idades entre os vinte e os quarenta e todas de classe média alta julgando que eu iria colocar as fotografias delas numa revista da Vogue. Talvez essa tenha sido a razão de elas me autorizarem a tirar uma fotografia dos seus rostos maquilhados. Mas enfim... tendo eu começado a minha caminhada pelas ruas de Lisboa às nove da manhã, penso que o meu trabalho iria acabar na minha mente.

Estava a passear por um bairro numa rua humilde quando vejo uma mulher de setenta e poucos anos sentada num banco a atirar pão a um bando de pombos. Era a senhora que eu desejava para terminar o meu trabalho. Não necessitava de mais ninguém. Parecia ter um ar sereno e calmo, mas pareceu assustar-se quando viu que eu me aproximei dela.

- Desculpe. Estou a fazer um trabalho para o dia da mulher e gostaria de lhe tirar uma fotografia. Poderá autorizar-me?

A senhora idosa sorriu para mim e levantou-se do banco. Não passou a mão no cabelo, o que me deixou admirada. As quatro mulheres que me deixaram tirar fotografias se aperaltaram arrumando os cabelos e a roupa. Esta humilde senhora apenas se levantou e afirmou que eu lhe poderia tirar uma fotografia.

- Obrigada. – Disse eu, após ter a minha fotografia – Feliz dia da mulher.

Afastei-me a sorrir. Já não estava desmotivada. A idosa senhora tinha melhorado o meu humor. Já tinha o meu trabalho todo pensado. Iria escrever o texto a pensar nela.

Pronuncio o teu nome,  
Vejo a tua imagem diante de mim,  
És não apenas uma bela mulher,  
Mas também uma lutadora,  
Que com uma linguagem singela,  
Soubeste chamar-me filha.  
Quero ter-te sempre no coração.  
Quero seguir os teus passos de vencedora,  
Quero que os meus olhos te vejam com amor.  
Ver-te com carinho,  
Pedir-te perdão pela dor,  
Que deveras possa ter-te provocado.  
Quero que saibas que grito,  
Bem alto, o meu orgulho,  
A ti devo tudo!  
Devo louvar-te agora,  
E sempre, como mãe,  
E como Mulher.

É aqui, e agora que tudo me vem à cabeça! É tão bom olhar-vos, chamadas desta fogueira que nos aquece!

“Os filhos dos homens são um e eu sou um com eles.”

Acho que o acreditar nesta primeira afirmação do mantra de Unificação, mesmo não o conhecendo na altura, esteve na base da escolha de minha profissão. Foi esta certeza que me deu então ânimo para ultrapassar tantos obstáculos, para poder estar inteiro no meu dia a dia ao serviço dos outros.

“Eu procuro amar e não odiar.”

Aparentemente não há dúvida em relação a isto. Odiar? Como poderia? Mas há tantas formas de não-amar! Fico completamente destroçado quando no serviço assisto a isso. Como é possível haver pessoas que são agressivas, verbal e até fisicamente, em relação a alguém que os está a ajudar e a tratar? “Agressão a um enfermeiro/a um médico/a um auxiliar do hospital/centro de saúde.”: é o título tantas vezes repetido nos jornais diários. Eu procuro amar, mas nessas alturas a dor do passado vem ao de cima. Quantas vezes há testemunho de não validação daquilo que fazemos todos os dias, com horários exigentes, sem tempo de qualidade para a família (por vezes tenho de dormir quando estão acordados!), com um pagamento que não espelha bem o que é feito no SNS? Quantas vezes duvidam do nosso empenhamento?

“Eu procuro servir e não exigir o serviço devido.”

Pois, no fundo, ao esperar algum reconhecimento, estou a criar expectativas de retribuição do serviço. Servir não é isso! Realmente esta dor velha tem a ver com meu passado, mas também com o nosso passado coletivo em que havia profissões dignas e outras que não despertavam o respeito de alguns (muitos) cidadãos.

“Eu procuro curar e não ferir.”

Não ferir os outros mas também a mim. Respeitar minhas velhas dores mas saber que é só isso que elas são: velhas. Não me definem. Não são quem Eu Sou. Preciso ressuscitar, porque agora é a altura certa – neste pequeno momento à volta da fogueira breve, tão breve, de aparente repouso, para retomar um turno que, honestamente, já nem sei

quando começou. Março! Ainda há dias frios! 2020! Parecem emergências doutras épocas! Tanto a curar individual e coletivamente!...

“Possa o sofrimento trazer a sua recompensa justa de Luz e de Amor.”

Será que vou/vamos conseguir mudar nossas perspectivas de olhar para nós e para o outro quando tudo, finalmente, tiver normalizado? Terei, teremos a coragem de aceitar que temos andado enganados e, logo, a enganar os outros, sobre o que é realmente importante? Tenho estado a viver fantasias que quero denunciar agora pois já chega de criar sofrimento a mim mesmo. Ao fazê-lo, agora sei, contribuo também, sem intenção, para essa forma de estar na vida: recusar a validação interior apesar de ser a única que diz se estamos a fazer o nosso melhor.

“Possa a alma dominar a forma exterior, e a vida e todas as circunstâncias, e revelar o amor que subjaz a todos os acontecimentos do tempo.”

Pois é: Eu procuro amar... Eu acredito que é através da Luz e Amor presente em todos e em todas as situações, que vamos aceitar e curar tudo o que se está a passar no mundo inteiro. Por pouco evidente que pareça, acredito que há um motivo mais profundo para ser este o momento certo de regeneração de tantos padrões separativos que têm governado os povos, pois a união, logo o amor, vem ao de cima todos os dias. Até já nos bateram palmas a agradecer o nosso trabalho! São as mesmas pessoas que nos desprezaram!? Só aparentemente. Somos aqueles que estamos mais próximos, a quem se mostram dores em forma de raivas e agressões que apenas significam “Ajudem-me, por favor, pois não sei o que fazer. Tenho tanto medo!”

“Que a visão e a intuição venham; possa o futuro revelar-se. Possa a união triunfar e as divisões exteriores cessarem. Possa o amor prevalecer e todos os homens amarem-se.”

Mal eu sabia o que significava esta pausa de 10 minutos. Pareço ter renascido! Sei que farei sempre o meu melhor, em equipe. Tudo já está bem! É aquilo que eu quero ser, e sempre quis: ser enfermeiro, curar e não ferir!

Só depois de várias histórias, é que me lembrei da minha! A Editora pediu histórias “que possam animar o espírito dos leitores e promover o estado de união”. Ora cá vai!

Era uma vez um menino de 12 anos, que pertencia a uma família bastante modesta. O pai era motorista e a mãe doméstica. Tinha um irmão com 22 anos. Viviam com algumas dificuldades. Um dia a mãe viu um anúncio que prometia a chave vencedora do totoloto. Encomendou e passado uns dias lá apareceu. Semana após semana, foram usando as chaves, e a esperança foi-se desvanecendo, até que chegou a última e... nada!

O menino disse entre dentes:

- Um dia vou conseguir!
- O quê? Perguntou a mãe.
- Nada, nada.

Cerca de 35 anos depois, começou a aprofundar o tema, foi tomando algumas notas, até que um dia pensou:

- Isto podia dar um livro. E deu!

Chama-se “O que faria se ganhasse o euromilhões? (já pensou?)” e foi editado em 2019. Na semana anterior à sua apresentação, numa conversa com um dos seus melhores amigos, surgiu a ideia de iniciar uma sociedade e passar à prática. Atualmente já participam \_\_\_ pessoas e já ganharam \_\_\_ prémios! O “menino” acha que deviam ser cerca de 300 pessoas, dado que na ordenação de chaves que habitualmente faz, já ficaram mesmo muito, muito perto. Mais concretamente, houve um sorteio em que se fossem 199 pessoas, tinham ganho!

Toda a gente diz que depois dá um prémio muito pequeno a cada um, mas ele acha que depois de ganharem a primeira vez, vai haver uma segunda, uma terceira, uma... Se ficou curioso, envie um mail para:

[ganhar.euromilhoessemtil@gmail.com](mailto:ganhar.euromilhoessemtil@gmail.com)

Para além de ficar a saber tudo sobre a sociedade, pode aderir e nessa altura pode completar os dois espaços acima, que ficaram propositadamente em branco, porque estão sempre a mudar!

O quê?! Onde é que está a união e a animação?

Então se é uma sociedade, obviamente tem que ter união, e aquilo que perseguimos, é algo que, quando lá conseguirmos chegar, de certeza que trará muita animação a todos!

Na sociedade atual, saber falar é um atributo valioso para o sucesso, em qualquer contexto, principalmente na política!

No entanto, há expressões que grande parte das vezes não acrescentam nada, mas quando são proferidas, conferem a quem está a falar, uma confiança e uma assertividade inexplicáveis. Senão vejamos:

### **“Dito isto”**

Se analisarmos cada uma das componentes, desta expressão, temos:

- Dito. É óbvio que disse e quem ouviu sabe que disse. Porque quem não ouviu não sabe e o facto de dizer que disse não vai resolver nada, porque apenas sabe quem ouviu e quem não ouviu continua a não saber. Pode até haver quem tenha ouvido e não tenha percebido, mas também não é assim que vai perceber.

- Isto. Se a pessoa disse isto, foi isto que disse e não outra coisa, senão dir-se-ia aquilo e não isto. Pois claro!

É uma expressão que, no contexto atual, tem sido muito utilizada pela Diretora Geral da Saúde.

### **“Como sabe”**

Acontece muito em entrevistas, iniciarem a sua resposta com esta expressão. O problema é que, para além de a expressão em si não acrescentar nada, o que referem depois são coisas que às vezes tenho dúvidas que o jornalista saiba, o que pode provocar um condicionamento, que resulta do receio provocado ao jornalista em que se perceba que não sabe, mas dadas as circunstâncias se calhar era conveniente que soubesse. Assim até acaba por ter alguma utilidade para o entrevistado, porque retira confiança ao jornalista e o mais provável é que não faça mais qualquer pergunta incómoda. À parte disso, não acrescenta mesmo grande coisa.

### **“Do ponto de vista da/e/o...”**

Se fizermos o exercício de suprimir esta expressão, verificamos que, muito frequentemente, não tem qualquer utilidade, porque o conteúdo está no que vem depois. Eu posso dizer “Do ponto de vista intestinal, vou à casa de banho”, mas se disser apenas vou à “casa de banho”, toda a gente percebe e poupa-se a maior parte da frase. Este é um exemplo ridículo, mas desafio-vos a observarem como raramente faz falta.

Ao longo da minha vida, já liquidei moscas de tanta maneira diferente, que achei por bem prestar o serviço público de as partilhar. A julgar pela variedade e eficácia de processos, é praticamente impossível a minha coexistência no mesmo espaço, com algum desses seres:

- Com uma pressão de ar, apenas com a deslocação do ar;

- Aproximando lentamente o gume de uma faca e finalizar com o movimento mais rápido;

- Em espaços mais amplos, em que normalmente elas se concentram no meio da divisão, pegar num camisa pelo colarinho e movimentá-la de cima para baixo na zona onde está a mosca, a parte inferior da camisa abre-se e apanha uma área tão vasta, que não dá hipótese à mosca de fugir;

- Em espaços mais confinados, como por exemplo uma casa de banho, tentar o mesmo, mas com uma toalha; como o utensílio é mais pequeno, pode ter-se que repetir o movimento várias vezes consecutivas;

- Quando a mosca está pousada, fazendo o movimento tradicional com mão, de trás para a frente (fundamental não vir atrás ganhar balanço, caso contrário, quando a mão vai para frente, já fugiu). Depois há duas opções: i) atirá-la violentamente contra o chão; ii) libertá-la na rua;

- Em miúdo com aqueles cones de papel, que atirávamos soprando por um tubo de electricista;

- Quando temos a sorte de elas pousarem dentro de um copo, é só tapá-lo; se ainda tiver líquido, basta abanar ligeiramente, se já não tiver, em princípio teremos mesmo que a libertar na rua;

- Com uma daquelas raquetes eletrificadas, que se vendem na “loja do chinês”.

Para os mais ecologistas, há uma opção alternativa. As moscas são atraídas pela luz, pelo que se abrir uma janela e fechar todas as outras, para ela não ficar baralhada, em princípio a mosca mais tarde ou mais cedo acaba por sair. Pode ser necessário desligar momentaneamente as televisões. Também pode acontecer que saia uma e entrem duas ou três, mas acabarão também por sair.

Esta opção não deve ser utilizada à noite!

Durante a pandemia, numa altura em que a preocupação era geral, proveniente da situação dramática em Itália, começaram a surgir manifestações espontâneas de esperança, que se concretizaram em desenhos feitos por crianças italianas. Tinham como base um arco-íris e eram colocados nas varandas e nas janelas das casas, com a frase “Andrà Tutto Bene ou “Tutto Andrà Bene”.

O ser humano vive muito de emoções, e está mais recetivo a elas em momentos como este, pelo que emocionou muita gente, por esse mundo fora e à falta de melhor, acaba por levar esperança, conforto e algum consolo.

O que é notável é que nas redes sociais e não só, tenham começado a surgir comentários negativos, baseados na falta de coerência entre a frase e a realidade que todos estávamos a viver. Ora bolas, haja paciência!

É óbvio que a esmagadora maioria das pessoas, com dois palmos de testa, sabe que as coisas não estão bem, estamos a passar um dos momentos mais marcantes das nossas vidas, muito particularmente quem de alguma maneira foi ou venha a ser afetado por isto.

Também percebo que a diversidade humana (a tal que eu acredito que faz o mundo avançar) é imensa, e isso a leva a que hajam percepções muito diferentes de uma mesma situação.

Mas tudo tem limites!

Se eu vou a um funeral e vejo uma pessoa desconsolada e triste com o que acaba de acontecer, qual das opções é mais adequada?

### ***Opção A***

Eh pá! Pois é e agora como é que vai ser? Se calhar não vais conseguir ultrapassar isto, o mais provável é que entres em depressão, pode até acontecer que nunca mais consigas trabalhar, nem ganhar o sustento da tua família, até que definham todos e mais tarde ou mais cedo acabam por começar a ficar doentes, até que morrem.

### ***Opção B***

Vai Ficar Tudo Bem!

Enxerguem-se!!

Navego nas memórias mais antigas e chego até Tangil, a aldeia do meu coração.

Vejo-me de gatas por cima da cama, a tentar puxar os lençóis. Missão quase impossível, porque eu tinha cinco anos, a cama era de casal e estava encostada à parede. Esta é, sem dúvida, a minha primeira recordação de infância.

Vejo-me a brincar com o meu amigo de cara suja, mas bonita e com um nome inventado, António. Tenho a ligeira sensação de que ninguém via com bons olhos que ele fosse meu amigo de brincadeiras, mas isso que importava? Aí íamos nós buscar água à fonte, geladinha, a melhor água que alguma vez provei. E por ali andávamos, felizes e livres. Em cima de um carro de bois, chiante, pela principal estrada da aldeia. Para cima e para baixo, agarrados a grossos paus que impediam que caíssemos.

Durante as férias de verão, eu era vista como visita da melhor casa da terra, a da professora primária. Assim, um ano escolheram-me para levar, na procissão, o cordeiro de deus. Eu ia no meio com o cordeiro nos braços e dele saíam fitas a toda a volta, que outras meninas seguravam. Lembro-me da atrapalhação, por via da responsabilidade, que quase me impedia de andar. Era como se aquela figura pesasse toneladas.

Eis-me no centro de uma tempestade, uma trovoada das bravas e eu debaixo da mesa da sala. Um medo irracional que nunca entendi. Só há muito pouco tempo deixei de ter medo das trovoadas. Os raios caíam sobre os fios telefónicos, faziam um ruído horrível e eu a tremer sob a mesa. Era aí que sentia a falta da mãe a quem me abraçar, alguém que tomasse conta dos meus medos e me dissesse que estava tudo bem. O certo é que ficávamos sem telefone.

Por último recorde o pároco da aldeia, simpático mas que não entendia que eu usasse bermudas (por que não uma sainha, dizia ele). Estávamos nos inícios dos anos 60. As calças, essas nunca mais as tirei.

Todos lhe chamavam Pintarroxó, mas não era esse o nome dele. Na verdade, o nome dele era Rogério: Rogério Pinto da Rocha. Daí, o Pintarroxó. Mas para mal dos seus pecados, ele não tinha sorte – nenhuma mesmo. Na verdade, podia dizer-se que ele era um azarado de primeira. E segunda. E terceira. E quarta. E quinta. Até retaguarda. A coisa era de tal forma, que lhe começaram a chamar “Pardal sem sorte”. Já praticamente ninguém sabia quem era o Rogério e só alguns sabiam quem era o Pintarroxó. Mas todos sabiam quem era o “Pardal sem sorte”.

Que diferença de Rodrigo, o seu irmão gêmeo: esse era um verdadeiro sortudo, com sorte para dar e vender. Até se dizia que ele tinha nascido com o cu virado para a lua. Mas sempre tinha sido assim: logo na escola, enquanto Rogério se via obrigado a queimar as pestanas a marrar à séria e a não passar da cepa torta; já Rodrigo limitava-se a passear os livros para não apanharem pó e a marcar presença nas salas de aulas e pronto, era o que lhe bastava para ter excelentes notas: era como se o trabalho árduo de um, resultasse nos proveitos do outro: enquanto um plantava, o outro colhia. Era injusto, sim. E revoltante. E enfurecedor. Mas Rogério nunca se zangava com Rodrigo, não valia a pena: ele não fazia de propósito: as coisas eram como eram, e eram assim.

Mas Rogério sentiu que a sua (pouca) sorte estava a começar a querer mudar, quando a viu: Maria Ivone não era propriamente uma beldade, mas tinha um magnetismo que atraía. Ela tornou-se um farol brilhante no marasmo nublado da sua existência, uma faísca de excitação na monotonia que resumia a sua vida. E Rogério caiu de quatro, apaixonou-se mesmo a sério. Só quando Maria Ivone pareceu recetiva às suas meio tímidas e um tanto ou quanto atrapalhadas tentativas de sedução, Rogério começou a pensar em apresentá-la à família.

Foi uma má ideia. Porque foi a vez dela de cair de quatro: mas por Rodrigo.

Sentada aqui olhando o meu jardim  
Gotas de água caiem de meus beirais  
Fluem meus pensamentos, como se fora rios,  
Correm sem nunca parar,  
No meu olhar nuvens pesadas, carregadas de esperança  
Viaja tormenta e dor...  
A vida de repente tornou-se tão diferente.  
Continua a chuva fina e intemporal  
Esperando um sinal do fim desta rebelião,  
Que a colheita seja luz e felicidade,  
Que a água sacie a sede da bem-aventurança  
Seja sinal de vida e esperança  
Girem as estações na sua normal velocidade

O tempo muda, a chuva cessa e  
Eis que começa um novo ciclo na natureza  
Vem a primavera, o sol resplandece  
As flores exalam seus belos perfumes,  
Vem a luz, a sombra desaparece...  
O vento sopra e mostra a conexão da vida...  
Tudo de belo está em nosso olhar  
O bem enaltece-nos, o mal faz-nos crescer  
O amor não é só condicionado ao ser humano  
Condicionado é fazer a vida mais gostosa.

Com 85 anos  
e rodeado de afetos,  
criei filha, criei netos,  
e também criei bisnetos;

40 anos passaram,  
e eu sempre trabalhando,  
agora vivo da reforma,  
que aos poucos me vão tirando;

60 anos vivi,  
repletos de felicidade,  
com a minha mulher que partiu,  
deixando-me uma eterna saudade;

Pensando naquela flor,  
que eu tinha no meu jardim,  
espero quando partir,  
esteja esperando por mim;

E agora se me permitem,  
dizer algo que me apraz,  
acabem com as guerras no mundo,  
porque o povo quer é paz.

Do céu espero uma resposta...  
Um sinal quem sabe...  
Uma mensagem nas estrelas...  
Ou um pássaro a voar...

Das ruas desertas...  
Já não habita a cor...  
Corridas desenfreadas...  
Almas a vapor...

Tudo num momento...  
Olhos de medo...  
Abraços perdidos...  
Beijos que não são roubados...

Os corações apertam...  
O espírito muda...  
Na ânsia que tudo vai ficar bem...  
Que o outro bem vai ficar...

Ganhamos o tempo...  
Que o tempo agora nos dá...  
De olhar para o outro...  
De a compaixão entrar...

Não... Não quero que tudo volte...  
Quero que seja diferente...  
Que as almas aprendam...  
E as mãos se estendam...

Quero que o medo vire esperança...  
Que o rancor vire perdão...  
A ganância vire partilha...  
E que o teu coração se encha de amor...

Constança, jovem sonhadora de coração apertado, vê o seu amor partir na caravela, para bem longe de si. Na sua missão, de olhar molhado e saudade ao peito. Deixou-a no vazio, que ela mais uma vez procurou, pela última vez naquele porto, numa promessa de volta. De um amor eterno.

De todas as juras que alguma vez tinham feito, entre corpos, num leito quente. Num simples tocar de mãos, em sussurros em noite de lua cheia, num feitiço secreto. Constança, bela donzela de vestes negras, sabia que ele voltaria para os seus braços.

Luas, chuvas e ventos passaram e nem uma notícia da volta da caravela. Ela, nobre dama de cabelos negros, continuava sentada de frente para o horizonte infinito, em busca de um sinal, de uma boa nova.

Onde estava ele? Dom Rodrigo, nobre cavaleiro, navegador e corajoso descobridor de novas terras. Ela começou a pensar que talvez ele se tivesse perdido numa melodia, das sereias, ou se deixado ficar por uma bela moura encantada. Tinha desistido dela? Lembrava-se das suas promessas de amor e do seu olhar perdido, triste, naquele dia em que a nau desapareceu para sempre.

Desistiu. Voltou para casa, poeirenta, como se o tempo, que estivera à sua espera, fosse quase perene. Desfolhou todas as cartas de amor, de Rodrigo. Todas belas, únicas. Mas havia uma que ainda estava por abrir. Tinha-se negado a abrir sabendo que ele iria partir, para longe dela.

Abriu.

A sua última carta. A carta do seu luto, sobre o corpo inerte e moribundo de Constança, da dor que a sua morte lhe tinha causado, que agora só lhe restava ser engolido pelos mares, trespassado por uma flecha, de um selvagem qualquer. Sem o seu amor não era digno da vida.

Seu coração bateu pela última vez, numa ilusão fantasmagórica. A alma de Constança ali ficou engolida na perpetuidade. Destroçada, sem saber do passado, sem saber do seu amado.

Engolida na morte. Na saudade.

A vida não passa daquela imagem  
Como a de um simples ser  
Que tem para realizar aquela viagem  
Muito dura e árdua de percorrer  
Aumentando seu caminho com a idade  
É a única coisa que se tem  
Um valor que dura para a eternidade  
Como um simples amar de mãe.  
Tudo em nós é controlado  
Como cada simples momento  
Pensas, que tudo é imaculado  
Mas, tudo é marcado no tempo  
Em família, pensas que vais conseguir  
Pensamentos bonitos com coração  
Rebentos teus te fazem refletir  
Emoções que te jogam no chão  
Os carinhos que temos para nos apoiar  
Mas magoados, ficamos na pior  
Mas lutando temos de continuar  
Por uma caminhada melhor  
Desesperado tentas ultrapassar  
Muitas horas sem solução  
Sem saber qual o final da dor  
Porque não passas de uma equação  
Como que rasurada num manuscrito  
Que por mais valor que possas conter  
Ficando entregues ao infinito  
Sem o resultado para viver  
Onde tudo te é tirado como cada batida  
Não te deixando entrar na aventura  
Fascinante de uma longa vida  
Não existe no globo coisa mais pura  
Desde a hora do nascimento  
Em que és amado e que vais amar  
Sem pensar na dor e no sofrimento  
Ficando a resolução por acabar!!!  
Com o nosso futuro incerto  
Sem saber o fim da caminhada  
Se está longe ou perto  
Ou como nos foi traçada.

Diz-me o vizinho que é preciso ter esperança. Ele de um lado e eu do outro, acenamos ao longe. As nossas janelas e varandas tornaram-se verdadeiras cabines telefónicas, à distância de umas frases ecoadas no vazio da nossa rua. (não precisamos de colocar mais moedas para continuar a conversa).

As ruas desertas enchem-se de uns quantos indivíduos. Uns perversos egoístas. Outros verdadeiros heróis.

Algo tão simples como sair de casa tornou-se um ato de irresponsabilidade ou, por outro lado, um ato de coragem; uma ação de soldado. (estamos sobre um bombardeamento de bombas invisíveis).

Dizem tudo: à pressa, com medo.

Fazem tudo: o que podem, da maneira que sabem, em casa se for possível.

Vivem tudo: dentro de paredes, vendo o mundo pela janela.

Deixámos de ver as suas bocas. Os rostos são agora olhos e pouco mais. Olhos desconfiados, nervosos, medrosos. Olho e não vejo espelhos de alma, mas pavores de alma. Onde estão as bocas serenas e confiantes? O que fizemos aos sorrisos e aos beijos? Foram tapados. Proibidos. Banidos. Abandonados. Infetados.

Penso no futuro. Para me deslocar, talvez tenha de fazer umas pernas à minha casa, com uns braços compridos que estenderei a partir do quarto. Farei da minha porta uma boca destapada, que será segura para os outros. Da minha cozinha farei uma sala de controlo, como se de uma nave espacial se tratasse. E com umas asas poderei almoçar dentro de casa em qualquer lugar que me apeteça. (jantar fora dentro de casa).

Com asas a minha casa tornar-se-á capaz de realizar sonhos. Acenarei do céu ao meu vizinho. Dir-lhe-ei que esta é a minha esperança: ter uma casa que voa e que vai ao encontro de quem seja preciso; voa e vai abraçar e beijar quem precisa de ser abraçado e beijado.

Na varanda do meu vizinho há um lençol estendido que serve de cartaz e nele vejo escrito: fique em casa.

Sim, eu ficarei, não vou a lado nenhum; mas a minha casa vai onde for preciso.

Um dia o meu corpo volta a ser a minha morada – é preciso ter esperança!

Considero-me um tipo metódico e dado a rotinas. Mas estes tempos levam-me a exageros que deixei de controlar. Já dou por mim a contabilizar o número de vezes que exercito os glúteos a colarem e a descolarem do sofá.

Por acaso, a casa é o meu ocaso. No capricho do espirro chinês, o maldito bicho obriga-nos a colocar a máscara do isolamento, como se a distância física traçasse a régua e esquadro o paralelo com o distanciamento das emoções. O abraço fica adiado e o beijo proibido. Vestimos a capa de Judas na traição ao próximo. O afeto segue via e-mail, tão frio como a noite da serrania agreste.

Entre paredes, a esperança coabita-me com o medo. Sou como o gato e o rato numa luta desigual e lançada no paradoxo desta vida de cão. Volto, sem querer, a falar de bichos. Mas em vez de nos enternecermos com o ronronar do Tareco ou de brincarmos com os latidos do Bobby, protegemos as mãos das dentadas assassinas do Covid. Mas quem lhe deu autorização de nos bater, assim, à porta?

Todos nós saímos à rua em passo acelerado e ofegante, fazendo de cada esquina a dobragem de mais um Bojador sem sabermos o que vamos encontrar nas marés da cidade. As televisões transformaram-se em estafadas tabuadas de multiplicar estatísticas. Somam-se os mortos e subtraem-se os recuperados numa dança gestual onde ninguém quer emparceirar. A monotonia instalada faz-nos encolher os ombros e olhar para o lado. Já não queremos saber a razão do espirro. Nem aceitamos que a zaragatoa nos investigue as entranhas e enfie a esperança pela goela abaixo. A vacina é a sina dos humanos suspensos em meses de incerteza.

Quando ela chegar, que a sua picada venha com tamanho fulgor que nos faça despir todas as máscaras. As da cara e as da alma. Quando esse dia nascer, o sol, o vento, os rios e os pássaros serão os mesmos de sempre. Mas o abraço finalmente libertado abarcará todo o mundo. E as crianças perceberão que os adultos não estão zangados com elas.

Enquanto o burburinho mediático anuncia a hegemonia da crise, as flores silvestres refletem luzes e cores pungentes que insistem em brilhar. E logo ao lado um homem rico fica doente porque as “mais-valias” estão em risco... E uma árvore ignorante, frondosamente alheia ao sound bite mediático, enche-se de um verde tão intenso que só os distraídos conseguem ver...

Enquanto os burgueses insolventes analisam minuciosamente a trama conspirativa que os venceu, um homem velho cava a terra que o viu nascer, analfabeticamente seguro da sua finitude e dos ciclos ancestrais. Na rua, um cão abana a cauda e confia no seu dono que não confia em ninguém... Os jornais que anunciam o colapso, e as filas de gente inquieta que o desalento venceu, e o cimento simbolicamente cinzento por toda a parte, todos tropeçam em ervas, e bichos, e flores, e plantas, árvores, vidas visíveis e invisíveis de milhões e milhões de seres ignorantes da crise!

As teorias da conspiração, e as conspirações, e os prognósticos das catástrofes anunciadas que embelezam a crise, não assustam os amantes que estão dentro de um carro a fazer um filho!... E enquanto as notícias na TV declaram a prioridade do medo, uma flor desabrocha num vermelho tão vermelho que até pode distrair alguns homens sérios!

E os burgueses insolventes irritam-se porque o sem-abrigo não parece preocupado. E as portas, todas a fecharem-se, desesperam porque ainda assim a luz do sol passa. E o beijo dos amantes foi apaixonado e não devia, porque estamos em crise;

E o cão abana a cauda confiante e não devia, porque estamos em crise; Os jornais, a televisão, as instituições e as pessoas importantes, todos se uniram para decretar a obrigação do cinzento porque estamos em crise... Mas a Natureza, cegamente inconsciente das austeridades apregoadas, explode em cores e metamorfoses, transes milenares de vida...

Acordo sozinho. Tenho sede. Estou tão cansado que demoro algum tempo a levantar-me. Parece que estive a trabalhar durante uma semana seguida sem dormir.

O meu quarto está ligeiramente iluminado pela luz solar que, sorrateiramente entra pelas frestas da janela. Passo a mão pelo rosto e fico sentado na cama a olhar o vazio da parede: «tenho de pôr ali um quadro».

Levanto-me, abro as cortinas da janela e fico a contemplar o silêncio da cidade. Parece que foi ontem que a grande catástrofe se deu neste planeta, mas já foi há tanto tempo...

Já não se vê quase ninguém na rua. De vez em quando vejo passar uma ou duas pessoas, isto é, se estiver aqui horas seguidas parado a olhar. Sempre as mesmas pessoas. Procuram comida. Aborrece-me...

Bebo água, lavo-me, visto o mesmo de sempre e saio de casa.

Não se ouve nada. Nem vento nem animais. Há carros despedaçados por todo o lado. Esqueletos que outrora foram pessoas. Ninguém se deu ao trabalho de limpar as ruas. Não houve tempo.

Quisemos apenas sobreviver. Será que valeu a pena?

Passeio pelas ruas enquanto trinco uma maçã. Hoje não há nada de novo. O sol continua no mesmo sítio a brilhar com todo o seu vigor e o planeta Terra continua lá ao fundo no céu a olhar para mim com desdém.

Em tempos, estive ligado a uma organização que conspirava contra aqueles que diziam que a Terra estava a morrer. Agora percebo que tinha razão. Obrigaram-nos a vir para cá com o pretexto de que a nossa vida iria ser melhor. Mas eles ficaram lá. Diziam: “em nome da ciência, sacrificamos as nossas vidas neste planeta prestes a morrer para vocês sobreviverem, bla bla bla...” Era tudo mentira. E eu tinha razão. Mas como todos os outros, vim para cá.

Depois de alguns quilómetros entre passos lentos, encontro o que queria e volto para os meus aposentos.

Procuro as minhas ferramentas e tiro de lá um prego e um martelo. Faço um furo na parede e coloco um quadro.

**(a propósito de uma canção de Vinícius de Moraes)**

Vivia há tanto tempo num palácio de sonhos  
que o meu corpo crescia por dentro das paredes.  
Meu nome era pedra, chão, porta, degrau.  
As minhas rosas floriam só na escuridão,  
na solidão dos quartos, quando muito  
na penumbra das janelas.

Debaixo dos arcos antevia a luz por breves instantes,  
nas esquinas dos pátios amava só a minha sombra,  
o meu reino era uma prisão, consentida  
com todos os sentidos.

Todos partiram, mas era ali que eu pertencia.  
Criei raízes, tornei-me numa árvore que se desfolhava  
todos os invernos, excepto um, em que por acaso  
não houve vento.

Vieram noites e dias, incontáveis e mudos,  
a casa estremecia nos ventos que varriam as tardes,  
desmoronando-se aos poucos em pedaços,  
estilhaços.

Agora só lá moram as manchas nas paredes,  
o telhado caído, o chão desmantelado,  
um casaco esquecido,  
inútil paisagem.

Na primavera ainda florescem os caminhos,  
mas de que servem as flores que nascem pelos caminhos  
se o meu caminho, sozinho,

é nada?

Tudo começou numa noite de Natal, há muitos anos, em casa da avó Minda. Os seis netos davam pulos de alegria na sala, a desembrulhar prendas, quando de repente se fez silêncio e entrou a avó, sorridente, com um peixinho a rodopiar num pequeno aquário. Trazia uma etiqueta enigmática: "Se me deres muita comida tudo pode acontecer!"

Resultado: os meus filhos passaram os dias a dar comida ao peixe.

Quando íamos de férias para o Rogil, para casa dos tios, era uma alegria: a família toda em festa, com os primos ao desafio, a ver quem dava mais comida ao peixe. Ao fim do primeiro dia, todos cansados, libertaram-no no açude. Passado poucos dias, com tanto que comer, dobrou de tamanho.

Trouxemo-lo para casa e as semanas foram passando. Nas festas de aniversário, as crianças alimentavam o peixe com restos de comida, quase sempre arroz de pato já que era uma das minhas especialidades.

Percebemos que ele tinha momentos de maior agitação, frenético, às voltas no aquário, só acalmando com comida e... com música dos U2, tocada na garagem pelos meus filhos e marido.

Um dia fizemos uma prova de vinhos cá em casa, com amigos jornalistas, e no final, já um pouco alegres, também eles se fartaram de dar comida ao peixe e até mesmo uns golinhos do vinho vencedor. E o peixe, claro, não parou de crescer.

Quando já não cabia no aquário, tivemos uma ideia: e se o colocássemos transitoriamente na piscina cá do condomínio? Os vizinhos aceitaram de imediato e fizemos uma festa alusiva ao peixe, num convívio com caipirinhas e... sardinhas grelhadas no carvão.

O próximo passo implicava retirá-lo da piscina antes da época balnear. E levá-lo para onde? Grande como era, o seu simples transporte constituía um risco. Só com uma equipa especializada.

Lembrei-me dos médicos e enfermeiros que trabalham comigo. Se corresse mal e fosse preciso reanimar ou até entubar o peixe, desenrascávamo-nos com certeza. Tinha comigo ampolas de adrenalina e atropina emprestadas pela farmácia do hospital, e imaginei-me a reanimá-lo. Senti-me confiante... como se a anatomia de um peixe fosse parecida com a nossa!

O transporte decorreu sem intercorrências J e libertámos o peixe. Onde? No pontão de Alcochete! Assim ele poderia escolher entre o mar e o Tejo. Optou pelo mar.

Passado uns anos, uma jornalista amiga que trabalhava na SIC referiu-se, numa reportagem, a um estranho fenómeno no Alasca: um grupo de cientistas descobriu, numa zona costeira, um peixe gigante com a forma de uma ilha. E mais: os especialistas asseguraram que se tratava de um peixe originário do estuário do Tejo. Caramba! Como era possível? Depois de tantos quilómetros percorridos, teria mesmo sido o nosso peixinho, agora peixão, que se teria encostado àquela ilha a descansar, ali ficando petrificado? Mais incrível ainda: boa parte dos habitantes da ilha eram emigrantes portugueses e alimentavam o peixe com... arroz de pato. Será que ouviam U2?

É noite de consoada. A avó polvilha, com canela e uma infinita dose de amor, a enorme e apetitosa travessa de arroz-doce que fará a delícia das pessoas que mais ama. No extremo oposto do salão, a lareira crepita vigorosamente. Ao lado, está um presépio, coberto de musgo, que avô e netos construíram em conjunto.

– Enquanto esperamos, o avô vai contar uma história que aconteceu mesmo de verdade. Era uma vez um menino que vivia numa aldeia que não tinha electricidade, nem água nas torneiras como nós temos agora. Chegar até lá só era possível indo a pé ou montados num cavalo ou num burro, como este do presépio. Toda a gente era muito pobre e, até mesmo no Natal, havia meninos que passavam fome e frio. Havia um menino que passava mal, como todos os outros. Porém, uma coisa lhe fazia esquecer toda a pobreza que o rodeava: andar na escola e aprender a ler. Mas os pais eram tão pobres que não tinham dinheiro para lhe comprar o livro que a senhora professora exigia. Quando o menino mostrava ao pai o imenso desejo que o consumia, aquele ficava triste mas dizia que talvez o Menino Jesus lho oferecesse no Natal, se pedisse com muita vontade. Todos os dias o menino perguntava ao pai ou à mãe se ainda faltava muito para o Natal.

– E o livro, avô? – intervém o mais velhinho. – Este ano também quero um livro de presente, como aquele menino!

– Podes crer que é a melhor lembrança que alguém pode receber, querido. Apesar de ainda ser muito cedo e estar muito frio, naquele dia de Natal, o menino levantou-se sorrateiramente, para não acordar os irmãos, e correu até à lareira para espreitar se o Menino Jesus teria passado por ali. Os olhitos brilharam-lhe de espanto e alegria ao ver, encostado à lareira, “O LIVRO DA PRIMEIRA CLASSE”. Agarrou nele, encostou-o ao peito com toda a força, e deu pulos de contentamento. Mirou a capa com o enlevo de quem aprecia um tesouro. Folheou-o com todo o carinho, sorvendo cada letra, cada desenho, com uma alegria tal que quase lhe fazia explodir o coração. De seguida, correu até ao quarto dos pais que ainda dormiam. “Mãe, pai, o Menino Jesus trouxe-me o livro que pedi nas minhas orações!” – gritou. “Vês como é bom ser um menino bem-comportado

e rezar?” – respondeu a mãe, ainda sonolenta. “Estou tão contente, tão contente! Agora já não preciso de ler pelos livros dos outros. Também já tenho o meu!”

Um orgulho imenso invadiu o coração daquele menino pobre mas cuja alegria era infinita, naquele momento. Sentia-se feliz e muito agradecido ao Menino Jesus por lhe ter trazido aquilo que ele mais ambicionava no mundo. Para ele foi um dos Natais mais bonitos de sempre. Só não reparou que a mãe continuava a vestir a mesma saia e não aquela que cobiçava, havia muito tempo.

O avô levanta-se calmamente, fazendo sinal aos netos para se manterem no lugar. Passados alguns minutos, regressa com um livro que lhes entrega. Estes fixam a capa onde saltam à vista umas letras azuis, de grande tamanho: “O LIVRO DA PRIMEIRA CLASSE”, com a imagem de uma menina e um menino estudando um livro.

– Foi este o livro que fez o menino tão feliz, naquele Natal! – explica o avô, com bonomia.

– Eras tu o menino da história, avô? – perguntam os dois petizes, surpreendidos.

O avô limitou-se a acenar com a cabeça, enquanto os olhos se lhe humedeciam.

Contam que morreu de amores por uma mulher que por lá passou. Dizem que desde então nunca mais saiu nem se alimentou.

Cantam um amor entre dois seres que nunca viram mas se realizou. E que o velho faroleiro por ali ficou e se definhou.

Morreu numa manhã de Sol quando o mar conquistou o cabo e o farol desabou.

Hoje resta a ravina que esse desabamento na costa deixou e ouvem-se gemidos de prazer e ardor fruto da volúpia e da paixão do faroleiro e dessa mulher.

O povo conta que nunca a viram mas que era bela e não caminhava como as demais. Uns acham que era uma sereia, outros uma deusa e, alguns, que era uma feiticeira que o embruxou e o faroleiro nesse amor só a morte achou.

Vieram historiadores, cantores, contadores de estórias, escritores, poetas em noites de lua cheia perguntar ao vento e às ondas do mar se conheciam o faroleiro que morreu de amores.

O vento arrefece-lhes os corpos e o mar salpica-lhes as faces, são restos do faroleiro que morreu de amores por uma mulher que por ali passou.

Uns acham que era uma sereia, outros uma deusa e, alguns afirmam que era uma feiticeira que o embruxou.

O meu nome é João Pedro Martins Belo, tenho 61 anos de idade e sou doente de Parkinson. Faz agora mais de 25 anos que me apareceram os primeiros sintomas da doença.

Confesso que fui surpreendido pelo passar do tempo, pois tinha uma vida absolutamente normal, jogava futebol, pegava em pacotes com mercadorias para os clientes e fazia diversas atividades no campo.

Por tudo isto, nunca me passou pela cabeça que, repentinamente, pudesse começar a sentir o meu corpo a dar sinais estranhos e diversos. Sinais cada vez mais graves e incapacitantes, sobretudo assustadores, pelo desconhecimento da razão pelo qual o corpo não respondia, alertando-me permanentemente para algo grave, muito grave.

Primeiramente, comecei a sentir bastante dificuldade em escrever e depois, repentinamente, perdi força e coordenação na minha perna direita. Tudo se agravou quando se instalou o desequilíbrio acompanhado pelos espasmos. Percebi que não poderia deixar passar mais tempo e a realidade obrigou-me a procurar um Neurologista Especializado. Fui diagnosticado em 2001, Doente de Parkinson, e a minha vida mudou para sempre.

Aprendi a viver com a doença e consegui alcançar uma recuperação gradual satisfatória, tendo o positivismo como uma arma poderosa. Perante a debilidade física, apenas a mente forte nos surpreende pela força imbatível.

Assim, acabei por realizar uma introspeção escrita, da qual resultou, inesperadamente, o meu livro "Sem Medo do Parkinson". Consegui manter-me sempre ativo até hoje, a recuperar todos os dias.

Por sentido de missão e obrigação moral, vou continuar o meu Projeto de Vida, sempre solidário com outros doentes de Parkinson e as suas famílias, transmitindo através das minhas experiências e das palavras escritas no meu livro, uma esperança possível de aprender a ser feliz.

...Tudo começou com dores ósseas, dores nas costas, que no início desvalorizei por pensar que eram das más posturas no escritório, do cansaço e stress do dia a dia. Quando as dores eram horríveis e já não as conseguia suportar, decidi procurar um médico, que depois de vários exames, me diagnosticou um Mieloma Múltiplo.

...Joaquim estava perto de completar meio século, quando a vida lhe pregou uma partida e o pôs à prova.

Tudo começou com as dores sentidas nas costas. No início associou essas dores às más posturas, uma vez que o trabalho do Joaquim exigia que passasse muito tempo sentado à secretária. No início desvalorizou, mas as dores nas costas começaram a intensificar-se e a tornarem-se insuportáveis.

Depois de consultar osteopatas e vários médicos, chegou o mais terrível dos diagnósticos. Era um cancro, como mais tarde se concluiu.

Quando soube do diagnóstico, e depois de digerida a notícia, Joaquim resolveu lutar com todas as suas forças, pois desistir não era opção.

Com o seu otimismo que lhe é característico, enfrentou a doença e nem o medo da morte, nem a agonia dos tratamentos o derrubaram.

Depois de uma grande luta, Joaquim conseguiu ultrapassar a doença e voltar à normalidade e à sua rotina diária, consciente de que tem uma doença que o acompanhará sempre, e que a qualquer momento poderá novamente despertar.

Joaquim sobreviveu ao cancro, mais lutador do que nunca e ainda mais grato por estar vivo.

Contada pela primeira vez, esta é a história da fase mais tenebrosa e angustiante de Joaquim. Uma história de dor e angústia, coragem e resiliência, com um final feliz.

O autor pretende mostrar que ter um cancro não significa o fim, não significa a morte. Com uma grande dose de otimismo, coragem e força podemos derrubar esta maldita doença.

Esta é a história de uma pessoa que venceu a doença e pretende ser um testemunho de coragem para todos aqueles que enfrentam um problema oncológico.



Isto só a mim acontece! Saí ontem de manhã de casa fechei a porta e desci as escadas que por acaso têm um corrimão novo que é uma coisa que dá muito jeito principalmente para os putos poderem escorregar por ele abaixo se este não tiver uma bola no término que aleija bués quando se bate nela e fui descendo pela rua até ao quiosque que é uma palavra turca ou persa aportuguesada, dizem, mas isso agora não interessa que o que eu queria era ir comprar o jornal um qualquer pois todos contam as mesmas coisas e já se sabe que são quase tudo mentiras mas nós gostamos de ler porque somos masoquistas quando reparei que naquela tasca ou café ou restaurante ou lá o que aquilo é ou como lhe chamam estava aquela dama do costume sentada agora na esplanada a gozar o sol e a comer a proverbial sande de couratos que nunca provei nem faço tensões de meter em tal coisa o dente pois me faz impressão comer os restos mortais de um bicho que é porco e que sabe-se lá que porcaria já terá feito e de repente comecei a sentir-me corar.

Ela estava a olhar-me para as partes baixas do meu corpo que até estava lavadinho desde logo que saltei da cama naquela manhã de sábado e estava a babar com o que via e eu sem saber o que é que ela via calculei logo que seria alguma coisa que estivesse a espreitar por debaixo das bainhas dos calções que até nem tinham bainha pois eram umas calças velhas que eu cortara curtas que eu sou de um país cujo clima exige arejamento e também por isso não trazia a outra peça de roupa que é costume usar por baixo dos ditos cujos e servem para apoiar proteger agasalhar os apêndices próprios da espécie masculina que todos os animais, pelos menos os de pelo, têm os ditos cujos e também não usam tal indumentária donde se prova que ela não é necessária para nada e então apanhei um susto pois pensei que haveria algo como disse a ver-se ao léu mas pus logo de parte essa ideia pois desde que me conheço acho que haverá poucos que sejam assim tão dotados a não ser os elefantes que são uns bichos superfíxos e chegam ao cimo das árvores.

Não! Não é com isso mas é com as trombas e lá na savana não há nenhum bicho que se meta com eles que demoram dois anos de

gestação calcule-se e nascem logo a pesar uma tonelada mas eu continuava a sentir-me corado e os olhos dela não paravam de rebolar como bolas de bilhar que é um jogo curtido que também se joga com um pau e bolas muito coloridas e eu nunca consegui acertar nelas mas gosto de ver nem que seja na televisão quando eles acham que o futebol já está a chatear e que se soubessem o que me chateia tinham logo eliminado da programação mas o que se há de fazer eles são obtusos e as pessoas emprenham pelos olhos e os olhos a saltar nas órbitas mirando na minha direção exatamente para baixo da cintura. Pensei colocar as mãos à frente da braguilha ou carcela como se diz noutros lados e não sei porquê estes nomes arrevesados mas achei que era coisa muito amaricada e então comecei a correr e só parei na montra da loja de roupa desportiva que tem umas chuteiras bestiais e sim são chuteiras porque agora tenho uns amigos brasileiros e estou a ficar contagiado com a forma de falar deles e chuteiras é bem mais bonito do que sapatilhas que era como essas coisas se chamavam quando eu era novo e havia ginástica obrigatoriamente na escola o que eu nunca fiz pois tinha uma professora só para mim que era muito boa e tinha conversas muito interessantes sobre as questões políticas sim que ela era de esquerda e estava na minha terra castigada por isso mesmo mas era porreira e dava-me aulas além de que eu fazia natação todos os dias mas nunca ganhei nenhuma prova a não ser uma que eu fiz em competição com uma garota que era cega e foi todo o caminho aos ziguezagues com a família toda a gritar da borda para a esquerda para a direita em frente força e eu nem quis receber a medalha e foi por causa dela da professora de ginástica que eu comecei a gostar de ler o jornal que era coisa que ela fazia sempre e dava-me os suplementos infantis às quintas e domingos e era porreiro porque tinha uns super-heróis de que ninguém agora se lembra como o Cisco Kid, o Opalong Cassidy, o Reizinho, o capitão Marvel e a família dele que eu era fã do irmão mais novo do gajo como também fui sempre fã do David da coleção dos Cinco talvez porque me pareciam mais da minha idade e... o que é que eu estava a dizer? O que é que eu estava a dizer?

Ah! Parei na montra mas não foi para ver nada para dentro que até tem umas garinas alto lá com elas e os moços parecem todos jovens apolos gregos ou gladiadores romanos sabe-se lá porquê porque para estar ao balcão não é preciso ter tanto músculo nem falar assim... foi para ver o meu reflexo nos vidros e descobrir o que poderia chamar tanto a atenção da dona que comia os tais couratos que se fosse no Porto seria antes uma francesinha que é muito boa e até se calhar mais indigesta que as pessoas só comem estas coisas porque são indigestas e provocam o aparecimento de muito colesterol e fica sempre bem no meio de uma conversa dizer que se tem colesterol parece que é uma doença da moda e chique porque toda a gente fala dela como não vi nada de especial no meu visual comprei o jornal no tal cubículo colorido e com revistas de senhoras mais ou menos mais menos do que mais vestidas e vim por outra rua p'ra casa que estava farto de ver olhos a rebolar e se calhar aquela caneca de café com

leite ou garoto

ou galão ou meia de leite não tinha nada do que se poderia esperar e sim uma boa porção de líquido bastante alcoólico que ela mexia os olhos com uma presteza e ansiedade nunca vistas e até parecia que eles viam através dos corpos opacos. Os meus calções. Agora mais calmo penso que só pode ser por causa dos pelos das pernas serem encaracolados e por isso vou fazer uma depilação que é uma coisa muito dolorosa dizem.

Tempos. Emudecidos.  
Utopias. Crenças.  
Realidades. Esquecimentos.  
Declínio. Solidão.  
Consumir. Consumição.  
Humanidade. Vedada.  
Irracional. Devastação.  
Invisibilidade de intenções.  
Fins a medir. Causas.  
Sem arcabouço. Para o preço a pagar.

Vulnerabilidade. Mortal.

Tempos. Imagéticos.  
Medos. Atolados.  
A vida escolhe-se. Oca.  
Invencível. Estatística.  
Questionar o futuro. Ação.  
Tenacidade. Avanços.  
A coragem da temperatura.  
Amadurecimentos civilizacionais.  
Livre arbítrio.  
Voltar a princípios.

Liberdade. Imortal?

Acordei. De um sono profundo. Eu que até sou de dormir mal e pouco... Mas hoje acordei estranho. Os pássaros voltaram a vir cantar no parapeito da janela, no aparelho de ar condicionado e na árvore de vastas folhas. Mesmo em frente da janela.

Mais além, avisto o movimento, trânsito. O dia nasce e cresce. No caminho para o trabalho, vejo pais com filhos à porta da escola num abraço demorado. Sentido. Na rua, reina cortesia e simpatia.

No trabalho, observo pessoas com educação, cordialidade e graciosidade. O entardecer é belo e acompanha-me no regresso a casa. Crianças brincam. Pais conversam. Sorrio para mim.

A noite desce. Enquanto espero pelo jantar, faço companhia à janela entreaberta. Os meus olhos perdem-se em janelas despedidas de cortinados. Transparentes. Vejo famílias a interagir; jogos de irmãos. Afectos dos pais sem pressa. À mesa, refeições de todos com afabilidade e delicadeza.

Acordei assim. Vivi o dia diferente. Senti polidez, respeito e civilidade. Os dias, agora serão assim. Que bom! Acordei de um terrível pesadelo. Uma certeza em mim fica. A vida não é tal como a conhecia. Esta guerra entrou na minha vida de tal forma que jamais imaginaria. Vivi um tempo atípico, de emergência, de medo estampado no rosto de todos. Não, não somos gente de medo. Temos consciência do medo porque estamos mais informados e o contexto afigura-se desconhecido.

Agora, que saio, à vontade, à rua, contemplo de uma outra forma. Com mais valor um sem número de coisas do quotidiano. O olhar. Um novo olhar sobre tudo, sobre o mais simples. Um abraço a familiares, aos amigos. Olhar os filhos, ler os seus sorrisos. Tocar e abraçar quem amamos.

Em concreto. Este infortúnio criou-me disciplina dentro da minha própria casa, local até então reservado ao descanso e ócio, delegou em mim muito mais responsabilidade. Tarefas que até então eram de outros. Obrigou-me a trabalhar à distância com eficiência. Novos hábitos. Praticar desporto sem sair de casa. Tudo à distância de um clique. Nunca me imaginei a fazer teletrabalho. Surpreendi-me. Algo de positivo a retirar deste maldito vírus. Aprendi imenso nestes dias.

Vejam-me  
Como sou  
Bela e airosa,  
Pensamento e palavra,  
Imo e âmago,  
Princípio e fim.

Vejam  
Como sou poesia.

Alcancem-me  
Como fonte de inspiração  
Olhem-me  
Como sou  
Espaço e textura,  
Expressão e Força,  
Abstracto e concreto,  
Retrato e paisagem.

Vejam-me  
Como sou poesia,

Vejam-me  
Através da realidade do olhar  
Como brilho e faço brilhar,  
Como liberto e sou Liberdade.

Vejam  
Como sou poesia

Sou memória,  
Sou tempo,  
Sou vida e morte,  
Sou amor e desamor,  
Sou recordação e esquecimento.

Recordo,  
Não esqueço  
Como sou poesia.

O se Alexandre Revisor, pelo dia de S. Martinho de 1990, celebrara o octogésimo oitavo aniversário. A alcunha de Revisor foi-lhe atribuída por ter trabalhado nos elétricos e nos tróleis de Braga até à sua extinção.

E, por esse ano, o nosso bondoso ancião já era trisavô...

Então, segundo a sua rigorosa contabilidade, tinha 52 netos, rebentos dos seus 5 filhos e 4 filhas. Somando, agora, 97 bisnetos e 11 trinetos... E, para quem o queria escutar, todo babado e abrindo-se num gozoso sorriso, o se Alexandre Revisor costumava expressar, juntando, sob a mesma rasoira, netos, bisnetos e trinetos:

“Sou avô de 160 netos! E se fosse no tempo em que casei, nos meados dos anos vinte, não eram 160, deviam ser pr’aí 500!”

Ora, o que principalmente vem a talhe de foice sobre o venerando idoso, era o costume que ganhara de trazer sempre os bolsos atestados com moedas de um e de dois tostões, de coroa e, raramente, de escudo! E abarrotava os bolsos com moedas de baixo valor, até porque as suas posses também eram poucas e destinava-as à distribuição pelos “160 netos”, assim como, diga-se, por outras crianças que o abordavam pedindo “um tostãozinho”!

“Toma lá, mas não é para abusar, porque ‘os diabos são muitos e a água benta é pouca!’ – e soltava uma sonora e feliz gargalhada...

Corria o ano de 1971. Estava a prestar serviço militar em Angola. Era piloto de helicóptero na Base Aérea nº 9, Luanda. Aproximava-se a Páscoa. Recebi um convite do amigo Neca (Manuel da Silva Ferreira) e Família, para almoçar na sua morada, no Musseque de Sambizanga.

Aceitei de bom grado pois era uma Família humilde mas respeitável e da minha terra: Junqueira – Vila do Conde.

Recebi alguns “conselhos” dissuasores: que era um perigo, aquilo era um ninho de terroristas, um militar expor-se naquela zona era um risco enorme... E afiançavam-me que já tinham encontrado no mato, terroristas com o bilhete de cinema do domingo anterior, ou seja, tanto estavam em Luanda como no coração da floresta, de armas na mão. Eu não tive medo e nem sequer hesitei. Apesar de as cerimónias religiosas na Base serem muito concorridas avancei para partilhar aquela refeição simples e sem luxos junto de um amigo de infância com quem brincara em criança.

À noite fui visitar o professor Santos Júnior, catedrático que ali se encontrava destacado a ministrar antropologia. Também ele censurou a minha imprudência pois conhecia os relatos que se faziam daquela zona da periferia, onde se acoitavam marginais de todos os matizes. Enfim, ele queria proteger-me, apenas. A conversa foi-se alongando pela noite fora. Ele tinha o hábito de jejuar, uma vez por mês. Sei que viveu até perto dos cem anos. Nesse dia, bebia apenas cerveja e tomava café, para queimar calorias excedentárias e limpar o tubo digestivo de resíduos supérfluos. Terapia excelente.

Casualmente falei no futuro de Angola. Eu imaginava que seria um novo Brasil onde todos viveriam em liberdade e coexistência pacífica. Mas seria imprescindível a independência.

Estranha e bruscamente ele nem sequer admitia essa hipótese, por remota que fosse. E desfilou perante a minha incredulidade, uma série de argumentos \_\_ que eram apanágio de uma certa intelectualidade conservadora e devotada ao culto do regime \_\_ onde a par de crítica acerba à raça negra e suas limitações ancestrais, tecia considerações que roçavam um hipernacionalismo doentio.

Enfim, património dos nossos antepassados nunca deveria ser entregue sob pena de traição à Pátria. Eu, ao admitir que dentro de quinze ou vinte anos, passando por diversas etapas — admitindo os terroristas na administração pública, com um critério de seletividade muito rigoroso, é óbvio, ou, quiçá, na vida empresarial — seria, como explicou com desagrado, um ingénuo capitulacionista, alguém pouco confiável.

Falei-lhe na voz da história, nos precedentes já criados, mas nada o demoveu. Deixei de lá ir pois o diálogo era impossível. Soube que teve contactos com oficiais da BA 9. Eu, passado cerca de um mês, regresssei à Metrópole. Fiquei estupefacto com um relatório que procurava “explicar” os problemas de taquicardia, elevada tensão arterial e úlcera duodenal. Ainda hoje me interrogo sobre o significado da douta expressão nele contida: «Prática de voo em ambiente aeronáutico não vislumbrado»...

A taberna de Manuel Batista era o local de encontro dos homens ao anoitecer. Nesse tempo as saias não frequentavam estes tugúrios, pois não se vendiam cafés expresso e as mulheres que gostavam de emborcar um ou dois copos faziam-no em privado. A pouco e pouco, aos jornaleiros do trabalho agrícola juntavam-se cantoneiros, pedreiros e serradores.

Os homens que laboravam no pinhal reuniam-se numa pequena mesa no canto mais escuro, com as roupas e mãos encardidas pelo pezo, e pediam copos de metade, para primeira rodada. Viravam o carrascão de uma só vez, como que a querer esconder a dureza de mais um dia de labuta. A seguir, sorviam o líquido de minúsculos copos de três, uns traçados com gasosa e outros simples, acompanhados das sobras da bucha: broa de milho, toucinho, torresmos, queijo de cabra, figos secos e azeitonas.

O taberneiro era um bonacheirão, incapaz de se zangar, sempre paciente a ouvir os desabafos dos borrachões, não conseguia negar um copo a quem estava liso. Porém, do que Manuel não gostava nem por nada era de quando o grupo dos serradores insinuava que ele misturava água no vinho. "Hoje batizaste-o bem, Manuel, assim nem um garoto se embebedava", brincavam. O taberneiro, ruborescido, soprava, enquanto a mulher lhe pedia que se mantivesse calmo.

Certo dia, os serradores decidiram fazer uma partida ao taberneiro. Apanharam uma pequena rã e, assim que ele acabou de encher os copos de metade, colocaram o pequeno batráquio num deles. "Ó Manel, hoje vem batizado e bem batizado, desta vez não o podes negar...", alertou o Gravato, o mais atrevido. O taberneiro, assim que viu o bicho a tentar sair do copo, ficou embaçacado, incapaz de dizer palavra. "Ó homem, eu bem te disse que não pusesses água do poço...", atirou a mulher, despachada, enquanto despejava o copo onde estava o bicho e se propunha voltar a enchê-lo. O Gravato pôs a mão escura sobre o copo e disse, muito senhor do seu nariz, "Maria, hoje só vai laranjada".

Fui fazer as compras a um supermercado para a semana.

Por causa do covid-19, tive que aguardar a minha vez na fila, sob a vigilância atenta de um polícia. Entrei, fiz as minhas compras e vi um espetáculo extraordinário. Uma cigana queixava-se ao empregado de que lhe tinham vendido carne estragada e que aquilo era uma pouca-vergonha! A mulher, corpulenta, usava saia preta a varrer o chão, toda resoluta. O homem, vestido de preto, cabelo comprido caindo-lhe pelos ombros, rosto redondo, seguia a conversa atento, mas calado. A mulher, à medida que a gente se ia juntando, carregava nos acentos da argumentação:

- Pois não é coisa que se faça! Vender carne estragada aos clientes! E num supermercado!

Foi-se aproximando do empregado, toda tesa, olhos arregalados:

- Agora vais-me indemnizar. Ai vais, vais! Olha que eu não me fico.

O empregado lembrava um bloco de gelo. Ouvia tudo impassível, com paciência de Job. Mas sempre soltou, timidamente, umas palavras justificativas:

- A carne está boa. Ninguém se queixou.

- Ninguém se queixou porque a gente se cala. Mas olha que eu vou p'rá frente!

Ali à volta já ninguém fazia nada. Os lojistas avançaram para a porta dos estabelecimentos e os transeuntes, famintos de espetáculo, divertidos com o desacato, desaceleravam o passo, ou paravam junto às montras simulando interesse. O espetáculo continuava e prometia. Quando o empregado fez menção de se ir embora, explodiu o marido gordo, de cabeleira farta, mais vermelho que um pimento:

- Esto es una chapuza, me comprendes?...

E investiu furioso, com o punho cerrado, descontrolado, já não sendo senhor de si. Temi o pior. Valeu a mulher que tentou acalmá-lo:

- Paco, domina-te! Não faças cenas aqui. Vamos à polícia... Vá... acalma-te.

Não conformado, faz aparecer em cena uma “naifa” de ponta e mola, reluzente. Só que o empregado já protegido pelo polícia, enfren-tou-o, destemido. Ao ver-se em desvantagem escondeu a navalha e repetiu o insulto:

- Chapucero! Gran chapucero es lo que eres tu, oiste?

O polícia, que não queria espalhafato ali, com palavras intimidatórias, pô-lo à força na rua.

Meu filho,

Que ainda nem foste concebido mas que um dia sairás de meu ventre. Estas palavras, que hoje escrevo, são de profundo e intenso amor por ti e para ti. São palavras para gravar na mente e guardar no coração.

Quando o dia do teu nascimento surgir sei que será o momento mais feliz da minha vida. Será o dia que toda a minha existência fará sentido e saberei qual o propósito de tudo. O segundo que desatares a chorar provocará uma reviravolta de 180º no meu ser. Todo o meu foco será para ti. Tu que és sangue do meu sangue e carne da minha carne. Tu e apenas tu. O Alfa e o Ómega.

Quero que saibas que serás o meu maior projecto de dedicação. A partir do teu nascimento o meu coração deixará de bater no meu peito para estar constantemente nas minhas mãos pensando em ti. Desde o nascer do sol, no horizonte, até ao seu poente serás a minha razão de tudo. O meu pensamento, a minha força e a minha vitalidade a ti pertencem. Cada passo dado será para ti, pelo teu bem estar e felicidade.

A nossa jornada não terá fim. Será para toda a eternidade.. Mesmo depois do meu desaparecimento estarei sempre contigo. Serás um pedaço de mim aqui na terra. Estarás a perpetuar os meus ensinamentos e assim mantendo-me viva no teu coração, na tua alma, no teu ser. Sempre contigo.

A caminhada que iremos iniciar será uma perfeita aventura. Não será fácil. Também ninguém o disse que era. Será a maior das provas. De todas as provas. Haverão dias de Inverno, no entanto esses dias, quando comparados com os dias de Primavera que se avizinham nada serão. Iremos cair porém juntos reerguer e continuar a caminhar. Teremos medos, tristezas e mágoas, mas saberemos cuidar um do outro e apaziguar cada qual. Sei que por vezes poderei não entender as tuas atitudes e decisões, no entanto estarei sempre ao teu lado. Em momento algum irei abandonar-te ou desamparar-te.

O nosso elo será infinito.

És meu...sou tua!

Nos olhos da inocência  
Chegou... esse inimigo sem rosto!  
congelou o tempo...  
e o mundo parou!

Olhou e começou a Ver  
com olhos de quem procura...  
na sabedoria dos seus  
refúgios para nova dor.

Emergência? Tudo vai parar...  
renascem emoções,  
no coração de cada lar!

Mas com distâncias impostas,  
nos afasta do AMOR  
dias, horas e minutos  
que não serão em vão.

Quantos faltarão?  
outros tantos, a duplicar...  
abraços e beijos virão  
quando esta luta... passar.

E, aos que partem... ficando,  
na ponta de um lápis  
num pincel, ou levados p'lo vento  
ficam momentos,  
sofridos e vividos...  
Num tempo sem tempo,  
certezas e incertezas...  
Solidão? Apagada pelos mimos  
dados de coração...  
Liberdade? Evasão?  
Tempo sem tempo?  
Nos encontros e desencontros  
de asa 'solta',  
ficam sem chão!

Tudo fazia prever mais um dia normal, mas a notícia circulava em todos os canais televisivos. Um novo mundo chegara para fazer silêncio e se fazer escutar no que tanto tinha para dizer. O mundo, carregado de anos de existência, sentia-se em sobressalto, cansado da Humanidade, sentia-se um lugar que não queria ser, por isso, o mundo nunca mais seria idêntico.

O que fazer?, escutava-se através do ecrã televisivo que transpirava a incerteza profunda que a vida começara a gerar. O olhar distante e a fala incerta dos jornalistas desaceleravam a Humanidade. A Terra deixou de respirar tranquila e as pessoas renderam-se ao novo mundo sem defesas. Ninguém estava preparado para assumir as mudanças que abraçariam o universo. O novo mundo começara por agitar o oxigénio da Terra e tudo se aproximava da extinção humana.

As pessoas transformaram-se em seres diferentes. O novo mundo dava-lhes agora tempo para se conhecerem a si mesmas. O tempo que nunca tinham demorava, agora, e levava tempo a mais a passar. As agendas rapidamente se deram com dias e horas vazias, as ruas ficaram gradualmente mais despidas, as pessoas caminhavam sozinhas e afastadas cada vez mais e mais umas das outras; as estações passavam, mas já ninguém as experimentava; o dia, a noite, as horas e os meses deixaram de ter importância. Era tudo igual, à exceção do que nunca fora tão diferente – o mundo.

As pessoas passaram a morar dentro de si mesmas; escutavam, dentro do medo que o olhar deixava pousar no espelho, o ritmo do coração, estranhando-o, e, finalmente, como se nunca, um dia, tivessem sido pessoas, confusas e perturbadas com o medo avassalador da falta de um tempo que as definia, deixaram-se cair por terra.

O tempo parou. O mundo ficou deserto. Só o ar lhe pertencia e se fazia sentir, sereno. O novo mundo era um novo lugar.

Há qualquer coisa na vontade do mundo em explicar o que não cabe no verso de uma poesia declamada ou de uma canção cantada. Uma vontade de um novo lugar dentro do mundo se deixar inexplicável a vida inteira.

O ruído soa a silêncio;  
As ruas estão cheias de ninguém;  
Nos jornais vaticina-se o fracasso;  
As preces não nos atendem...

Estamos perante uma encruzilhada;  
Somos reféns do próprio declínio;  
Reinará o vírus com coroa estampada?  
Seremos humildes para ouvir o sino?

A economia entrou em coma induzido;  
O planeta está com novo fôlego;  
Premissas com ruído;  
Tal o intrigante paradoxo...

Qual o alambique;  
Para destilar esta infâmia;  
Que nos faz cair a pique;  
E perder a cidadania...

Só o amor pode drenar;  
As impurezas do mal;  
Com a bondade a acenar;  
Para o arco-íris minimal...

Enquanto não nos lançamos;  
Na reconstrução da humanidade;  
Absorvamos todos os afetos;  
Com a devida profundidade...

Por meu turno;  
Aproveito o meu filho;  
Um abraço por minuto;  
A motivação de que preciso...

Entre o sono e o sonho surge tanto...  
O real e o imaginário.  
O concreto e o abstrato.  
O térreo e o transcendente.  
Num misto de luz e escuridão que se fundem  
e que se unificam na criação do sagrado...

Um coração vivia só no interior de uma pessoa que não sentia.  
E, como não era ouvido, decidiu falar com o pássaro da alma.  
Confessou-lhe as suas angústias...  
Segredou-lhe os seus sonhos...

O pássaro da alma ouviu e decidiu dar cor ao interior da pessoa  
que não sentia.

Mas as cores são muitas e o caminho para o crescimento reveste-  
-se de tantos tons, num misto de tristeza e alegria.

Mas só a caminhada alegrou o coração que ganhou luz, somente  
por ser ouvido.

O coração já não estava só, a pessoa já sentia e as imperfeições e  
perfeições da vida ganhavam sentido.

Era uma vez... História que é história tem que começar desta maneira. Caso contrário, até parece que não é verdadeira!

Esta história aconteceu há muito, muito tempo, num dia em que a chuva impedia Margarida de sair de casa. Esta menina traquina, com apenas dois anos, decidiu fazer uma brincadeira: rodopiar com energia por toda a casa! Tanto rodopiou, tanto girou que, tonta ficou! Tão tonta, tão tonta que, caiu e até se aleijou.

No hospital ainda que bem tratada, sentia-se triste, com medo e desamparada. O tempo passava devagar e nada de novo acontecia. Mas de repente, ouviu um pequeno barulho, olhou para a janela e..., só podia ser magia! Do lado de fora, estava um grande sorriso que lhe disse com carinho “Também me sinto sozinho. Deixa-me estar aí contigo. Posso ser teu amigo?”

Margarida, boquiaberta, afirmativamente acenou e, de imediato, o sorriso entrou. Estava tão espantada que, por breves momentos, ficou sem respiração. O sorriso aproveitou, cumpriu os seus intentos e, ligeiro, aconchegou-se no seu coração.

Abraçados e bem-aconchegados partilharam alegrias e tropelias. Tristezas e proezas. Medos e grandes segredos... Prometeram então, não mais se separar, pois a sua amizade nunca poderia acabar.

Margarida sentiu-se tão feliz com aquele acontecimento! Não encontrava palavras que conseguissem descrever o seu sentimento...

Ao longo da vida, Margarida tem vivido dias de sol e alegria. Dias de chuva e de tempestade. Tem sido nestes dias, nublados e cinzentos, que mais tem sentido a magia e o valor da amizade. O seu amigo secreto tem estado sempre por perto, nos bons e maus momentos.

Todos conhecem o sorriso meigo e cheio de alegria da Margarida que continua a ser uma menina traquina. O que ninguém sabe, por isso é segredo, é que tudo começou há muito, muito tempo, num dia frio e de medo. Num dia de magia.

A Margarida sabe que há muitos sorrisos que andam por aí, bem perto...

Eles só querem amigos com quem brincar e uma casa para morar. Estejam atentos e de coração aberto. Deixem os sorrisos entrar...

No sopé da montanha, já se ouvia o galo a cantar ruidosamente. O sol, um tanto ou quanto aborrecido com aquela barulheira, lá acordou e decidiu pintar o céu de cor de laranja, com uns borrifos de cor de nuvem aqui e ali. Devagarinho, os aldeões deixaram a preguiça em cima das almofadas e começaram a preparar-se para mais um dia atarefado. Nas ruas da pequena aldeia, o cheirinho a café invadia cada esquina, despertando até as rosas e as sardinheiras.

- Bom dia alegria! – diziam as pessoas umas às outras, enquanto se dirigiam apressadamente para o velho moinho, junto à pequena cascata do rio.

Todos os dias havia muito trigo para colher, debulhar, secar, armazenar e transportar para o moinho. A mó, com a força da água, triturava tudo, dando origem a uma farinha fina que era transportada para a conceituada pastelaria “Delícias da Serra”.

Os grãos de trigo, que observavam atentamente o trabalho daquela gente boa, costumavam reunir-se secretamente. Na verdade, tinham uma necessidade extrema de se vangloriar pelo facto de serem tão imprescindíveis na confeção dos bolos.

- Qual será o bolo mais docinho que é produzido com a nossa farinha? – perguntavam entre si naquela manhã.

Este assunto deu pano para mangas. As opiniões dividiram-se de tal modo, que a certo ponto a discussão começou a ficar feia. O ódio e a intolerância intrometeram-se como o joio no meio deles. Contudo, numa tentativa de chegarem a um consenso, decidiram infiltrar-se nalguns sacos de farinha e viajar até à pastelaria. Aí, ficariam atentos, para ver qual seria afinal o bolo predileto da clientela.

O plano correu lindamente. Sem que ninguém se apercesse da sua presença, observaram o primeiro freguês a chegar para fazer o seu pedido.

- Papá, eu quero uma nata. E tu, qual é o teu bolo favorito? – perguntou a menina que o acompanhava.

- O meu bolo favorito és tu, filha! – respondeu ele, enquanto lhe deu uma beijoca na bochecha.

Envergonhados com a sua atitude, os grãos de trigo compreenderam que não há nada mais docinho do que o amor. Nem mesmo os bolos.

A emoção é um comboio e a compreensão uma bicicleta. Chegam desencontradas ao lugar onde podem chegar. Ernesto demorava a compreender, sentia primeiro, conhecia do lado de fora, à mercê da sensibilidade que explicava o sentido de tudo. Vinha da escola a contar o número de passos, a imaginar chapéus vermelhos na cabeça, a carregar a mochila cheia de triângulos rosados e uma caixa que guardava coisas que queriam sobreviver à memória e desafinar o tempo. Fios de lã, pequenas anilhas metálicas, rolhas furadas. Achava que os pais abusavam das regras quando lhe trocavam as manias, como se elas não fossem fatia grande do seu jeito de ser. Como se o que fazemos não fôssemos nós. Enfim, nos livros é sempre mais fácil ser alguém - pensava ele quando a mãe lia a história de um vírus qualquer.

Nos últimos dias os pais andavam a pensar muito. Deixavam-no ficar a enrolar a fronha da almofada, demoravam a cantar a canção de acordar, ficavam em casa presos à televisão que dava números a subir. Pareciam distraídos quando ele lavava os dentes à pressa e vestia meias desirmanadas. Ernesto sentia falta dos ralhetes de proibições que não gosta. Mais que isso, faltavam-lhe os afagos do corpo e as cores vivas da escola. Sem saber encontrar palavras, habituou-se a adorar com a boca aberta na bochecha do pai, com os dedos na ponta da orelha da mãe, com o decalcar das veias salientes da avó e o puxar do cabelo ralo do avô. Não percebe porque é que os outros não adoram assim, porque é que deixaram de adorar com os braços e as mãos como faziam antes. Porque é que medem o espaço entre eles. Tanto lhe pediram para tentar aprender a ternura e agora trocaram tudo. Usam um ângulo cego do afeto, tão confuso de sentir na carne.

E a verdade, resta dizer, é que em Ernesto mora o mundo. Como ele, demoramo-nos todos na inquietação, resistimos teimosos na tentativa de saber como se desenham abraços que ficam por dar. Tentamos enganar a solidão que vem de uma distância que se diz cura.

Era de noite. O céu estava estrelado e os campos dançantes. A humidade que se entrelaçava nos ramos das árvores guiava os mais curiosos até ao lugar mais alto da aldeia. Ali todos se encontravam para descodificar mistérios, descobrir novos mundos e também para sonhar. Dizia-se que naquele sítio, tudo e todos se tornavam sábios.

Numa noite, a criatura mais pequena da aldeia decidiu visitar esse lugar. Sabia que não era para os mais jovens, mas se ali os sonhos aconteciam, era exatamente ali que pertencia.

Convidou outros pequenos da aldeia, mas todos recusaram. Os mais velhos assustavam todos os curiosos. Ninguém se aproximava daquele local até se tornarem maiores, era o pacto. Mas seguida pela curiosidade, não se intimidou. Apenas conseguia olhar para as estrelas, farejar as flores e dançar.

Não demorou muito a chegar. Aliás, nem sabe que caminho traçou. Apenas se lembrava que nesse instante, todos os olhos presentes a dominaram, espaventando-a. Baixou o seu olhar na direção da terra e lentamente se aproximou. Só queria conquistar o seu lugar e estava disposta a tudo. Afinal, era ali que os sonhos e a sabedoria desciam até ao comum dos mortais e não havia porque não participar dessa cerimónia.

As horas passavam e parecia que tinha sido aceite. Pelo menos nenhum dos presentes a tinham expulsado do local. Estava radiante, finalmente participara do grupo dos sábios. Rumores vagueavam pela aldeia dizendo que esta pequena criatura não durava muito, de tão frágil e diferente que era. Havia até quem lhe traçasse um rumo de loucura e perdição, segundo exemplos do passado. Quando alguém decide sair do lugar que lhe é destinado, algo de mau acontece, diziam. Mas ali permanecia, ainda que tímida mas feliz, num êxtase interno difícil de exteriorizar.

Sabia que não se deveria pronunciar. Bem, o seu instinto dizia-lhe que se queria fazer parte do grupo ou pelo menos lá voltar, teria de se controlar. Mas não demorou muito até que um dos sábios apontasse para o céu e dissesse: “Veem esta constelação? Esta é a Úrsula menor. A seu lado encontra-se a Úrsula maior. E todos exclamaram: “Sim, tão perfeitas!”

Nesse momento a pequena estremeceu. Ergueu o olhar para o céu e apavorou-se. “Onde está?”, pensava. “Qual é? Como é possível encontrar uma constelação, supostamente tão fácil de reconhecer por todos se eu apenas continuo a ver as estrelas?” Não se conteve e de voz trémula, sussurrou: “Não... a Úrsula não existe.”

Foi assustador. “Como te atreves?”, disse um dos elementos do grupo. E replicou: “Como podes ser tão insolente e capaz de contestar o que está provado à gerações e gerações? As constelações existem, têm nomes, formam figuras e pertencem aos sábios, não aos loucos.”

Esta foi a primeira vez que a cauda da pequena se escondeu entre as pernas, de tal modo que fê-la perder o equilíbrio. Uma rajada de vento abalou o seu frágil corpo e parte do seu pelo se esvaiu ao luar. Mas ainda assim, teve coragem para dizer: “Perdoem-me se só vejo as estrelas e não vejo as constelações. Se aqui é permitido sonhar, podemos criar novas constelações. Existem tantas combinações e na verdade o céu ainda não está desenhado. Eu vim aqui para...”

“Nada!” Disse de lufada um dos carneiros que se descontrolou e a atacou.

“Sai raposa, vai e não voltes mais. Não mereces nem este mundo nem outros. Aqui não há espaço para traidores. Traçaste o teu destino e não mais te libertarás dele.”

A pequena raposa desatou a correr. Chorava, perdida. Foi expulsa da sua aldeia e atirada aos lobos. Ninguém diria que sobreviveria. E assim foi, por longos anos, que a sua história permaneceu.

Mas nunca é tarde de mais. Depois de tempos sem rumo, descobriu um novo lugar, banhado a ouro celeste e azul de mar. Como poderia algum dia imaginar encontrar uma aldeia onde era permitido sonhar? Chamava-se Raposeira e estava-lhe predestinada. Aqui não nasceu, mas aqui se completou. Nesta povoação de olhos vivos e de coração fugaz, onde os sábios são loucos e as raposas são mais.

- Mamã, podes ouvir-me?

Esta era uma pergunta que uma criança de meros cinco anos se lembrou de dirigir àquela que a trouxera em seu seio para a dar à luz.

E esta mãe como pensara em reagir ao pedido deste seu rebento que o foi acalentando ao seu colo até que seus primeiros passos fossem rasgando caminhos menos tortuosos para ir sentindo que uns raios de luz de suporte físico e espiritual passassem a ser os seus companheiros no desabrochar da sua vida!

A ternura começou a participar em todos estes dias como que a formar um postal ilustrado que não só sabia a um calor físico e espiritual, como seria uma vivência com o seu quê de maior ligação afetiva.

Sempre que os braços maternos não se sintam agarrados de seu rompimento laboral e caseiro, lá estavam eles para mostrar o quanto representava um calor que cobria todo o espaço para que seu nascituro de uma existência incomensurável não deixasse jamais de pensar que o calor materno seria a mais constante presença que não dispensaria.

E que ternura entre estes dois seres como só uma alma de coração repleto de amor que consumiriam o grande entendimento mútuo!

Mas esta criança a tomar cada vez mais consciência de que ternos eram os braços que ia encontrando neste pedestal não se deu jamais por contente que não esboçasse aquele sorriso que a levou ao encontro de sua mãe:

- Obrigado, mamã, por me teres aberto teus braços para me receber.

Se pintor houvesse que se encontrasse em dificuldades para fazer passar à posteridade o quão importante representa os traços ternos de um aconchego, eis aqui tem à sua mão de semear o belo e postal único que traduz a força inexcedível de uma entrega sem rebuços.

Felizes mãe e filho por saberem amar-se e sentirem que a vida ganha outro sentido quando não conhecem quaisquer entraves e a disponibilidade físico-afetiva é toda ela o melhor remate da vida.

Buscar-se-ia outro arranjo que cobrisse distâncias de entrega? Não se force a vontade, porque ela está aqui em todo o seu sumo qual cereja que descarrega toda a doçura para satisfazer o olhar e as glândulas salivares.

E foi assim qual lume brando que aquece em sua libertação, afugentando qualquer frialdade.

A cozinha era escura, muito escura, apenas iluminada, de dia, pela luz que atravessava um janelo minúsculo e, à noite, pelas chamas da fogueira (na lareira sem chaminé) e de uma candeia de azeite. Devido a décadas de fumo, cinza e fuligem, a parede de xisto, o frontal de madeira e o tecto-caniço de caibros e de ripas (onde, em janeiro, se secavam castanhas e, após a matança do porco, se penduravam morcelas, farinheiras e chouriças) eram da cor da noite.

Desde o dia em que nele se cumprira o termo do prazo estabelecido pela mãe para que perdesse o medo de ler, o menino desencadeou o começo de uma nova era da história daquela cozinha escura: a idade da leitura.

À noite, depois da ceia e da oração, a mãe, o tio-padrinho, a irmã e o irmão (ainda pequeninos), o cão (e o pai quando, em outubro - mês da caça -, no Natal e na Páscoa, vinha a casa passar alguns dias de licença), acomodavam-se, no tabuado que semicircundava a lareira, em posicionamento adequado à solenidade da última parte do serão. Então, o menino sentava-se num pequeno banco de cortiça, ao lado do suporte da candeia, abria o livro que requisitara na escola e começava a ler em voz alta.

Sob o embalo da leitura, as crianças e o cão adormeciam serenamente. A mãe, enlevada, prolongava a resistência ao sono até limites só atingíveis por quem aprendera a ascender até níveis muito elevados do amor. O padrinho, em êxtase, adentrava-se naquela indefinida bruma dourada e violeta onde, por vezes, artistas, poetas e místicos vislumbram uma passagem da aspereza do quotidiano para a calidez do íntimo (atemporal e imaterial) do real. Sim, era para o seu padrinho que o menino lia. E, naquela cozinha escura, havia fulgurações de luz.

Anos mais tarde, naquela cozinha já transformada e reconstruída, uma língua escaldante de mulher entrou na boca do menino já a transformar-se em adulto. E na cozinha, outrora escura, houve uma explosão de luz e de fogo.

O monstro infetou o Mundo...  
Roubando-lhe a Vida...  
Em segredos de morte...  
E silêncios de medo...  
Roubando a ilusão...  
De que sou eterno...  
Sem fim nem começo!...  
Apenas o pássaro canta...  
Uma alegre canção...  
Que antes brotava...  
Tão alegre e alheia...  
Na minha imaginação!...  
Mas o Sol está a chegar...  
Doirando de alegria...  
O olhar das crianças...  
Como se astros a brilhar...  
Devolvessem a harmonia...  
Dos mais belos Arco-Íris...  
E a tempestade vai passar!...  
O monstro morrerá de cansaço!...  
Neste céu de astros vivos...  
De cientistas salvando o Mundo!...



Naquele tempo, eu vivia em Porto Alexandre, hoje Tômbua, com os meus pais, o meu irmão e a minha avó. Era uma pequena cidade constituída por uma rua muitíssimo comprida que se desenrolava entre o Deserto do Namibe e o Oceano Atlântico.

Vivíamos numa vivenda virada para o mar e, da janela, víamos as casuarinas que se erguiam junto à praia da pescaria, ali mesmo em frente. A miudagem tinha pendurado nos seus ramos cordas com uma tábua à laia de assento. A qualquer hora, eu e as outras crianças das imediações ali acorríamos e todos nos podiam ver a galgar os céus o mais alto que os nossos esforços conseguiam, com o acompanhamento, sempre certo, de grandes risadas. A veia artística de cada um, dando largas à sua imaginação, encontrava expressão nos desenhos que cada um imprimia naquela areia branca apenas salpicada de sementes e restos de folhas das árvores que nos propiciavam a sua sombra. Os flamingos que se avistavam na ilha em frente, eram um tema recorrente nos nossos desenhos. As traseiras da casa estavam viradas para o campo de futebol do Independente de Porto Alexandre, o único clube de futebol que havia na cidade.

A Glóris era a minha melhor amiga naquele tempo. Vivia na vivenda mesmo ao lado da minha. A nossa maior diversão era irmos para as traseiras, passearmos no campo de futebol, um campo feito de terra batida rodeado por um cerca de madeira onde os aficionados do futebol se encostavam para assistir aos jogos de pé, pois ali não havia bancos, a não ser os que trouxessem de casa. Ah! Também havia uma bancada coberta, feita de madeira para as entidades oficiais e todas as pessoas importantes da terra poderem assistir com mais conforto aos jogos.

À volta de todo o campo de futebol havia muitas casuarinas e acácias destinadas a conter com muita eficácia os movimentos dunares que ameaçavam a cidade.

Eu e a Glóris adorávamos adentrarmo-nos na zona florestal e fingirmos que éramos feiticeiras, fadas, gnomos, eu sei lá...

Numa dessas vezes encontrámos um periquito pequenino de cor branca que ainda não sabia voar. Como teria chegado até àquele lugar

onde nenhuma casa estava ali por perto? Com pena do bichinho, apanhámo-lo e acariciámo-lo enquanto ele tentava debalde, morder os nossos dedos. Ele devia ter fome. Eu tinha periquitos numa grande gaiola na minha casa. Então a Glóris ficou ali e eu fui correndo o mais depressa que pude, espantando a minha mãe, ao retirar um pouco dos grãos dos nossos periquitos para uma tijela e saindo imediatamente pela porta do quintal.

A Glóris estava com o periquito nas suas mãos, eu aproximei a tijela e o passarinho saltou para dentro e começou a debicar, com evidente satisfação. “Porque não o levas para casa?” Perguntou-me ela. “Não, ele perderia a sua liberdade. Os da minha casa não a têm mas não são meus. Este é nosso e vamos deixá-lo em liberdade. Não gostas de correr? Pois ele vai gostar de voar”.

No dia seguinte voltámos ao mesmo sítio e lá estava o periquito. Já se tinha afastado do sítio onde o tínhamos encontrado. E teve a satisfação de comer mais uma dose de grãos. E nós a satisfação de o revermos e acariciarmos. A cena repetiu-se durante mais uns dias até que um dia já não encontrámos o periquito. E ficámos a olhar uma para a outra muito tristes.

Contudo, o desgosto não fez parar as nossas brincadeiras normais nem sequer os passeios pelo interior da floresta dunar. E um dia ouvimos um pipilar por cima das nossas cabeças. E os nossos corações estremeceram. Mas não era uma voz só, eram duas. O nosso periquito tinha uma namorada. Dois periquitos brancos voavam à nossa volta, felizes, cantando um hino à liberdade. Brevemente haveria mais periquitos à solta naquela zona. Uma maravilha da natureza!

Foi numa tarde do mês de maio.

As crianças reuniram-se no largo da aldeia para fazerem o batizado da boneca da Maria José. A escolha da madrinha recaía na Laura e o Joaquim seria o padrinho. Precisavam de um padre, claro!

Não foi difícil convencer o Arturzinho a encarnar a personagem. De postura séria e com gestos contidos verteu, com a concha das mãos, água fresca da fonte na cabeça da Zezita! Nome escolhido para a linda boneca de cabelos loiros e olhos azuis que a dona tinha recebido no seu Aniversário.

O lanche foi simples: pão com cerejas.

Que boas, as cerejas vermelhinhas que a Rita trouxera, num cestinho de vime, do seu quintal. Saborearam as fatias de pão, cozido no forno a lenha da avó da Maria José, ajeitadas num pano branquinho que serviu de toalha, numa mesa improvisada.

Entre palavras gostosas e gargalhadas viram um carro desconhecido que parava junto à igreja. Correram para lá.

Era a Margarida que chegava da Maternidade com uma menina! Puderam ver a bebé. Comentaram os seus cabelos escuros e o rosto redondinho, enquanto crescia neles o desejo de oferecer um presente à pequenina.

Cabecitas a magicar e, foi a Maria José, que se apressou com a solução. Iriam dar a sua Zezita à recém-nascida! Todos se espantaram com a atitude e, encantados, apoiaram com entusiasmo.

O que levar à jovem mamã? Foram ao quintal da Rita, treparam à cerejeira, com todas as cautelas, e o cestinho de vime, novamente se encheu. Subiram uma rua estreita. Pararam, ofegantes, em frente à casa da Margarida e bateram à porta que, prontamente, se abriu. Logo se percebeu o que faziam ali.

Com a Boneca na mão, a Maria José tomava a dianteira, seguida da Rita com o cestinho das cerejas e, os companheiros a ladearem.

Entregaram aquelas prendas com toda a ternura, a uma Mãe que, agradecida e emocionada, as recebeu. Guardou-as com muito carinho no seu lar, no seu coração, nas mais doces lembranças e viu a sua Luisinha brincar com a Zezita, a crescer feliz...

### **Páscoa 2020**

Diferente, por ordem do Sr. Corona. Nada de família, nada de amigos, cada um no seu canto e nós obedecemos prontamente.

Éramos só dois, eu e o meu filho João, confinado comigo no caixote onde vivemos.

Pusemos a mesa como manda a tradição: borrego, um bom vinho, o foliar trasmontano, música de fundo, chocolates e, como não podia deixar de ser, as tradicionais amêndoas cobertas de Moncorvo, produto certificado.

Preparados para saborear o nosso repasto, ouvimos um toque. Chegaram dois e mais dois e a seguir mais quatro, às tantas já éramos mais de vinte.

Foi uma alegria e graças à tecnologia “estivemos” com familiares e amigos que já não passavam connosco a Páscoa há muito tempo.

Mas a parte mais feliz, foi o subir e descer de escadas, a fim de colocar nas maçanetas das portas dos onze apartamentos do dito caixote, um pacote de amêndoas com uma mensagem anónima, de Páscoa Feliz, e, imaginar o sorriso no rosto de cada um dos vizinhos, ao darem conta de que alguém por ali passou.

Emotivo também, foi, as mensagens de agradecimento “à vizinha das amêndoas”, que encontrei no dia seguinte, coladas na entrada do prédio.

Senti-me de coração cheio e, também, porque o Sr. Covid apesar de tudo poderá estar a “mexer” com a sensibilidade das pessoas.

A previsão de uma Páscoa doente, tornou-se afinal numa reunião de muita gente.

Naquele dia havia feira na cidade. A feira encontrava-se num recinto redondo, portanto as Bancas formavam um círculo e todas elas se viam e podiam confraternizar.

Elas eram: a Vaidade, o Amor, a Inteligência, a Bondade e a Maldade. O círculo estava cheio de pessoas que passavam pelas Bancas, paravam, olhavam mas não compravam, dizia-se que era devido à crise. A dada altura, algumas pessoas começaram a parar em frente à Banca Vaidade. Olhavam para a placa que publicitava os produtos com a seguinte frase: "Magia e feitiço com a vaidade no touço!". Sentiam desejo de experimentar. Compravam o produto mais pequeno: "A sensação de elegância, estou mais bonito do que o outro". No dia seguinte, voltavam e adquiriam: "Eu sou mais inteligente do que os outros". Outros clientes gostavam de comprar "Eu sou mais importante do que toda a gente" ou "Eu tenho mais dinheiro do que os outros" e o produto mais caro por ter mais características do que todos os outros "Eu sou o maior em tudo o que existe na vida". Havia pessoas que faziam sacrifícios enormes para o adquirir.

As outras Bancas olhavam desesperadas para a Vaidade. Quando não tinham ninguém a perturbar-lhes a conversa, perguntavam-lhe:

- Oh, colega, afinal que magia têm os seus produtos?

- Oh, colega, é fácil de ver, os meus produtos transformam quem os usa, dão-lhe vida, autoestima, valor, superioridade, sucesso e hoje, nos nossos dias, essas qualidades são as melhores para vivermos felizes e bem social e materialmente...

- Mas o Amor é muito mais importante, quem dá e recebe Amor é muito feliz - argumentou o vendedor Amor.

- Ah! Ah! Ah! Acha? - retorquiu a Vaidade com escárnio - o Amor na sociedade de hoje não vinga! O que se quer é: arrogantes, oportunistas e impostores...

- E a Inteligência? - questionou a Banca Inteligência com um ar zangado.

- Inteligência? Bem, também não me parece importante, esperteza sim! - respondeu a Vaidade sempre num tom muito alto e autoritário.

- E a Bondade? Sem bondade o mundo é um caos, não há solidariedade, não há entreatajuda, apenas a tristeza... - afirmou a Banca Bondade.

- Eh, eh, eh, eh, eh, essa então nem deveria constar no dicionário como palavra... Bondade é pura ilusão! – escarneceu a Vaidade.

- Bom, agora só falto eu, a Maldade. O que dizes, vê lá se concordas comigo, Vaidade, eu sou ou não importante e necessária? – perguntou a Banca Maldade, com um ar apreensivo.

- Ah, Maldade, tu comigo, ambas faríamos um bom trabalho para o mundo. Com a tua maldade e a minha vaidade, seríamos donas do mundo, torná-lo-íamos no paraíso da corrupção, do roubo, da delinquência e criminalidade! – respondeu excitada a Vaidade.

Nisto, no ar, um relâmpago iluminou o céu, o Universo parecia arder, alguns segundos depois ecoou um trovão enorme que envolveu toda a Terra e uma imagem de um Cavalo Alado surgiu acima das cabeças dos convivas. Pediu-lhes para saltarem para o seu dorso e assim que todas as Bancas estavam instaladas, voaram céu adentro. Voaram em volta da Terra em todos os sentidos e direções. Viam as pessoas, todas elas de nariz empinado, não se cumprimentavam, cada uma se achava melhor do que a outra, originando conflitos, guerras, miséria, infelicidade. A Vaidade e a Maldade estavam radiantes, tinham o que queriam! Os outros choravam de tal maneira que as suas lágrimas provocaram uma chuva intensa em todo o mundo.

A Vaidade de tanta alegria, distraiu-se e desequilibrando-se, caiu. Começou a gritar, o seu rosto expressava medo e covardia, ia morrer, ia para sempre desaparecer... de repente, começou a sentir muito frio e a desmembrar-se, a dissolver-se, tinha caído no oceano... naquele momento, ela estava misturada com a água, já não se via, não se sentia...

As águas do oceano começaram a aumentar, as ondas a crescerem e todo o oceano era um corpo de Vaidade, ele era O Todo Poderoso, ia invadir a Terra. Esta já estava minada pela água, os seus seres a morrerem afogados...

A Bondade, a Inteligência e o Amor ao verem tamanha desgraça, desceram do Cavalo Alado, uniram os seus corpos, as suas energias e vontades e abraçaram o planeta Terra, transmitindo-lhe todo o seu poder. As águas começaram a recuar, a terra a secar, a vegetação a renascer, as pessoas e os animais a ressuscitarem e a felicidade a reinar! O planeta estava salvo com toda a sua vida...

O Cavalo Alado desaparecera no ar com a Maldade. O Cavalo

levara a Maldade para algum canto recôndito do Universo...

A Vaidade estava ainda diluída na água, mas devido à temperatura elevada começou a evaporar-se, formou uma nuvem bastante extensa no céu. As pessoas estavam felizes, tinham voltado ao normal, cumprimentavam-se, entretajudavam-se, eram mais humildes e mais felizes.

Subitamente, uma melodia tantantantantantan te tanran ta titate-re ta tannnn!... (Vivaldi, Spring) ouviu-se; uma luminosidade muito brilhante e colorida apareceu no ar, e com as cores do arco-íris em letras garrafais gigantescas, envolvendo o MUNDO inteiro, lia-se na respetiva língua do país: “Eu sou a VAIDADE, não me esqueci de vós, estou e estarei sempre presente para vos transformar!...”. As pessoas sorriram e olhando umas para as outras diziam:

”Bom, uma pitada de VAIDADE faz bem a toda a gente!”.

Sem mais nem menos, a frase desapareceu para dar lugar a uma chuva dourada acompanhada pelo Hino da Alegria, 9ª sinfonia de Beethoven, lá lá, lá, lá lá lá.....

## FIM

### *Reflexão...*

Há momentos em que o medo de viver num mundo de perigos: doenças, maldade dos homens, catástrofes naturais me assola...

Há momentos em que a tristeza me envolve mesmo que seja a tristeza criada pelo sofrimento dos outros...

Há momentos em que me pergunto qual o motivo de tanta tragédia...

Há momentos em que choro mesmo sem lágrimas verter...

Há momentos em que me sinto viver num mundo de injustiças...

Há momentos em que uma força cresce dentro de mim, me envolve e me atira para a frente... e o medo transforma-se na esperança, na luta e na admiração e respeito pelos que dão a sua vida pelos outros, como os nossos bombeiros, como os nossos médicos, como os nossos enfermeiros, como todos os que vivem incessantemente para o bem do próximo. E penso quão importante é também ser professor ou professora e formar mentes que virão a ser esses combatentes do BEM!

*20 de março de 2020*

Esta é uma história de agora  
Que já foi história de então  
Eu cá vou chamar-lhe história  
História de "Olh'ó pão!"  
Ia eu a levantar-me  
Quando ouvi uma corneta  
Coisa estranha ... pensei eu!  
Parecia coisa de treta!  
Vai daí, fui à janela  
E que vejo eu, surpresa?!  
Um senhor de luva branca  
Cantando gentil pregão:  
- "Olh'ó pão!  
    Está a chegar o pão!"  
Cá tenho por companhia  
Desde então, até agora  
Um senhor muito asseado  
Vestido p'rá ocasião  
Que assim começa o dia  
- "Olh'ó pão, olhai o pão!"  
E enche a minha praceta  
Praceta de Capitão (Brites Vasques).  
Cumprida aqui a tarefa  
E numa de fique bem  
Fique em casa que é acertado  
Lá vai o senhor do pão  
Vender pão pr'a outro lado!

Este episódio da minha infância passou-se em Lourenço Marques - Moçambique, tinha eu os meus 6 -7 anos de idade.

Meu pai era o Director dos Serviços de Saúde. Vivíamos numa casa do Governo que confinava com o Hospital Miguel Bombarda que constava de diversos pavilhões.

Ouvi o meu pai recomendar à minha mãe que nos vigiasse, pois, o Cardeal Cerejeira de Lisboa estava em Lourenço Marques e vinha visitar a 1a. Enfermaria, porque as Enfermeiras dali eram freiras. Acontece que eu e as minhas 3 irmãs estávamos a brincar no jardim que era enorme. Duas das minhas irmãs eram um pouco mais velhas que eu, a outra era mais nova. Fui a correr ter com elas e disse-lhes que vinha um Cardeal visitar a 1a. Enfermaria e tínhamos que lhe levar flores. As minhas irmãs mais velhas objectaram, eu insisti dizendo-lhes que era um dever oferecer flores a uma pessoa importante.

Então quiseram saber que flores seriam as escolhidas.

Observando o jardim com uma variedade de flores enorme descar-tei os gladiólos por serem difíceis de cortar, as rosas porque picavam, os cravos estavam feios e então, como último recurso, disse-lhes que as flores ideais eram as sardinheiras, fáceis de cortar, os caules bem macios, nem precisávamos de faca ou tesoura.

O ramo era enorme, até incluía algumas raízes e terra. Continuando a dar as minhas instruções disse-lhes que tínhamos que embrulhar o ramo com papel e elas perguntaram-me onde iríamos buscá-lo e lembrei-lhes que o nosso pai lia o jornal todos os dias.

Impressionante aquele ramo enorme e as 4 miúdas descalças e todas sujas, as nossas caras até tinham riscos de sujidade.

Quando o cortejo, composto pelo Cardeal Cerejeira de Lisboa, Cardeal Teodósio Gouveia de Lourenço Marques, alguns membros do Governo e também o meu pai apareceu, abri a cancela de madeira que separava o nosso jardim dos terrenos do Hospital, avancei com o ramo, entreguei-o ao Cardeal Cerejeira dizendo: “ Senhor Cardeal, estas flores são para si!”

Meu pai estarecido pediu desculpa ao Cardeal que lhe respondeu: “ Não diga isso! Foi a manifestação mais espontânea de todas!!!”

Nunca tinha acontecido. Naquele dia ninguém apareceu. Nem no seguinte. Nem depois. A bohème leviana e divertida, os risos feéricos, o burburinho melífluo e os aplausos diáfanos que antecederiam a abertura da cortina da casa das ilusões, esfumara-se. A área central para onde convergiam os projetores fora tomada pelas sombras e tudo o resto era imobilidade. Esperaram. E esperaram. Nada ocorreu.

Quando o rufar surdo dos tambores emudecera havia dias, os acrobatas, lançadores de fogo, palhaços, malabaristas, ilusionistas e contorcionistas desmontaram a lona da tenda, guardaram as estacas e as cordas e arrumaram os parques haveres. Silente, a caravana de roulottes e carripanas escalavradas abandonou o terreiro. O espaço dilatou-se de vazio e o tempo imobilizou-se.

Não se via vivalma nas ruas. As casas assemelhavam-se a ruínas mudas e só o vento soprava, sibilante, varrendo qualquer resquício de vida. A trupe, de olhar vago, rosto faminto e corpo esquelético seguiu a linha da estrada, muda. Parecia um cortejo de marionetes desarticuladas, fantoches e ventríloquos de uma vaudeville há muito esquecida, espectros de uma existência ancorada entre a fanfarra das trombetas e as privações das almas nómadas. A dada altura, ouviu-se um silvo, triste e choroso, requiem de uma história inacabada. No recorte entre a sombra e a luz, a silhueta de um velho sentado na carroça a tocar violino, foi-se desenhando, ainda que de contornos imprecisos. Havia que continuar a cantar a sua sina até não conseguirem fazer mais.

Quando cruzaram a tabuleta que anunciava o fim da vila, um pasquim abanava ao vento, meio rasgado. Anunciava que uma pandemia atingira aquela geografia, obrigando todos a recolherem-se evitando o contágio. Havia já muitas mortes e o medo trancara a população nas suas casas. Cingidos à miséria e à solidão de uma biografia marginal, a trupe arrastou-se no caminho, naufragando nos seus próprios destroços. Dirigiram-se para o pequeno ponto de fuga na distância até que desapareceram numa espécie de vertigem ou miragem como se nunca tivessem existido. Durante algum tempo, a melodia do violino pareceu pairar sobre o vasto panorama e, pouco depois, o resto da folha que anunciava a catástrofe descolou-se seguindo o voo dos pássaros, em direção a nenhures.

Aproximava-se o dia de Stº António.

Os dias estavam arduamente quentes e as noites agradavelmente luminosas. Em cada rua, ao serão, as crianças corriam atrás dos pirilampos, enquanto as raparigas combinavam entre si onde seria o melhor local para apanhar as alcachofras mais floridas e o alecrim mais cheiroso. Os rapazes sonhavam com a sua moça preferida e os segredos que discretamente iriam ouvir. As mães e avós conversavam nos portais das casas, recordando os belos tempos de solteiras e os hábitos dos dias de festa que se avizinhavam.

Finalmente chegava o dia de Stº António. Logo pela manhã, as crianças mal podiam esperar pela rapaziada mais velha para irem todos apanhar o alecrim e as alcachofras para a fogueira. Chegados ao local do costume, cada um procurava apanhar o alecrim mais verdinho e cheiroso que conseguia, por entre lindas canções que todos conheciam e entoavam alegremente. Depois, levavam o alecrim aos molhos até ao local onde ao anoitecer os mais velhos iriam acender a fogueira.

Ao longo do dia, as pessoas mais entusiastas de cada lugar da aldeia, preparavam alegremente o local da sua fogueira e algumas mulheres faziam bolos para partilhar à noite.

Era uma euforia até ao acender da fogueira e o cheirinho do alecrim, por entre a fumaça e alguma labareda, aromatizava o ar e as pessoas. Os mais afoitos começavam a saltar a fogueira, faziam-se rodas, entoando canções que todos conheciam e quando chegava o som da concertina era o auge da festa. Todos dançavam alegremente.

Entretanto, as moças casadoiras, discretamente iam buscar a alcachofra mais vistosa que tinham apanhado e entusiasticamente saltavam a fogueira com ela, na esperança que na manhã seguinte ainda estivesse viçosa, sinal de que eram correspondidas no amor.

Os homens percorriam as fogueiras da aldeia, onde iam bebendo vinho que lhes era oferecido e alguns mais atrevidos “davam um pé de dança” com alguma mocita mais próxima ou tentavam saltar a fogueira, se ainda conseguissem manter-se suficientemente de pé para tal ousadia.

Era o início das festas de verão, que era para todos uma grande animação.

Hoje tive um sonho...

Depois de sair do trabalho, quando ia para casa, deparei-me com obras à volta da casa que me obrigaram a passar por veredas muito estreitas e enlameadas e para entrar no prédio tive que subir por cordas e andaimes, em vez das habituais escadas. O prédio estava todo em obras e eu muito admirada porque não sabia.

Valeu-me a ajuda dos vizinhos, uns conhecidos, outros desconhecidos e quanto mais aumentava o meu espanto perante as dificuldades para entrar em casa, mais os vizinhos me tranquilizavam dizendo que ia ficar tudo bem.

A desordem e o perigo para fazer qualquer movimento, eram de tal forma grandes que eu estava incrédula, mas ao mesmo tempo ia avançando com a força e incentivo que os vizinhos me estavam a dar.

Não cheguei a entrar em casa. Nem eu nem as outras pessoas. Estava tudo caótico, em desordem.

... ..

Quando acordei não tive medo mas, fiquei apreensiva e cautelosa...

O porquê deste sonho?... Qual o seu significado?

Será um elo entre o passado e o presente, com vislumbre no futuro?...

Não sei. Mas fique cautelosa e estou ainda mais atenta ao presente.

No sonho, reví medos e desajustes do passado... criei espaços e situações que nunca vivi.

Estive em locais em que vivi e não gostei, mas de uma forma completamente diferente.

Aterradora e desafiante.

Mas, para meu espanto quando acordei, no sonho apesar dos perigos que se me apresentaram, enfrentei-os todos com determinação, cuidado e muita energia. Uma energia que já defrontei noutros sonhos e que é muito estranha. Sinto medo mas, normalmente, não hesito em enfrentar os desafios, tal como nos sonhos.

E para terminar este meu sonho, bem real, porque foi um sonho que tive há poucos dias e porque infelizmente é a realidade que estamos a viver nestes tempos de início do séc. XXI, quero deixar-vos um incentivo para que tenham força suficiente para enfrentar todos os desafios que vos aparecerem pela frente e não desistam, nunca.

Esta nossa velha Nação,  
Que sempre resistiu sem ais,  
Com as caravelas na navegação,  
Que sempre venceram temporais.

Agora o nosso comboio é comum,  
Com o "covid-19" a atacar,  
É com o cumprimento de cada um,  
Que a estação segura nos vai levar.

Somos um Povo que cerra fileiras,  
Com a sua resiliente atitude,  
Venceremos agora estas barreiras,  
Com o empenho dos Profissionais de Saúde.

Quinta-feira era dia de promoções no supermercado Península na Quinta do Conde.

Se calhar também era nos supermercados todos daquela marca em todo o país. Não tinha a certeza. Também havia uma feira de queijos e enchidos. E vinhos. Era um regalo para a vista e para o olfato.

Eu não era pessoa de promoções, nem de feiras. Pensando bem, nem de supermercados.

Tinha ido comprar pão, e dei por mim de carrinho na mão, a pavornear-me diante de uma banca cheia de queijos, que competia com uma de presuntos fatiados e de paios de Barrancos.

Foi quando os vi passar.

Ele empurrava um carrinho igual ao meu, e ela ia de braço dado com ele. Na outra mão segurava uma mala de napa castanha.

Eu tinha acabado de me apaixonar perdidamente por um queijo de Azeitão. Acabei por raptá-lo para o carrinho.

O casal passou por detrás de mim. Não compraram nada.

Estavam a olhar calmamente as iguarias, e a comentar alguma coisa entre eles, que não ouvi. Estavam a fazer exactamente o mesmo que eu tinha feito na véspera, em Lisboa. Também passei calmamente e olhei demoradamente o Lamborghini que estava exposto no stand no final da Avenida António Augusto de Aguiar. Nunca pensaria sequer em comprá-lo. O mesmo se passava com aquele casal, diante daquelas bancas. Acabei por seguir atrás deles em direcção ao pão. Pararam junto da charcutaria, que era mesmo ao lado do pão, e ela disse:

- Pede só quatro fatias. Daquele de barra. Pede finas.

- Quatro? Só? Eu como três. Só comes uma?

- Uma sopinha, e uma fatia de fiambre com um ovo estrelado chegame bem. Vou comprar dois pães. Tens de tirar a senha, não te esqueças.

Eu continuei por ali, porque a charcutaria era mesmo ao lado do pão.

Como já disse, não sou muito de promoções, nem de feiras. Pensando bem, nem de supermercados. Mas gosto de pessoas. Gosto de observar pessoas. Não me meto na vida delas, claro. Nem quero saber quem são.

Gosto de observar pessoas. O seu olhar, como vestem, como andam, como falam. Depois faço os meus filmes.

Foi por isso que me mantive por perto.

- Hoje é o dia de promoções na peixaria. Vamos ver se há daqueles carapaus grandes para assar, disse ela.

- Se houver, compra um para a menina. Eu vou ali comprar comidinha para ela.

- Ainda há ração! Comprámos na semana passada.

- Não é dessa. Vou buscar uma latinha daquela pasta gourmet.

- Isso é muito caro. Não te esqueças que temos de comprar os teus comprimidos.

- Mas ela gosta muito! Ainda tenho comprimidos.

- Só tens quatro, e ainda faltam oito dias para cair o dinheiro.

- Tomo um dia sim dia não. Chega bem.

- Tu queres é que ela vá para o teu colo. Mas não penses que é por causa da latinha que ela vai. Não tens sorte nenhuma.

- Se não fosse o vício que ela tem pela tua manta, ias ver para que colo é que ela ia.

- Pensas tu. Queres umas bolachas Maria para comeres logo ao serão?

- Não preciso. Com esse dinheiro vou logo ao café ver a bola e tomo um carioca.

Olhei melhor para eles. Ar lavado. Ele de calças cinzentas, camisa branca por baixo de um pullover também cinzento. Ela com um fato de saia e casaco de fazenda castanha e uma blusa bege. Discretos.

Tinham voltado a caminhar de braço dado, decerto na direcção da lata de comida gourmet para a menina. Não pararam na peixaria. Eu baixei os olhos, envergonhado. Então percebi porquê. O queijo de Azeitão estava a olhar para mim com ar de gozo.

-Ah é? Vais ver, pensei.

Passei pela banca dos ricos e devolvi-o à procedência. De repente, apeteceu-me ser pobre e ter uma menina à minha espera, para eu dar colo e uma latinha de comida gourmet. Voltei a encontrá-los na caixa. No fundo do carrinho estavam dois pães, um embrulho com quatro fatias de fiambre. De barra e finas. E uma lata amarela, reluzente.

Através do meu olhar embaciado, o carrinho pareceu-me cheio.

É inacreditável a quantidade de amor que cabe numa latinha.

Olá! Chamo-me Hifi, o que se pode traduzir por Alta Fidelidade... Sou uma labrador de pelo bem preto, muito brilhante e olhos cor de mel.

Entrei na vida da minha dona nos preliminares de um Dezembro frio e chuvoso. Foi amor à primeira vista. Gostei dela logo no primeiro olhar e passou na primeira “farejadela”, embora me tenha apercebido da sua insegurança e apreensão. Senti que ela estava triste, sem esperança e, logo pensei: ‘Tenho de trazer felicidade à minha dona, sei que foi para isso que o destino nos juntou...’

Conheci a minha nova família. Iria viver numa casa com jardim, espaçosa e arejada. Com ela, o Joy, uma bola de pelo balofa ronronante e... o marido. Percebi desde o primeiro instante o motivo da tristeza da dona. Era o seu casamento! Ela contou-me. Tinha sido uma linda história de amor. Olhares ávidos, pernas bambas, sorrisos que abarcavam o mundo. Viveram esse conto de fadas, durante algum tempo com a incredulidade de quem não acredita na Graça recebida. Dedicavam-se à dança. Cetins, lantejoulas e plumas... Salões, palcos, luzes da ribalta. Vi filmes e fotos. Eram bem giros! Jovens, elegantes e atraentes, um íman perfeito para cobiças de gente frustrada. Perda de um filho, depressão e a perda da visão. Tudo mudou! O marido começou a ter vergonha de ser visto com ela, mulheres que se interpuseram entre eles. Tinham a convicção de que ele seria “mal empregue” numa cega. Elas sim, achavam-se merecedoras daquele homem apetecível... Afinal tinham dois olhos funcionais e ela não! Amizades falsas.

Estava a minha dona num impasse. Vida suspensa numa “noite escura”. Noites de angústia e abandono a que havia sido relegada, como um trapo velho sem mais utilidade. Profundamente infeliz e fraca.

Eu fui pôr os “pontos nos is”! Entre longas conversas de... fêmea para fêmea, convenci-a que em frente era o caminho e que vale a pena lutar pelos nossos sonhos e muito especialmente, pela nossa liberdade. E foi para lhe trazer asas que entrei na vida dela. Não era o fim do caminho mas apenas o seu início...

Em pouco tempo, veio o divórcio e a mudança radical de vida. Pegámos na nossa trouxa a empanturrada de coragem e ala que se faz

tarde! Mudámos de “mala e cuia” de uma pequena cidade do centro do país, para a capital. Imperiosa necessidade de nos afastarmos do lodo das línguas viperinas e enredos tenebrosos...Acabámos na mística e romântica Vila de Sintra. Passámos por sustos e apertos monetários, o nível de vida aqui é elevado, as rendas exorbitantes. Mas Ela nunca nos faltou com nada para o nosso conforto. Somos uma verdadeira família feliz. Eu, a “bola de pelo ronronante e a minha dona. Somos verdadeiramente unidos, transmitimo-nos mutuamente força e Amor Incondicional.

Ela arranjou trabalho e nas nossas viagens diárias de comboio, apareceu-nos de tudo. Desde gente preconceituosa e sem respeito pelo próximo. Ignorantes, que não compreendem a nobre missão de um cão-guia. Porém, encontrámos gente “bué da fixe”! Verdadeiros amigos que tornam o nascer das manhãs de trabalho, leves e bem-humoradas e que por várias vezes nos valeram nos momentos menos bons e outros. Formam o “Clube dos Amigos da Hifi”, pois sou eu a responsável por esta feliz união.

Agora apareceu este tal do corona... mais uma batalha que nos fará ganhar a guerra! Depois duma noite escura vem sempre a alvorada... e para “se dar à Luz”, primeiro vêm as dores do parto... Nada será igual depois disto mas com toda a certeza melhores dias virão!

A minha dona já tem planos novinhos em folha. Quer voltar para a sua casa na cidade templária. Enterrados os ressentimentos, brilha o Sol da Amizade. Voltar para o verde exuberante dos campos onde os trinados dos pássaros nos elevam o espírito e acalentam a alma. Uma vida simples e genuína, mergulhada na paz e serenidade, aspirando os revigorantes aromas da Natureza. Dedicada à escrita, ela quer revelar ao mundo as minhas aventuras que não são poucas. Um dia me tornarão mundialmente conhecida! Ao redor de uma fogueira, serão contadas de avós a netos.

Me aguardem!!!...

(Aqui, Hifi levanta a pata direita e pisca o olho esquerdo)

Era uma vez um casal de pirilampos, belos e cheios de energia. O casal viajava muito e sempre fazia amigos nos distintos países que visitava. Foi numa dessas viagens que os pais pirilampo descobriram que uma mini pirilampinha vinha a caminho.

Tudo foi felicidade - exceto os incomensuráveis enjoos matinais da mãe, que continuavam pela tarde e se prolongavam pela noite, e o peso extra ganho, a modo de solidariedade, pelo pai pirilampo.

Quando a pirilampinha nasceu, os pais rapidamente perceberam que ela tinha uma energia especial.

Ao crescer, a pirilampinha começou a falar e logo a cantar. Ela adorava cantar! Quando saía à rua, a pirilampinha - com aquela energia natural - cumprimentava pirilampos de todas as idades e eles cumprimentavam-na sempre de volta.

De repente, um horrível vírus chegou ao mundo e a família de pirilampos já não podia viajar mais. Além disso, a pirilampinha já não podia aproximar-se a cumprimentar os outros pirilampos. A pirilampinha não percebia e disfrutava do passeio da mesma forma.

Uma manhã, a mãe pirilampo tinha que ir à casa dos avós. Devido a certas restrições, a mãe não podia voar. Assim, teve que ir a “pé” e levar com ela a pirilampinha. Ao saírem, as ruas estavam muito silenciosas e os poucos pirilampos na rua tinham aspeto triste e melancólico.

De repente, a pirilampinha começou a cantar alto, forte. Cantou com toda aquela energia maravilhosa que ela tinha dentro de si e ainda, quando não podia ficar perto de ninguém, a voz dela conseguia chegar perto dos corações de todos os que a ouviam. Os pirilampos na rua começaram a sorrir. As ruas começaram a ficar iluminadas! Já não era só a energia da pirilampinha, era a energia de todos os pirilampos na rua que decidiram também partilhar a energia deles numa formosa dança de luz e som.



Dia doze de Abril para nós era Dia de Páscoa. Este dia era muito importante. Era o dia dos afilhados! Onde habitualmente os padrinhos ofereciam bolo de Páscoa, amêndoas e prendinhas especiais ou dinheiro. Maria tinha-me visitado. Ofereci-lhe um lindo vestido preto de veludo ornamentado com brilhantes. Maria era extremamente bela: os olhos eram muito pretos, luzidios; a boca era pequena e a ela ajustavam-se os lábios marcantes pintados de vermelho puro. Ela tinha um sorriso aliciante que fazia com que qualquer jovem, se pudesse apaixonar por ela. Usava uns sapatinhos brancos de cristal que lhe ficavam muito bem e um casquinho preto que também a favorecia. Maria era muito bonita e também muito especial...

Eu encontrava-me no Hospital da Universidade de Coimbra, em tempos de epidemia, tinha-me sido diagnosticado Covid 19. Sentia-me extremamente triste, desolada, decidida que tudo iria fazer para recuperar a minha saúde e estabilidade normal de vida. Algo me dizia que haveria de recuperar, pelo menos possuía vontade de viver e tinha esperança e motivação, mesmo estando a ficar cada vez mais frágil, com sintomas menos bons e vulneráveis que me iam levar a uma luta contínua pela minha vida. Ia ser internada nos cuidados intensivos, mas isso far-me-ia lutar e não desistir de viver... Desde seis de Março de dois mil e vinte que os profissionais de saúde de Portugal nos tinham alertado para esta terrível pandemia que iria provocar muitas mortes. Passava este desastre na televisão, eram alvo de questionamento interior dentro de nossas vidas. Maria e eu todos os dias observávamos quantas pessoas haviam sido infetadas e quantas pessoas tinham partido.

A Covid 19 tinha chegado a Portugal, em peso, e eu era aquela pessoa mais bonita do mundo, mas que tinha sido diagnosticada com a maldita doença. Como me sentia? Com fragilidade, inevitavelmente. Numa luta constante para não perder a minha vida. Mortes pairavam na minha cabeça, indissociavelmente... Maria era a minha médica que me curava no Hospital da Universidade de Coimbra e minha afilhada. Será que me iria curar?

Portugalinegrado, nos confins da Europa, é um país onde coisas normais não acontecem com muita frequência. É um sítio cheio de história e, em cada canto, já aconteceu algo de sinistro e mau. Há incompetência e ganância, literal ou no sentido figurado, espalhada por todo o lado e, tal como os restantes países do mundo, em 2020, enfrentou a crise pandémica do “Covid-19”. Tudo começou nos serviços noticiosos e a informação que, na China, um novo vírus começava a dar nas vistas, graças aos estranhos hábitos alimentares do povo de olhos rasgados. Pouco ou nada nos importamos. Afinal, o extremo oriente é tão longe... Porém, e apesar das medidas de contenção, o vírus não tardou a chegar à Europa. Itália e Espanha registaram elevados números de óbitos. Várias teorias surgiram para justificar a escalada de morte, mas muitos concordam que as medidas indicadas foram aplicadas tardiamente. Pouco ou nada nos importamos. Afinal, há sempre exageros nas notícias...

Em Portugalinegrado, os aeroportos continuaram a funcionar sem restrições. Contudo, as entidades competentes garantiram a entrega de folhetos. Ineficaz contra o vírus, mas úteis para matar melgas e mosquitos! O Estado de emergência – algo inédito na nossa cronologia – foi inevitável. Foram impostas restrições à circulação, promovendo o isolamento social domiciliário e definiram, como principal grupo de risco, os idosos. Teve o efeito oposto: ganharam nova vida, esqueceram as queixas e doenças e, como num autêntico milagre, começaram a pavonear-se pelas ruas!

O Carnaval foi a última data festiva celebrada. Inclusive, a própria Igreja ficou de portas fechadas, sem fiéis e apenas com autorização para celebrar funerais em regime de contra-relógio e sem plateia. Os padres – à semelhança da restante população – aproveitam qualquer desculpa para fingir o regime de isolamento. Assim foi com os festejos da Páscoa. O tradicional compasso foi substituído por carrinhas de caixa aberta que, decoradas com cruxifixos, percorreram ruas de várias paróquias numa espécie de parada taliban. Algumas carrinhas eram de marca Toyota... Inexplicavelmente, e apesar da falta de empenho de muitos, os números da crise foram inferiores aos registados na Europa. Podemos, quem sabe, deduzir que nem o vírus teve por nós qualquer interesse...

Rosalina nasceu numa aldeia do interior de Trás-os-Montes, vivia com os pais e outras irmãs mais novas, até aos nove anos de idade, altura em que os tios a levaram para Angola mais propriamente para Luanda. Um país para ela desconhecido, de gente diferente, que nunca tinha visto, com crianças como ela, mas que nada lhe diziam. Nos primeiros meses só chorava pela mãe de quem tinha muitas saudades, mas de nada lhe valeu, nem sequer tentaram compreendê-la. Tinha feito o primeiro período da 4ª classe, que interrompeu quando partiu. Depois deparou-se com um ensino completamente diferente, professora, colegas, tudo era diferente, e tudo isso, nada lhe dizia e, por essas razões, teve que repetir o ano. E assim a pobre da Rosalina, teve que se integrar e habituar a outros costumes, não sendo essa a época mais feliz da sua vida.

Entretanto o tempo passou e, aos catorze anos, teve a sua primeira paixão. Um jovem de dezoito anos, que partilhava com ela os mesmos sonhos e ideais, mas como na vida nada é perfeito, havia um militar que era apaixonado por ela, mas dela não tinha troco por causa da diferença de idades.

Então o ciúme falou mais alto e, sabendo que o tio não aceitava de jeito nenhum qualquer namorico porque era muito jovem, foi proibido na hora, o seu amor secreto.

Sofreu muito a Rosalina, chorou a sua desgraça e odiou o causador dela. Mas, o tempo faz milagres e tudo passa com ele. Ao fim de alguns meses o jovem terminou o serviço militar e foi para Portugal. Passados dois anos deu-se o 25 de Abril, precisamente no ano em que completava dezasseis anos, e nesse mesmo ano teve que vir para Portugal também porque deflagrou lá uma guerra terrível, e assim Rosalina voltou à sua aldeia.

Mas como o Destino tem a sua ironia e nele está escrito a sina de cada um, dois anos mais tarde, reencontra o causador da sua antiga "desgraça" com quem veio a casar passados alguns meses. Foram presenteados com três filhos e seis netos ao longo de quarenta e dois anos de união, uma união cheia de altos e baixos onde nem tudo foi pêra doce, mas com muitos sonhos realizados, à custa de muito carinho, compreensão, resiliência e pensando sempre com o coração.

Fui visitar a tia Luz, a pedido da minha mãe, para lhe levar umas coisas.

A tia Luz não sai de casa. Aliás, pensando bem, acho que nunca a vi noutro sítio. Nem em casamentos, ou batizados, ou Natais, ou reuniões de família. Sempre me lembro de a ir visitar, com a minha mãe, a casa dela! Mas mesmo dentro de casa, nem sequer na rua!

Bati à porta. Uma e outra vez! Após algum tempo, ouço o arrastar de passos pesados. A tia Luz recebe-me como sempre, com um abraço emocionado. Ela não costuma receber muitas visitas. Para além de mim e da minha mãe, não me parece que mais alguém vá a sua casa.

Entro. Algo que acho curioso naquela casa e que só agora reparo: não há fotografias. Em lado nenhum! Nada! Como se o passado não existisse. Como se nunca tivesse existido! Como se não houvesse ninguém para ser lembrado...

Atendo o telemóvel. Só depois de desligar é que me apercebo que a tia Luz está verdadeiramente em pânico!

- Não vais trazer ninguém cá a casa, pois não?
- Fique tranquila, tia, não vem cá ninguém!

A boca pequena, rodeada de rugas de idade, esboçou um sorriso, o melhor que conseguia. Aliás, sorrir foi algo que nunca lhe surpreendi.

Começou logo a fazer perguntas sobre mim. Acho que é uma estratégia para não falar de si própria. Nunca lhe ouvira contar uma história de infância que fosse! Era como se a tia Luz nunca tivesse tido passado!

A minha mãe voltou a ligar: a Tia Luz estava doente. Assim que entrei senti um arrepio. A casa sempre quieta hoje tinha um silêncio tumular. Percorri os corredores escuros. Tia Luz encontrava-se deitada.

- Como é que está?
- Não é nada! Só uma gripezita! Caldos e galinha e passa!

Estava quente. Fui procurar um termómetro. O corredor estava muito escuro. E eu não conseguia encontrar o interruptor. Abri a primeira porta que encontrei. Acendi a luz. E a surpresa invadiu-me: encontrei um quarto de bebé. Imaculado e intocável!

Era uma vez uma linda menina de olhos cor do céu e longos cabelos louros que lhe escorriam pelos ombros em cachos de seda brilhante...

Era assim que começavam a maior parte das histórias que minha avó me contava ao serão, fazendo-me sonhar com belas princesas e garbosos cavaleiros, sempre prontos a resgatá-las de todos os perigos.

Para além da avó, também a minha querida Dadá, empregada de meus pais, me contava belas lendas de cariz popular. Mouras encantadas, almas penadas e tesouros escondidos, guardados por temíveis feras...

Claro que estas narrativas davam asas à minha imaginação, mergulhando-me num mundo onírico onde se viviam incríveis aventuras.

Mas não era a única a sonhar... contava-se na terra que certo indivíduo, cansado de ser pobre, decidiu quebrar um feitiço que diziam ocorrer junto à fonte de Pêro Boi, onde um rei mouro em fuga teria enterrado os seus tesouros.

Tencionando mandar recuperá-los mais tarde, e temendo ser roubado, o monarca transformou o seu vizir em touro, encarregando-o de guardar as riquezas que só deveria entregar a quem se aproximasse dele sem mostrar medo, numa noite de lua cheia.

Ora o nosso amigo já passara inúmeras vezes pela fonte, localizada numa quinta com o mesmo nome, onde, por coincidência, havia um touro bravo, sempre pronto a investir sobre quem se aproximasse, desprevenido.

Numa noite de lua cheia, o rapaz bebeu uns bagaços para lhe darem coragem e foi até à quinta de Pêro Boi, aproximando-se da fonte.

Quis o destino que o dito touro tivesse ido dessedentar-se a essa hora e, vendo que o homem se aproximava, invadindo os seus terrenos, investiu contra ele, não lhe dando sequer oportunidade de se arrepender da afoiteza.

Como resultado do embate, o destemido aventureiro foi parar ao hospital com várias costelas partidas. Se lá estava ou não o tesouro, nunca o soube e jurava nem querer mais saber, pois quando acordou do desmaio, apenas se recordava do bafo do monstro antes do impacto.

Dizia-se que só de ouvir falar do encanto, o desgraçado tremia de pânico.

Sei que estão sempre juntas, quase não vivem umas sem as outras! Se há algum ensejo de autonomia por parte de uma delas, a excelência das suas relações eleva-se ainda mais, criando as condições de manutenção das virtudes da sua íntima união.

A. e a sua irmã H. são unha com carne, fazendo com que eu tenha de me esmerar, se quero ser aceite no seu extremoso e completo convívio. Parecem gémeas até, tal é a sensação e sentimento de pertença únicos do relacionamento entre si. Tudo o que partilham generosamente comigo são ocasiões de pura magia indizível, que me enlevam, aspirando a maior e melhor profundidade de conhecimento, ao mesmo tempo que as exprimimos, vivenciando-as.

Não quero dizer com isto, que F. esteja em menor grau de admiração por minha parte, nem por um milímetro. As fragâncias requintadas que emanam da sua postura e comportamento inebriam-me, despertando-me recordações e causando-me inúmeras vezes uma reacção homeostática da pele, os comuns arrepios: do humor e prazer à tensão, volúpia e elevação e, outras sensações mais internas ou externas, mas que não vos revelo. São parte de um acervo muito nosso, pois mesmo em silêncio nos compreendemos, numa telepatia intensa, cúmplice e excitante.

S. é geradora de uma paixão intensíssima, que por vezes me devora, alegre, expande a percepção e a eterna vontade de arriscar mais e mais. É pura Arte! Tão pura, que me parece natural e simples, com um poder magnético de atracção que me envolve, capta, encanta; um poder de sedução irresistível a todos os meus sentidos, provocando em mim, a vontade de entrega a seus pés. Quando o faço, vou timidamente apercebendo-me da subtil complexidade da sua beleza e expressão, conquistando-me como se um fio invisível da mais pura seda me orientasse, me coordenasse pensamento e acção, sorriso na voz suave mas exacta, dizendo-me sim, fazendo-me compreender um não.

Por um lado tenho de ter noção de quem vou encontrar e do nível de relações que decerto exigirão! Estarei a voar demasiado alto? Observo-me mais friamente, notando alguns sinais de vivências prévias, de marcas por elas impressas e sobre as quais, penso ter reflectido bastante.

Por outro lado, já experimentei a sensação de sentir o chão fugir debaixo dos meus pés, ao deparar-me com memórias de factos já observados e plenamente conscientes, mas que de repente aparecem em níveis mais profundos de apreciação e esperançosamente de compreensão. O coração bate e a pulsação aumenta!

Há imensas memórias fortes do contacto com elas em mim. Podem ser remotas para elas! Já corri para elas com o impulso apaixonado da espontaneidade e reconhecimento de alguém há muito tempo conhecido e agora reencontrado. Para mim, é como se tivesse sido ontem! Sim, ontem!

Voltando às S, H, A e F, vou revelar-vos a sua identidade, mesmo que para mim mantenham algo todavia indecifrável - quiçá de impossível escrutínio e avaliação. É como se pedíssemos a um jardineiro, que descrevesse uma das suas flores mais belas, ainda numa fase de crescimento e transformação.

Uma rosa, por exemplo, enquanto símbolo das mais belas emanções da Natureza no seu estado vegetal, reconhecível mesmo por qualquer energúmeno, é sempre diferente! Ao começar a brotar da haste espinhosa, antevemos a sua forma, aroma, o desenrolar das suas folhas; imaginamos até as leves e transparentes gotas de orvalho pousadas nelas e, pouco a pouco rolando pela força da gravidade. A menos, que as interrompamos nesse percurso, na esperança de que já contenham, tenham absorvido parte do perfume das pétalas que as contêm, tocando-lhes suavemente e sorvendo-as, para o palato as apreciar e integrar no seu múltiplo laboratório de análise aromática e gustativa.

Esse jardineiro poderia iniciar uma descrição dessa rosa, mas seria incapaz de deter o seu desabrochar de modo permanente. Assim, enquanto cuidador atentíssimo do jardim ele a descrevesse a um botânico amador, ou a algum transeunte subitamente tocado pela beleza viva dessa flor, quando voltasse a fitá-la, esta estaria alterada indubitavelmente! Seria como a tomada de consciência sobre qualquer facto da vida, que se torna uma obra de arte, sendo notada e observada, estudada, cuidada e acarinhada, assumindo então aspectos diversos, mas todos eles resultantes das suas características intrínsecas e maturação.

O calor e a humidade fornecidos pela Natureza ou pelo cuidado distinto do ser humano, transforma a rosa fechada em botão, numa flor de pétalas que se abrem, num crescer intumescente, tornando-se num símbolo do Eterno Feminino de lábios rosados carnudos e sensuais, de roçar polpudo e essência estonteante. Frágeis sim, mas de atração intemporal, de ciclos e ciclos de crescimento, maturação, reprodução e decréscimo para o envelhecimento. Milénios transversais em culturas e gerações, que se alimentam dessa beleza perene; seja pela visualização, percepção olfativa, táctil, doce ou arriscada no caule másculo, abordagem gustativa, emocional, poética, oral, musical e simbólica em sua variedade cromática.

Mas dizia eu, que iria – ou melhor – que tentaria revelar-vos a sua identidade! Sabem porque o faço? Porque tenho a certeza, de que só esse exercício vai ajudar-me mais e mais na aproximação às S, H, A e F; sejam elas híbridas ou cultivares com acúleos, estames, ovário ou pétalas, são flores! A um tempo solitárias, com valor por si, mas no seu conjunto representantes de virtuosidades concordantes, de conceitos humanos integrais, educação espiritual e busca de conhecimento.

Seja o nosso encontro na aurora dos dias, a pleno sol, ou na penumbra do entardecer, a antecipação do nosso reencontro aquece-me o corpo, do coração aos pés, como um magma que me agita do mais profundo de mim.

Sinto o seu convite que me encoraja o âmago. Sou coberto pela sua Luz, envolvendo-me com a emanção que delas inalo; adivinho-as reflectidas no brilho das minhas íris; aceito a noção total da sua realidade, quando me convidam a cuidar delas, das raízes aos acúleos e às pétalas. Agitam-me ora suave e generosamente o coração, ora me fazem manter precariamente o equilíbrio, ascendendo pelos nadis numa eterna dança de Shiva. Deslizo subtilmente os meus dedos pelos seus lábios cor-de-rosa, pois desde o botão ao desabrochar das flores que são, um momento igual é irrepetível!

Sim Sarasvati é de ti que eu falo, oh hindú! Tu, que proteges actores, artesãos, artistas, sejam eles escritores, músicos ou pintores, além dos que perseguem a compreensão das leis que nos regem, aprendendo e transmitindo com eloquência esse conhecimento.

Aretê, Grega filha da Justiça é de ti que falo! Da educação física à espiritual, à oratória, retórica, filosofia e música, és um ideal de formação ecológica humana.

De ti e de tua irmã Harmonia também! Sempre cordata e serena.

E não no fim nem por fim, de ti Filira! Essência da beleza que cura, transmitida em escrita num papiro.

São vocês que me têm mantido nesta expressão intemporal, ansian-do pelo vosso contacto reformulador na minha vida. Sei que não se deve esperar a transformação do exterior; sei que só de dentro para fora a consciência desperta. Mas também é inegável, a ajuda que poderemos receber, caso estejamos humildemente abertos a aceitá-la. E que melhor dádiva poderei ter, que a vossa intervenção sempre actual, fresca e iluminada?

Instilam em mim a alegria das crianças na idade dos porquês. A curiosidade inicial que leva à rebeldia para não aceitar o conhecimento instalado, continuando a investigar nas múltiplas brincadeiras a lei que rege as coisas. O movimento perpétuo da aprendizagem informal, assim como a dança da vida na sua perpétua mutabilidade e sempre prontas para novo e constante despertar e maravilhar-se.

Sejam vocês Sarasvati, Harmonia, Aretê e Filira cada uma por si que me inspirem, ou alguma flor humana que aspire a atingir estes atributos, quero manter-me ligado. Na verdade, sugiro que todos o façam: já nos teremos cruzado com uma Alma digna de todos estes atributos? Tenho a certeza que sim! Ter-nos-emos apercebido desse facto?

Nesse momento, o silêncio e a serenidade estão prenhes de valor; de repente somos como que um feixe singular de energia amorosa direccionada e recíproca de tempo distorcido, desaparecendo em nós e à nossa volta o não essencial. O tempo parou! Essas singularidades serão a um tempo geradas pelo nosso interior perceptivo e, talvez também despoletadas pela tal energia amorosa direccionada e recíproca que distorce o tempo, com origem no interior perceptivo de outro Ser. E, chamo-lhe energia de amor, à falta de uma compreensão cabal do facto, para adequar então o termo. Decerto já vos aconteceu... Sim, acredito.

Uma vez, no Verão, estava eu, a minha mãe e a minha irmã a passar férias em casa da minha avó, que mora perto do Alto de São João, em Lisboa. O meu pai tinha ficado a trabalhar e, uma bela noite, deviam ser umas 4h da madrugada, ele chegou lá a perguntar se a minha mãe nos deixava ir com um casal amigo para a Serra da Estrela (naquela altura não havia telemóveis). Entretanto, a minha tia, que também vivia lá em casa, levantou-se e disse ao meu pai que queria ir a um sítio comer qualquer coisa. O meu pai disse que não tinha documentos do carro, porque se tinha esquecido, mas que podíamos ir e lá fomos nós. Quando o meu pai dá a volta à Praça Paiva Couceiro, de frente existia uma esquadra de polícia e o meu pai pára no semáforo e deixa o carro ir abaixo. Estava um polícia à porta que, apercebendo-se do carro ter ido abaixo, mandou o meu pai encostar. Ele saiu do carro, deu as boas noites ao Senhor Agente, e disse-lhe logo:

- Senhor Agente, peço desculpa, mas não tenho documentos do carro. Os meus filhos e a minha mulher estão aqui de férias em casa da minha sogra e eu estava com saudades e vim cá ter com eles e esqueci-me dos documentos em casa. Agora íamos ver um local para comermos qualquer coisa (isto às 4h da manhã).

O Agente olhou para o meu pai e disse-lhe:

- Vá-se embora, homem. Faça de conta que não falou comigo.

A minha tia, de dentro do carro, perguntou ao Agente:

- Ó senhor Agente, peço desculpa, mas sabe onde podemos ir comer qualquer coisa? É que estou cheia de fome.

E o Agente lá indicou uma Estação de Camionetes, que costumava ter qualquer coisa de comer, e lá fomos. E o meu pai sem documentos do carro. Acabou por ficar a dormir em casa da minha avó essa noite, e, no dia seguinte, lá regressou a casa.

O mundo mudou. O mundo está a mudar. Milhões de pessoas, de um momento para o outro, viram as suas rotinas viradas do avesso. Nalguns casos, creio, vimo-nos apenas "obrigados" a antecipar, a acelerar o futuro - iríamos ter, mais cedo ou mais tarde, de acomodar algumas destas alterações (teletrabalho, digitalização crescente, massificação online, etc.). Em casa, com as Famílias e Amigos, ou no trabalho, com colegas, Clientes e Fornecedores, tudo é hoje diferente. Sê-lo-á daqui em diante, e isso obrigar-nos-á, desde já, a um processo complexo de mudança, a adaptarmo-nos a toda esta nova conjuntura, a todo este novo enquadramento. Exigirá que testemos, aprendamos ou desenvolvamos a nossa Inteligência Emocional. Saber reconhecer, gerir e utilizar as nossas emoções, as emoções de todos quantos nos rodeiam, é cada vez mais fulcral. Temos de potenciar a nossa Agilidade Emocional. É isso que se espera de todos nós! Conosco próprios - self-awareness, motivação - e com os outros - empatia e restantes aptidões sociais. Estamos todos convocados para combater nesta guerra, com as nossas melhores armas. Todos! Porque efectivamente todos contam, ninguém é despiciente ou dispensável. Contudo, o papel dos líderes é, a este respeito, absolutamente determinante e decisivo. Pela sua (expectável, esperada e desejável) capacidade de reacção, de adaptação, pela segurança, confiança, conforto e positividade que devem transmitir e propagar por todos ao seu redor, pela gestão da emocionalidade deste momento, é deles que esperamos a calma e serenidade, a inteligência, a determinação, a paixão, a visão e a inspiração que a resposta a estes tempos conturbados exige! Tempos de emergência requerem Lideranças disruptivas, modernas. Aqueles que conseguirem ser mais racionais, mais inteligentes, e sobretudo mais emocionais (em toda a latitude da palavra), são os que melhor vão lidar com esta crise, e que mais fortes dela vão sair. Todos podemos ser líderes... é uma oportunidade que todos temos para mostrar o nosso verdadeiro eu! Venham daí os Cisnes Negros da Liderança, mostrem-se e brilhem!

Domingo, o meu dia preferido!

Logo pela manhã, a avó prepara-me um belo pequeno-almoço, a melhor roupa para irmos à missa e põe-me umas moedinhas no bolso, para o ofertório. Sempre que passo férias na quinta, um dos rituais que mais gosto é este: a manhã de domingo!

A minha avó, sempre muito crente, ainda é daquelas pessoas que diz que as crianças se tornam melhores, depois de irem à missa. Diz ela que a bondade fica “agarrada a nós”, quando saímos da igreja! Que coisa esquisita, pois nunca senti mais peso, nem me senti diferente! As crianças, dizem, são genuinamente bondosas, por isso não percebo o que a minha avó quer dizer com esta frase, que usa tantas vezes com o meu irmão.

Hoje, porém, quando regressávamos da missa, a pé para a quinta, encontrámos os filhos do senhor António, sentados na sombra de um carvalho. Eles aparentavam estar tristes. O primeiro a notá-lo foi o meu irmão:

- Vó, viste o Manelito? Estava a chorar. Posso ir ter com ele e ver o que se passa?

- Sim, meu menino, vai lá.

Não foi preciso muito para descobrirmos que eles estavam infelizes, porque o Manelito fazia anos e o dia era igual aos outros. Para ele, não havia rituais, nem idas à missa, pois os seus pais estavam sempre a trabalhar no campo.

A minha avó, pessoa muito sensível e meiga, piscou o olho ao meu irmão e disse-lhe para ficar um bocadinho ali com os meninos e, quando ouvisse o apito do avô a tocar (era assim que ele nos chamava para irmos jantar, depois de uma tarde de brincadeira!), levasse os meninos até à quinta!

Percebi logo o que ia acontecer! Foi tão bonito vê-los a entrar na cozinha e notar a alegria dos seus olhos. A avó e o avô prepararam num instantinho um belo almoço, com um bolo e uma vela para o Manelinho assoprar! De tarde corremos pelos campos de milho e jogámos às escondidas!

Se eu já gostava do domingo, este foi o melhor de todos!

O despertador disparou o estridente sinal e a menina acordou. Cheia de energia, levantou-se e espreitou à janela do seu quarto. Viu que uma chuva miudinha e cinzenta escorria das nuvens até às flores, à relva do jardim e até ao chão da calçada da rua. Do outro lado, avistava as árvores do parque que se estendia pela encosta. Tudo parecia igual...

“- Oh, o céu está a chorar! Só faltam duas semanas para começar a Primavera e o sol foi-se embora...”, pensou a pequena Luna, enquanto se dirigia, apressadamente, para o quarto dos pais.

- Mamã, papá, quem me leva à escola? - gritou, enquanto irrompia pelo quarto dentro.

O pai levantou-se, aturdido com a barulheira, estendeu os braços à filha e respondeu, pausadamente:

- Luna, hoje, não vais à escola.

- Não vou à escola? Mas, porquê? Eu não estou doente...

- Ouve, filhota, hoje não vais à escola, amanhã também não e não sei quando é que tu e eu poderemos voltar à escola...

Luna interrompeu as explicações com uma nova pergunta.

- Ó papá, não percebo... e a mamã, onde está? Eu não a ouvi chegar, ela já foi trabalhar?

João sentou a pequenita ao seu lado, na cama, e continuou a explicar:

- Luna, a mamã está no hospital, não pôde regressar ontem à noite, teve de continuar o turno e, provavelmente, nos próximos dias também não virá a casa. Não te preocupes, o pai vai ficar aqui contigo.

A menina abriu muito os seus lindos olhos azuis e, enquanto uma lagrimita se desprendia das suas longas pestanas, balbuciou baixinho:

- A mamã não quer vir para casa... está zangada connosco?

- Que disparate, não é nada disso! Minha querida, a mamã não pode vir para casa, porque os doentes precisam muito dela e o pai, simplesmente, não vai à escola e tu também não, porque as escolas estão todas fechadas - explicou o pai, pacientemente.

Mesmo depois da longa explicação, Luna não parecia convencida.

- Estão fechadas? Quem mandou?

- Luna, a tua professora não leu uns avisos na aula? E não vos recomendou que lavassem bem as mãos antes das refeições, depois das refeições, quando fossem à casa de banho?...

- Sim, papá, eu ouvi tudo, mas eu já sabia porque tu e a mamã já

me tinham explicado... só não percebo o que é que isso tem a ver com a escola ter fechado? Porque é que fecharam a escola? E porque é que a mamã tem de ficar no hospital?

- Sabes, Luna, há um bichinho à solta que está a complicar-nos muito a vida. Esse bichinho é um vírus e tem um nome um bocado esquisito. Ele é muito mau e anda por aí a atacar a humanidade. Nós temos de nos unir para não deixarmos que ele nos ataque a nós. E, mais, o nosso Presidente, aquele senhor simpático que tu conheceste quando foste ao Palácio de Belém, também decretou que todos temos de ficar em casa para nos protegermos desse vírus malvado.

- A sério? E a mamã não pode vir lutar aqui para casa? - perguntou a pequenita.

- Não, Luna, a mamã vai ter de ficar a lutar no hospital e nós aqui.

- Está bem, papá, mas podemos telefonar-lhe?

- Não estás com fome?

- Sim!!!- respondeu Luna.

- Então, a primeira coisa que vamos fazer é... um grande pequeno-almoço, depois telefonamos à mãe, pode ser?

- Boa, papá.

Ao fim da tarde, João ligou à Ângela. Do outro lado respondeu-lhe uma voz carinhosa, mas cansada, “Sim, João, estou exausta, mas não te preocupes. Cuida da Luna, depois quero falar com ela. Os próximos dias vão ser terríveis, ah! vou ficar em casa da Isabel, é melhor para ti, para mim, para a nossa filha. Sim, o apartamento é aqui perto do hospital e ela mora sozinha. Prometo, vou ter cuidado sim... Beijinho! Também te amo muito.”

Enquanto Luna e Ângela continuavam a conversa, João foi até à cozinha. Debruçou-se sobre a janela que dava para o terraço das traseiras da casa. Tinha parado de chover. No céu começavam a aparecer timidamente, as primeiras estrelas. Luna aproximou-se do pai, sem que ele se tivesse apercebido, abraçou-o e disse:

- Olha, papá, uma estrela está a cair... vamos pedir um desejo, como ensinou a avó?

Era o primeiro dia de muitos que estariam para vir, um dia que começara com chuva e dava início à noite com um desejo escrito no céu - “Vai ficar tudo bem?”

Era primavera, naquele final de tarde no ar sentia-se o seu perfume, a sua brisa, os seus sons, a sua tonalidade clara e suave. No interior da pequena e modesta casa, o velhinho tapado pelas rugas do cansaço, em passos lentos caminhava junto à lareira, entristecido, olhava para o lado de fora entre as vidraças embaciadas da pequena janela colocada à sua frente. No meio do silêncio que à sua volta reinava, uma enorme saudade de memórias, sonhos e recordações, moldavam o seu coração com formas emaranhadas e dispersas, que se perdiam pelos seus sentidos. Por alguns momentos, virou o seu olhar e fixou a chama do fogo que ardia fortemente aquecendo o espaço. Depois, sentou-se, na pequena cadeira de encosto, fechou os olhos e lembrou o tempo desde quando era menino, recordou na sua mente memórias guardadas de imagens dos labirintos da sua vida e a forma com foi construindo os dias menos bonitos da sua existência, embelezando-os com a arte de amar na esperança de que o pôr do sol iluminasse todas as suas utopias. Tranquilamente ouvia o som mágico da música que durante a sua vida aprendeu a dançar e que agora transbordava de alegria no seu coração. Feliz, sorriu, encostou a cabeça e adormeceu como uma criança e nesse dia a noite caiu calma e silenciosa.

O sossego da escuridão fez renascer um orvalho cintilante e límpido. No céu estrelado, reinou um espírito de alegria plena que embalou os anjos secretos da noite. O vento soprou e balançou, os anjinhos tocaram uma sinfonia musical e as estrelas dançaram e resplandeceram como o sol quente e luminoso, fazendo germinar linhas douradas, que se espalharam no infinito à volta de uma essência clara, divina, viril, mágica e eterna. A sua luz emanou uma claridade diferente, levou com suavidade a espuma dos seus dias a flutuar ao de leve sobre o mar prateado e o seu brilho alumiu tudo aquilo em que tocou, irradiando as horas de neblina. O fulgor dessa noite espelhou-se na incerteza do que mais certo existe e aqueceu os recantos da sua alma. E nessa noite especial do fim fez-se um princípio em ambiente de festa.

Gostava de morar ali – uma rua tranquila, sem carros. No rés do chão moravam os senhorios, raramente os via, no andar de cima, o professor, sozinho e no primeiro andar, do lado esquerdo era ele e do lado direito, a vizinha nova, jornalista, boa comó milho, que lhe andava a pôr a cabeça à roda.

Quando saía do trabalho, subia a escada e lá estava ela – calças de ganga torneando as pernas bem desenhadas, blusa agarrada, decote generoso, duas laranjas redondas saltando, rabo de cavalo, pernas estendidas sobre o varandim, escrevendo, de costas para a escada. Nem o via passar.

Há dias que vinha ensaiando – “Boa tarde! Então é a vizinha nova?” Na, assim não tinha piada! Ia pensar que era um palerma qualquer! Tinha que ser numa altura propícia.

Naquela tarde decidira, já não aguentava esperar por tretas de alturas propícias – “É hoje e pronto! Meto o meu ar matador e atiro-me a ela com conversa de vizinho! Uma brasa destas aqui à mão de semear e um gajo a ver navios? Na pode ser!”

Subiu a escada, cheio de coragem, mas quando chegou ao pátio... nada! Lá estavam o portátil, as papeladas dela, mas ela, viste-la! Azar! Logo agora que tinha a cantiguinha do bandido toda treinada! Não podia ficar ali espetado, à espera, feito paspalho...

Foi então que a viu... com um ar abandonado... tentador... à sua espera... como que chamando, no silêncio envolvente da tarde! Aquilo era demais! Aproximou-se a medo, sem saber o que esperar, sem falar, aquela saliência redonda logo ali perto da mão, apetecível, entendeu os dedos, acariciou e foi ficando cada vez mais perto, perdendo a timidez, mais afoito, e finalmente, avançou, num impulso! Foi quando viu aqueles olhos de menina assustada e a boca aberta pedindo mil beijos, num – Ai! Assustou-me! – e um suspiro de tranquilidade ao encontrar os olhos dele e ouvir-lhe a voz:

- Está alguém em casa?

- Entre, não fique agarrado à maçaneta da porta. Deixei a porta aberta porque estava à sua espera. Preciso de ajuda com a bilha do gás.

Olho pela janela do meu quarto, farta de me ver por ali, a bela paisagem atrai a minha atenção, que emoção, que explosão de beleza.

Hoje o Sapal do Tejo e o Moinho de Maré parecem diferentes, brilham mais.

Do lado de dentro, como se estivesse fechada numa torre de um castelo medieval, observo hipnotizada aquela obra de arte.

Voam por ali gaivotas, soltas e leves, e tão, tão alegres. Uma, faz um voo rasante bem perto do vidro, parece desafiar-me. Uma corrente de pensamentos passa-me pela mente:

- Aquela gaivota é livre... Eu não! - Relembro a liberdade de outrora, agora apenas ilusão.

- Ontem eu era livre... Hoje não! - Ontem eu vivia contente, convivia com muita gente.

De ontem para hoje, tudo mudou! Mas a primavera? A primavera como sempre... Chegou!

Cheia de magia e encanto, observo-a com espanto... O sol brilha majestoso, flores de todas as cores pintam o chão dos campos, os pássaros voam, cantam felizes, pulando de galho em galho... é primavera e eu, onde estou? Como me sinto? Parece que me deixaram presa num labirinto, sem norte, entregue à própria sorte.

Ai... que inveja que tenho, daquela gaivota, da sua liberdade... inunda-me a saudade, triste, pergunto-me em silêncio...

- Quem sou eu, afinal? Porque tudo não podia continuar igual?

A resposta repete-se na minha cabeça, com muita insistência...

- Resume-te à tua insignificância, sê humilde, ouve o coração e não percas a esperança.

- Avó, conta-me de novo a história da Salvação da Humanidade.

- Conto sim Diego, senta-te aqui no colo da avó.

Era uma vez um planeta azul, que vivia triste, ele já tinha sido, em tempos, um planeta azul feliz.

- Como se chamava esse planeta avó? Era Terra não era?

- Sim, Diego era... A Terra já tinha sido muito feliz, tinha florestas e matas verdejantes, águas cristalinas e animais de muitas espécies, tal como as plantas.

- E nós avó, os seres humanos, não existíamos?

- Claro que existíamos, mas vivíamos em comunhão com a Terra, com a Mãe Natureza, respeitávamos todos os seres vivos.

- E depois o que aconteceu?

- Diego, se ficares sossegado e ouvires a avó, vou responder-te a todas as perguntas. Deixas-me continuar?

- Está bem avó continua lá...

- Como te dizia, na Terra todos os seres vivos viviam em harmonia e respeito, no entanto o ser humano, como ser inteligente que é, começou a estudar, experimentar, explorar e inventar... a Humanidade foi evoluindo e, também crescendo, foi inventada uma rede que transformava a Terra numa aldeia, todos estavam ligados, era muito bom, as pessoas distantes falavam e viam-se em tempo real, parecia que estavam perto, mas essa rede aproximou pessoas distantes e afastou famílias que viviam dentro da mesma casa, os pais deixaram de falar com os filhos, os filhos com os pais...

Na busca de mais conforto, seres humanos começaram a trabalhar muitas horas para ter cada vez mais e melhores bens materiais, as crianças tinham muitos brinquedos...

- Que bom avó, eu também queria ter muitos brinquedos.

- Diego, o que a avó te ensinou que é mais importante na vida?

- O amor avó!

- Consegues imaginar a tua vida sem amor?

- Sem amor não há vida, é o que sempre dizes avó.

- É sim meu querido! Deixa a avó continuar... os pais deixaram de ter tempo para ensinar os filhos a ouvir o coração.

- Eu sei ouvir o meu coração, faz tum tum... tum tum... e em cada batida diz-me...

- Diego, a avó sabe que ouves sempre o teu coração. Deixa-me continuar... Não sabendo ouvir o coração a humanidade esqueceu o que era o amor e o elo de união entre os humanos quebrou-se. O mundo entrou em declínio, os seres tornaram-se egoístas e não se respeitavam, não respeitavam a mãe Natureza, não respeitavam os outros seres... enfim, tinham-se perdido os principais valores da essência humana, a empatia, o altruísmo, a humildade, a bondade desapareceram, sem estes valores nada estava bem, nas famílias, nas escolas, nos trabalhos... e os humanos tornaram-se frios, infelizes, tristes e estavam sempre zangados... reclamavam de tudo, como se fossem reis do planeta e a tudo tivessem direito, o coração deles estava gelado.

- Que triste avó.

- Sim Diego, foram tempos difíceis e tristes, deixa a avó acabar... sabes que só gosto de finais felizes.

- Sim avó, conta... agora vem a parte que mais gosto, vou ficar muito sossegado a ouvir-te.

- Como estava a contar-te, foram tempos muito difíceis, mas Deus não gosta de ver os seus filhos tristes, principalmente quando são a causa da sua própria infelicidade, e como bom pai e professor que é, decidiu dar-lhes uma lição, para seu próprio bem e evolução, colocando-os de castigo.

- De castigo avó?

- Sim Diego, lembras-te quando te portas mal e a avó te diz para te sentares numa cadeira quieto, a pensar no que fizeste? Pois, foi exatamente o que ele fez com a humanidade.

- E como conseguiu ele castigar todas as pessoas de uma vez?

- Escuta Diego, Deus enviou um bichinho pequenino e invisível, mas muito perigoso, só os animais e as plantas estavam a salvo, os humanos adoeciam e morriam, principalmente os velhotes, como a tua avó. O medo tomou conta de todos, pois ele era muito contagioso e rapidamente se espalhou por todo o mundo, os países e as pessoas foram obrigadas a ficar em casa, era a única forma de travar o perigo.

- Avó, deve ter sido assustador!

- Sim, Diego foi! Depois de muitos dias em casa, sem poderem sair, alguns seres humanos começaram a viajar para dentro de si e redescobriram num cantinho do seu coração, o amor e a fé. Quando isso aconteceu uma luz dentro deles começou a brilhar e quando mais eles tinham fé, mais aprendiam a lição, e mais o coração brilhava.

Deus ao olhar para a terra começou a ver, primeiro, pontinhos de luz, depois esses pontos de luz pequeninos aumentaram tanto que saíam das casas e se uniam, iluminando primeiro as ruas, depois as cidades, depois os países e em pouco tempo a Terra estava toda iluminada, de tal forma que o bichinho que só gostava do escuro morreu.

Todas as pessoas saíram à rua e faziam o que lhes tinha sido proibido, abraçavam-se, beijavam-se e sorriam felizes.

Tinham aprendido a lição e assim, com a Terra coberta de amor e iluminada com sorrisos, Deus permitiu que a Humanidade entrasse numa Nova Era, de amor, união e humildade.

- Que lindo avó! Eu saio a ti.

- Sais? Porquê?

- Porque também gosto de finais felizes!

- Pois sais! Podes dizer-me agora o que te diz o teu coraçãozinho?

- Avó, em cada batida o meu coração diz-me... A Vida é uma estrada colorida, pintada com amor e sorrisos de petiz, e eu... Nasci para ser Feliz!

Os "trintas" iam longos sempre de corpo aceso e exuberante, Mafalda era uma mulher bastante desejada, apesar de estar sozinha e em certos momentos ausente de si própria.

Numa manhã, ao se desencostar à pressa do quiosque, onde costumava tomar café, a saia larga de tecido fino, ficou presa num pequeno prego saliente na madeira rasgando-a de alto a baixo, metendo a descoberto as suas pernas bastante bronzeadas que mantinha desde o verão. No quiosque estava um rapaz, o António, um pretendente da sua amiga de longa data, mas até então tinha-se mantido indiferente consigo.

Andreia, dona do quiosque, chamou-a para dentro a fim de ajudá-la a compor a saia com um clip, pois não tinha tempo de voltar a casa para mudar de roupa. António em silêncio observava, mas simpaticamente ofereceu a sua gabardina para Mafalda levar vestida para o trabalho. Ela, de olhos fixos nele, aceitou agradecendo. Vendo ali a sua oportunidade, Mafalda jogou um trunfo muito forte quando retirou a saia bem diante dos seus olhos, as meias pretas até ao meio das coxas meteram a nu toda a sua sensualidade, perante os olhos daquele espécime masculino.

Mafalda foi abotoando os botões da gabardina, de frente para ele, como se lhe estivesse a manejar o desejo. António, que dava o último gole na chávena de café, olhava quase hipnotizado, como se lhe provasse o corpo esguio mas voluptuoso.

Posteriormente, já com a gabardine deviamente vestida, Mafalda subia a calçada apressada para se dirigir ao trabalho, recebia um telefonema da amiga. Andreia perguntou: Mafalda olha lá não era preciso tanto. Quere-lo para ti, é? Queres? Desculpa lá. Insinuaste-te toda para ele. Nunca imaginei!

Mafalda respondeu: Estás doida! Eu simplesmente vesti a gabardina que o teu amigo simpático me emprestou.

A amiga respondeu: Sim, simpático. Amigo? Desejo este rapaz há anos. Ou vais dizer-me que não sabias?

Entretanto a conversa acalmou, mas ficaram chateadas.

António, no final do dia, foi esperar Mafalda perto do escritório onde trabalha, sugeriu que não se importava de ir com ela para lhe oferecer outra saia, pois no outro dia de manhã saía muito cedo para o trabalho.

Em terras muito distantes  
Para lá dos mais altos montes  
Havia uma pequena aldeia  
Repleta de brutamontes

Nessa terra onde vivia  
Gente mal-humorada  
Tudo era deixado ao acaso  
Ninguém cuidava de nada

À porta das casas havia  
Muita discussão e barulho  
E nas ruas reboavam  
Gigantes bolas de entulho

Ninguém tomava banho  
Comiam em qualquer lado  
Todos se maltratavam  
Ninguém era educado

Da cabeça aos pés  
Tudo era um lamento  
Essa gente precisava  
De educar o pensamento

Ora, um dia, por acaso  
Apareceu um visitante  
Uma pessoa cuidada  
E muito bem-falante

Logo um dos habitantes  
Tratou de o insultar  
Mas o Senhor Gentilezas  
Isto se pôs a falar:

Venho de um reino distante  
Onde tudo luz como o ouro  
O que antes era sujidade  
Transformou-se num tesouro  
A fúria, a arrogância  
E a falta de educação  
Deram lugar ao trabalho  
Ao rigor e à organização  
Sempre que alguém pensava  
No outro maltratar  
Esgotava a sua fúria  
Numa tarefa do lar  
A terra que antes era  
Um deserto sem igual  
Logo se transformou  
Num presépio de Natal  
Os habitantes desse reino  
Ficaram para a história  
E a sua terra tornou-se  
Numa visita obrigatória

Ficaram as gentes a pensar  
Nas palavras do forasteiro  
E em vez de refilar  
Trabalharam o dia inteiro

Uns limpavam as casas  
Outros as ruas da terra  
Outros construíaam parques  
Outros evitavam a guerra

Quando tudo estava limpo  
Decidiram para eles olhar  
E vendo que estavam sujos  
Logo se foram lavar

Primeiro as roupas de fora  
Depois as roupas de dentro  
Cabelo, cara e dentes  
Logo ganharam alento

Foi a partir de então  
Que outra atitude tomaram  
Nunca mais foram brutos  
Nem palavrões usaram

Deixaram de ser brutamontes  
Passaram a ser delicados  
Já diziam por favor,  
Com licença e obrigados

Foi-se o Gentilezas embora  
Nada mais havia a mudar  
Despediu-se com cerimónia  
Indo para outro lugar

Naquele dia, Sofia levantou-se cansada, com aquela sensação de quem lutou toda a noite por algo, sem sucesso. Passou da cama para o sofá, taciturna, a pensar o que iria fazer naquele dia...

Era 25 de Abril em Portugal. Nas ruas e nos estabelecimentos, comemorava-se o dia da Liberdade; a revolução dos cravos de 25 de Abril de 1974, depois de um regime que oprimiu o povo, durante 40 anos, a ditadura do Estado Novo.

Sofia saiu para a rua. Soprava um vento morno e abafado. Mas o que a surpreendeu foi a neblina densa e baixa que dava um aspeto de irreal às ruas, tão pouco habitual em abril.

Caminhou pelas ruas apinhadas de gente. Nunca, até aquela data, nem mesmo nos primeiros anos de democracia, tinha visto tanta gente, principalmente jovens, nas ruas e nos cafés. Parava, aqui e ali e comentava nunca ter visto nada assim. As respostas eram sempre iguais: «Pois é! É maravilhoso! Viva a liberdade! Viva a democracia!».

Pensava conhecer a maior parte dos habitantes daquela pequena cidade mas, ao fim de uma hora de caminhada, ainda não tinha visto um rosto conhecido, apesar de alguns lhe parecerem familiares.

Dirigiu-se ao café Colipo onde habitualmente tomava um chocolate quente, a meio da tarde. Ali costumavam encontrar-se, àquela hora, proprietários e funcionários das lojas daquela avenida, na pausa da tarde. Naquele dia, a clientela era composta por jovens exuberantes, alguns pareciam embriagados ou drogados, mas todos em grande euforia, falando em voz alta. Aos gritos, tentou conversar com um jovem ao seu lado, que lhe respondeu, numa linguagem cuidada e educada, sem os habituais "bués" e "fixes" tão engraçado nas camadas mais jovens.

Saiu dali ainda a ouvir a voz do seu interlocutor que gritava: "É fabuloso! Esta juventude é maravilhosa!". Caminhava estranhando não encontrar ninguém conhecido pois, também, nas ruas só se encontravam jovens e nenhum que conhecesse. Encaminhou-se para a praça onde, nesse dia 25 de abril, os socialistas costumavam comemorar a revolução dos cravos.

Enquanto caminhava, Sofia pensava que nos seus 55 anos de vida, nunca tinha visto tal manifestação de juventude, na sua cidade. Só poderiam ter vindo de outro lugar, atendendo a que, segundo dados

estatísticos oficiais, mais de dois terços da população tinham idades superiores a 50 anos.

No seu percurso, ainda tentou tomar o chocolate quente em vários cafés, sempre com resultados idênticos. Apercebeu-se de que estava mesmo com fome quando viu, ao longe, um grande restaurante, onde já algumas vezes tinha jantado com a família. Viu as horas, no relógio de pulso e constatou que andava a deambular pela cidade há mais de 3 horas. O restaurante Lusitânia era composto por três salas amplas, com mesas de vários tamanhos e feitios, que enchiam sempre ao fim de semana, devido à variada e ótima confeção, que agradava a todos os gostos.

A porta já estava aberta. Entrou. A primeira sala estava vazia. Na segunda, o grupo de pessoas que enchia a sala estava de pé e quando Sofia entrou viraram-se todos na sua direção, como se fossem autómatos. Uma rapariga elegante e muito bonita dirigiu-se-lhe e perguntou com um ar surpreendido:

- “Ainda estás assim?? Faz isso!... Estás à espera de quê?” E desapareceu no meio da multidão. Sofia ficou parada, no mesmo lugar, estupefacta. Não se lembrava de conhecer alguém assim, apesar de lhe notar algo familiar.

Já estava para sair quando um rapaz se dirigiu a ela, dizendo:

- “Se não mudares jamais entrarás naquela sala e em muitos outros lugares.”- E apontava para a terceira sala do restaurante. Sofia ainda perguntou: “Mudar como... Mudar o quê?” - Mas já o rapaz tinha desaparecido no meio do grupo.

Movida pela curiosidade, furou por entre aquele aglomerado de gente, aos encontrões, tentando encontrá-lo, em vão. Olhada por aqueles rostos que revelavam estupefação e alguma crítica, furou até à terceira sala. Esta divisão só era ocupada quando a quantidade de clientela assim o justificava. Estava separada do restante estabelecimento por uma porta de correr automática que estava sempre a funcionar, visto as instalações sanitárias serem ao fundo da mesma. A porta estava fechada. Sofia tentou abri-la de todas as formas e não conseguindo, bateu furiosa de punhos cerrados, enquanto ouvia frases como as anteriores: - “Não podes entrar assim!... Primeiro tens de mudar! Depois tens de ir para a fila como os outros!” Começava a ficar assustada quando a porta, onde

estava encostada, se abriu e um homem, também ele jovem, de grande estatura, lhe gritou pela porta entreaberta:

- “Não pode entrar!” - e fechou-a imediatamente. Pela fresta da porta, num relance de olhos, Sofia ainda pode ver o que lhe pareceu um amontoado de corpos nus, em movimentos rítmicos. Por momentos, que lhe pareceram uma eternidade, ficou petrificada, encostada à porta. De súbito, como se tivesse recebido um choque elétrico, deu um salto e saiu dali, a correr, aos encontrões na multidão.

Já na rua, o que pensava ter visto custava a entrar-lhe na cabeça e ia repetindo pelo caminho: - “Será que vi bem? Será que estavam a fazê-lo? Todos juntos??...”

A curiosidade de Sofia levou-a a percorrer ruas e ruelas que não faziam parte do seu percurso, rumo à Praça da Liberdade. Aí era o principal ponto das comemorações e onde pensava encontrar-se com o marido e os filhos. Nos locais visitados presenciou cenas idênticas às vistas anteriormente. Começava a sentir-se incomodada nos estabelecimentos e, mesmo nas ruas, não conhecia ninguém e algumas pessoas olhavam-na com um ar, deveras espantado.

Para os seus cinquenta anos, Sofia era bem-apeçoada, esbelta e com poucas rugas, aparentando menos dez anos. Não era uma pessoa macambúzia. Pelo contrário era alegre, gostava de diversão e tinha um ótimo sentido de humor. Sempre se tinha relacionado bem com os mais jovens e os menos jovens mas, apesar disso, começava a sentir-se mal entre aquela multidão de jovens esfusiantes. Para além dos atos que via praticar, havia no ar um não sei o quê que a arrepiava. Chegou, finalmente, ao destino também ali, na Praça da Liberdade, a festa era de grande euforia, com comportamentos excessivos. Sofia não era moralista e também já tinha cometido os seus excessos mas nem sequer imaginara que se podia pôr a fasquia tão alta. Dirigiu-se à grande tenda, montada num canto da praça onde, todos os anos, discursavam políticos e também onde costumava encontrar muitos dos seus amigos. No palanque improvisado, estava a discursar alguém extremamente jovem para discurso tão elaborado. Não viu amigos, nem os filhos, entre os jovens e também não havia alguém da sua idade ou mais velho. O pânico começou a apossar-se de Sofia, que começou a percorrer a praça,

tresloucadamente, na esperança de encontrar o marido e os filhos. Deu várias voltas à Praça da Liberdade mas sem resultados positivos. Virou costas e encetou o regresso a casa quando uma luz se lhe acendeu na cabeça e pensou: - “O que se passa comigo? Não estou a raciocinar! Tenho de saber o que se passa!” Retrocedeu e encarou um rosto que olhava na sua direção e lhe pareceu simpático. Não teve tempo de abrir a boca e já ele lhe perguntava:

- Espera! Porque é que não o fizeste?

Vendo o ar incrédulo de Sofia continuou:

- Não me reconheces? Olha bem para mim!

Sofia nunca teve grande aptidão para memorizar rostos mas a curiosidade e o desespero, levaram-na a fazer um grande esforço. Perscrutava aquele rosto jovem, com grande atenção e começou a notar-lhe algo familiar. Pensou: - “Talvez seja alguém que conheci no passado?” E essa ideia levou-a à grande descoberta.

- Artur Villela?

- Eu mesmo! Em carne, osso e juventude! - Sofia balbuciava, com ar de louca, sem saber o que pensar.

- Mas... o quê? Como... como é possível? Devo estar a sonhar! Temos a mesma idade! Não temos?

- Tínhamos... a mesma idade! Tínhamos... queres tu dizer!

- Mas... então? O que foi que fizeste?

- Não te disseram? Vês aquele edifício, atrás da tenda principal? - E apontava naquela direção. - Existe aí uma sala de cirurgia. Basta dirigires-te ao segurança que faz a triagem e dizeres as palavras certas.

- As palavras certas? Mas que palavras? - P’ra frente Portugal! Democracia! Liberdade! - Sofia olhava para ele de boca aberta, sem conseguir articular palavra, pensando: “Pobre coitado! Será que está doente? Só diz coisas sem nexo!” - Mas ele continuou:

- Uma picada no sítio certo do cérebro, um pequeno implante... e zás! Voltas a ter vinte anos!

- O quê...? Mas estão todos loucos? Parecem robôs! - Sofia saiu dali a correr em direção à avenida do mesmo nome da praça. Confusa, chorava e falava alto. Quando deixou de se cruzar com as pessoas que deambulavam junto à praça, sentou-se no chão e de cabeça entre os

joelhos, chorou com vontade. Assaltou-a um pensamento: - “E se só eu é que fiquei igual? Meu Deus... estou só!” - Descalçou as sandálias que lhe tinham magoado os pés de tanto caminhar e descalça, arrastou-se avenida abaixo, cambaleante, como se não tivesse vontade própria para caminhar. Deixou de sentir fome e não tinha noção de onde se encontrava. Tinha anoitecido e as luzes estavam acesas, mas o nevoeiro não deixava ver bem o espaço envolvente. Uma luz mais forte, difusa e bruxuleante, chamou-lhe a atenção.

Lentamente, Sofia começava a recuperar o autocontrolo e caminhava, agora, mais apressada em direção à luz que lhe tinha despertado a atenção. Ao aproximar-se reparou, estupefacta, por ainda não ter pensado nisso, que se encontrava junto à fonte luminosa, onde culminava a Avenida da Liberdade e no cruzamento para sua casa. Agora a visibilidade era maior, mas o que lhe despertou a curiosidade, foram os gritos de alguém que ali se encontrava. Aproximou-se com alguma cautela e parou, tremendamente perplexa. Junto à fonte, a levar com os pingos dos repuxos, vislumbrou um homem que, visto dali, não parecia muito novo e que pulava e gritava, a plenos pulmões:

- Viva a liberdade e o direito à opção! E o direito à opção!” Num ápice, como se saltasse com uma mola, Sofia encurtou o espaço que os separava. Nesse momento, a estranha personagem apercebeu-se da presença dela, virou-se de um salto e ficaram os dois, estáticos, a mirarem-se. Era um homem que aparentava entre sessenta e setenta anos. O seu cabelo e barba, bem tratados, grisalhos, encharcados, que pingavam gotas de água, davam para ver que eram mais brancos do que escuros. Num impulso, Sofia saltou e abraçou-o. Ficaram alguns momentos abraçados, como se ambos tivessem encontrado o seu oásis. Os repuxos que tinham voltado a jorrar, foram o balde de água fria que os fez voltar à realidade. Afastaram-se mas sem despregarem os olhos um do outro e quase ao mesmo tempo, num gaguejar enlouquecido, perguntaram:

- Então?... Não quis?... Porquê? - Perante o seu silêncio Sofia continuou:

-É... é fascista? Conservador? Ele soltou uma gargalhada, ainda fresca e jovem e respondeu:

- Seria tudo isso e ainda mais se tivesse mudado. Sou a favor da paz,

da igualdade de todos os direitos humanos da democracia. Resumindo, da liberdade que nos dá o direito à opção. Opção essa, que usei para continuar no ritmo natural da vida! E porque não quero ser um robô, comandado por uma máquina social qualquer! E por mais razões das quais podemos falar!

Sofia abraçou-o novamente e os dois, aos pulos, como se tivessem vinte anos, puseram-se a gritar:

- Viva a Liberdade e o direito à opção!! Viva a Liberdade e o direito à opção!!

Sentaram-se na borda da fonte a conversar durante muito tempo, sobre as opções de vida, os sonhos, (que ainda tinham muitos), a Liberdade e a falta dela no mundo.

Encharcados devido aos salpicos da fonte, começaram a tremer de frio. Frio esse que fez com que Sofia se lembrasse do conforto do lar. Levantou-se de um salto, alegre. Nos seus olhos brilhava a esperança quando disse:

-Talvez o Ricardo também não tenha mudado e esteja tudo bem, com ele e com as crianças...

Prometeram voltar a encontrar-se e Sofia, encharcada, descalça, com as sandálias na mão e um grande sorriso no rosto, correu para casa, dando o aspeto de ter enlouquecido.

O rodar da chave na fechadura fez um estrondo enorme. Sofia levantou-se estremunhada do sofá onde tinha adormecido. O marido e os filhos entraram na sala, em grande euforia, a gritar: “Viva a Liberdade! Viva a Liberdade!”.

De pé, no meio da sala, Sofia mostrava um sorriso de orelha a orelha. O filho deu-lhe um beijo e brincou: - Olá dorminhoca! Não vais comemorar o 25 de Abril?

Soltando um suspiro, como quem sai de um transe, Sofia dirige-se à janela, abre-a de par em par e em bicos de pés, perante o espanto da família, grita para a rua, a plenos pulmões:

- Viva a Liberdade! Viva a Liberdade e o direito à opção! E o direito à opção!

**Fim**

A noite caíra.

Festejos em cada recanto, atraíam corpos sedentos de apaziguamento.

Na tenda, o fresco da noite tornara-se num hálito gelado.

As constelações permaneciam mudas aos anseios dos humanos.

Os insetos, enfrentavam a noite sem receios.

Zumbidos cruzaram o ambiente.

Os Muscidae são dos insetos mais comuns dada a sinantropia de algumas das suas espécies.

Ninguém parecia incomodado. A música, os fogos de artifício, o hálito a cerveja barata e morna, ofereciam um festim a cada um dos pequenos insetos que arriscavam a vida para que a sua prole sobrevivesse a mais uma noite, a outro dia.

Hematófaga - é próprio da sua natureza alimentar-se de sangue - voou livremente durante algumas horas que lhe pareceram uma vida.

A eternidade do ciclo, levou-a a concentrar-se. Contraiu as asas de modo a testar a capacidade de voo, zona superior bem posicionada, probóscide em posição final.

O sistema de foco funcionou perfeitamente e, nos últimos segundos, a sintonia com a natureza atingiu o ponto mais elevado.

De cócaras, um robusto espécime, tornara-se no recetor ideal. Nem chegou a ter qualquer tipo de pressentimento.

Pousou ágil. Uma picada só.

Pouco habituada ao contacto com o sangue dos audazes, jovens apaixonados e nobres de alma, caiu morta. Pouco elegante, mas missão cumprida.

Morrera de barriga cheia e com um esgar de satisfação.

Se as moscas tivessem direito a ter sentimentos, hoje, este insignificante mas temido inseto sentir-se-ia realizado.

Trouxeste um pedaço de esperança. No momento em que precisamos dela. Acreditar que é Não caminhando sozinho que atingimos o objetivo de ficar bem. O tempo de partilha é agora, de ficar em casa. É um desafio. Tempos de consciência da realidade e de saber que nada será como antigamente. Mas, poderá ser este isolamento - a oportunidade de mostrar solidariedade e amor verdadeiros. Todos fomos confrontados com uma situação nova. Agora é lutar e avançar por novas coisas. Para ti, Esperança:

Gosto de ti... Tudo começou a saber bem... A ter mais valor... Gosto de ti... Já conto as horas e os minutos. Sabe tudo a tanto. Pisar a terra, olhar para o céu e acreditar voltar a correr para os braços da minha família, em breve. És um caso... É altura de isolamento e de desafios. Bem sabemos. É altura de nos reinventarmos e acreditar. Manter a segurança, pois ao fazê-lo, está a proteger-se a si e aos outros.

“Que bonito é o cristão que carrega o fardo para ajudar os outros.”  
- Papa Francisco.

É esperança!... Gosto de ti como quem gosta de tudo... Gosto de ti como assim estás... Gosto de ti... Mesmo neste pranto desajeitado. Numa cidade perdida nas estrelas... Gosto de ti... Pela tua coragem... Pela tua ânsia... Cheia de medo... Cheia de coragem... Gosto de ti... Esperança.

Da janela vejo o céu e a estrada vazia... Enquanto não há um amanhã... Gosto de ti como a estrela que me ilumina... Gosto de ti como quando choras do céu ... E, me molhas com as tuas lágrimas perdidas... Naquele passado perfeito... Hoje já me lembro... Enquanto não há amanhã... Sonho assim... Enquanto não há amanhã... Gosto de ti... Perdoar quem mal te fez... Enquanto não há amanhã... Não nos percamos... Gosto de ti... Sentir que tudo valeu a pena... Gosto de ti... por isso tudo e por mais é tão bom e valerá a pena... Gosto de ti ... Como se fosse o último dia... Gosto de ti... Virar tudo de pernas para o ar... Enquanto não há amanhã... Esse teu perfume... Essa tua essência... Explicar um dia aos teus pelo que passaste... Esperança.

Não é costume eu acordar durante a noite, mas hoje acordei. Não sei que horas eram, mas tive a percepção de que estaria a meio de um sono generoso.

Curiosamente, dei por mim virado para o lado direito, contrariando o costume de dormir sobre o lado esquerdo.

Sentei-me na cama, para ter a certeza de que estava acordado, e os meus olhos transmitiram-me uma visão, até então nunca vista por mim, desde que me conheço, enquanto ser humano.

Com toda a naturalidade e sem qualquer receio ou perturbação, fiquei frente a frente com a mulher mais bela, sensual e risonha que eu jamais imaginara que pudesse existir.

Ali, à minha frente, estendeu os braços na minha direção e, sem nunca tocar no meu corpo, disse-me num tom tão doce e meigo, como eu nunca tinha ouvido:

– Jamais poderias imaginar que a morte tivesse esta figura. Mas tenho, eu sou a morte. Nunca te abandonei desde que foste concebido, no ventre da tua mãe.

Sem conseguir articular uma única palavra, eu limitava-me a ouvir o que aquela fascinante mulher me ia dizendo.

– Sei o que estás a pensar – Continuou a mulher:

– Mas não, não me revelei a ti para te levar agora. Ainda não se cumpriu o teu tempo. Fica tranquilo. Vive intensamente cada momento, como se fosse o último. Pratica todo o bem que puderes, pois quando eu voltar de vez, apenas levarás contigo as boas ações. – E acrescentou, em tom de despedida:

– Ainda vais ter que enfrentar várias tempestades da vida. Os teus ombros inda irão ter que suportar fardos muito pesados. Mas quando eu voltar para te levar, quero que me digas que tudo valeu a pena, pois nada te acontece por acaso. Não te detenhas em sentimento de vingança, contra quem desdenha de ti ou te calunia pois, tais atitudes são apenas o reflexo da sua frustração.

E a bela senhora, da mesma forma que apareceu, assim desapareceu, deixando no meu quarto, um perfume que me envolveu num aconchegante e tranquilo sono, até os matinais raios solares entrarem através dos vidros da janela.

Certo Dia, e que era o Dia Certo, uma Menina com nome de Rosinha desceu até uma Praia lisinha de Sol e de Azul marinho e diamantino. A meia-tarde florira com perfume de Serenidade, Paz e Amor.

O areal-veludo da Praia do Ouro, como uma Concha Mística, acolhia Todos, de várias nacionalidades, que buscavam a vibração cristalina das ondas, qual espelho celestial, e baloiço da brisa de fim de Maio e, sobretudo, a Divina Luz. As criaturas, espirituais, junto ao salutar e límpido Mar, certamente, sentiam o calor e o sal, e os seus Arcanjos e Anjos. Tudo já era tão Real, tão Igual, pois sempre assim Existira.

Nesta Perfeição de Paraíso, Maravilha e Sorriso, o Céu e o Mar Unidos, Precisos e Queridos, eram tocados, Todos, pela Promessa. Ela, no Silêncio, ainda nos Atravessa. Ela, na Nova Aurora, ainda Nos Confessa a Omnipotência de cada solar raio, a habitar Tudo e Todos.

Nesta Emissão inteira, lúcida e brilhante, com o fogo da sua Aura, um Menino Golfinho brincava com um outro menino, dentro de Água Vivificante! Felizes! O rosto do Menino Golfinho era Belo e Leve de Inteira e Sageza. Uma suave Fortaleza! O seu olhar, Cheio, falava de Céu na Terra! Tão azul era! Os seus pés eram da Veemência do Invisível. Ele era Verdadeiro e tinha Voz de hera, doce, ao Luar! A Menina Rosinha não pôde mais aguardar. A Entrega escorreu nas suas Palavras, ao banhar as suas pernas, como pés finos de rosinha. E proferiu palavras que fluíram, parecia um rio do seu interior para o Universo:

-Where do You come from? (De onde é que és/vens?)

A Inteligência Cósmica e as Leis Cósmicas condensaram uma Palavra Eterna, na Voz viva, infatigável, Divina, do Menino Golfinho:

-From The States! (Dos Estados Unidos!)

Logo, vieram, ao pensamento e coração da Rosinha, cinquenta estrelinhas, muito subtis. Ficou alumiada para o Resto da Vida. Reminiscência, com sossego e segredo akáshico. Um Arco-Íris que se revelou mais sublime, poderoso e Espiritual. Juntos, caminharam e sentaram-se ao Sol, naquele tempo do seu repousado Destino. Festivos, Anjos, a aflorar a Graciosidade! Eternidade! Beberam Água-Néctar e extasiaram-se com o Nascimento da Idade de Ouro. Esta Água e Este Fogo, almiscarados, jamais os/se lhes apartaram. Este Menino e Esta Menina Sempre se Amaram!

*Para o Dave, Puro Sol!*

Estava um dia de sol, embora um pouco de ar fresco me obrigasse a usar as luvas.

Não sei o que me deu para caminhar, sem destino, até que os pés pedissem pausa. E pediram.

À beira de um jardim estava um bando de rolas debicando migalhas de pão que uma criança, ao colo do avô, distribuía por ali com todo o entusiasmo, enquanto as rolas saltitavam de busca em busca.

Não é que, num certo momento, em que o avô decidiu colocar o miúdo no chão, as rolas o cercaram? Era, decerto, o esperado e o avô receou, em princípio. Porém deu-se um caso espetacular: as rolas olhavam o miúdo, à espera, ansiosas mas serenas e só bicavam os pedaços de pão quando o miúdo os lançava.

Não houve exageros nem precipitações como o avô receara. As aves não ultrapassaram o seu lugar de galináceos e esperavam calmamente, como que combinadas, numa estratégia coordenada para não sair do seu espaço, nem atingirem indevidamente o espaço da criança. Esse, era-lhes proibido!

E, quando se pensava que as aves se afastassem, logo que o pão acabou, não! Elas continuaram ali, como que hipnotizadas pelo olhar meigo da criança que nem sabia se pedia mais pão ao avô ou se preferia o colo.

O avô já ria perdido e à volta do “quadro” acumulava-se a população. Gentes e gentes que passavam iam ficando, riam encantados com a “pintura” que levou alguns a pegar nos telemóveis e fotografar. Era um quadro que valia a pena! Um quadro de natureza viva, ativa e deveras ternurenta!

"Sabes que..." há na terra dois lugares que me absorvem o pensamento... Bem, três: a serra, o céu e o mar.

A Serra traz-me a dimensão das alturas, o cheiro a urze e o cantar das águas que, em cascata, calcorreiam a montanha... É o encanto dos verdes, o domínio dos cumes e a paz do silêncio.

O Céu dá-me a magia das urzes e das vias lácteas, a riqueza das constelações, a beleza do azul e um pedaço de cheiro a Infinito.

O deserto, esse, dá ou não dá, porque não o conheço, mas sinto nele a magia do escuro e o frio intenso da noite, em contraste com o calor e a secura do dia.

Sabes que, para lá, para lá de qualquer deles, não sei, não conheço, não chego, nem atinjo nada da sua dimensão física ou espiritual, real ou imaginada...

Sabes que, no fundo, bem no fundo, o meu segredo é o silêncio, na procura da paz que preciso? E que é dele que sinto maior falta, já que a Terra está exageradamente cheia de barulhos, de confusões? Em todos os lugares onde há gente, se vive de egoísmos, de ambições exageradas, de distâncias visíveis entre grandes e pequenos, poderosos e fracos... Fracos? Porque não experimentaram a confiança nos olhos de quem os vê? Porque não viram esperança na luta que travaram?

Bolas! Ser fraco, pequeno ou pobre foi uma coisa que alguém escolheu? Cada uma destas saídas, alguém a planeou? Eu, não creio! E sinto que cada um de nós quer, deseja, ambiciona ser feliz! E, se não consegue, nem atinge uma vez sequer o limiar do júbilo, então o universo tresmalhou-se, debandou-se totalmente do fim para o qual terá sido criado: servir o homem, na sua plenitude para o cumular de gáudio, de FELICIDADE!

Quando dou gritos e ais  
Quando a força desaparece  
Quando não aguento mais  
O Milagre acontece.

Quando estou sozinho  
E o sol escurece  
Quando fico sem caminho  
O Milagre acontece.

Quando deixo de sorrir  
Quando o corpo padece  
Quando penso em desistir  
O Milagre acontece.

Quando a fé seduz  
A vida enriquece.  
Quando alcançamos a luz  
O vírus desaparece.  
Quando cremos em Jesus  
O Milagre acontece.

### **Amareleja, 1937**

A proximidade com Espanha fazia esquecer Lisboa. Como se o Guadiana, recortando a vasta planície transtagana, no seu caminho para o mar, fosse a raia deste lugar esquecido, perdido por entre o montado quente e seco.

Do outro lado da fronteira, secular e oficial, os nossos irmãos degladiavam-se, numa luta sem tréguas, por razões políticas e ideológicas. A margem esquerda do Grande Rio do Sul sofria com essa contenda fratricida, que derramava sangue também do lado de cá dessa linha imaginária. Os que fugiam, desesperados, tentavam encontrar aqui algum conforto...

Sentia-se que os laços fraternais eram mais profundos e solidários para com vizinhos espanhóis, mergulhados num verdadeiro inferno, por entre a morte e a fuga. A chegada de qualquer forasteiro às ruas irregulares e poeirentas da Terra do Sol, como era conhecida a aldeia, constituía sempre motivo de curiosidade e, simultaneamente, de desconfiança. Os tempos eram incertos e perigosos. Não se sabia o que poderia surgir a cada esquina.

Gertrudes era uma pobre mulher, gasta pelos anos e por uma vida de sofrimento. Os seus dias eram somente aconchegados por uma côdea de pão seco, para enganar o estômago. Aqueles tempos de miséria eram os únicos que tinha conhecido, ao longo da sua infeliz e longa existência, mais marcada por desgostos do que por alegrias... O sol já ia alto, quando se assomou ao postigo, para ver as horas na torre do relógio, no ponto mais altaneiro do branco e imaculado casario.

O sino da Igreja Matriz estava a dar o meio dia...

Ao fundo da rua, como que perdido e desorientado com o bafô do estio daquele verão seco, vinha bem aprumado um homem, com um ar finório. Trazia chapéu e um fato de tecido caro, raramente visto por aquelas bandas, que lhe davam um ar distinto. Arrastava-se lentamente pela vereda, com medo de sujar os sapatos de verniz, como se fosse o protagonista de um bailado insólito por entre as pedras e os buracos. Nessa peculiar travessia, conseguia o equilíbrio necessário graças a uma velha e remendada mala de cartão que trazia na mão...

Gertrudes saiu à rua, indiferente ao calor, para atirar a água das azeitonas que tinha na “tarefa” de barro e que iam servir de conduto para o parco almoço. O forasteiro, caixeiro-viajante de profissão, perdido por entre as vielas, sentiu uma réstia de esperança, por finalmente encontrar uma potencial cliente, depois de tantas horas de infrutífero caminho. A pobre mulher ficaria indiferente à sua passagem, não fora ele abordá-la...

- Bom dia, Senhora! – disse, num tom afável – Poderia matar a sede a esta pobre alma?

Gertrudes não esboçou nenhum sinal de simpatia. A vida tinha-a ensinado, do pior modo, a não expressar qualquer emoção ou sentimento. O traje negro e o lenço da mesma cor a envolver a cabeça, davam-lhe um ar austero. Mas a água não se negava a ninguém.

Num tom seco, convidou-o a entrar. O caixeiro-viajante aproximou-se, receoso, mas com necessidade extrema de refrescar a garganta seca. A casa, pobre, era sombria e fresca. Um refúgio inusitado do impiedoso calor, para quem não estava habituado àquela canícula. Gertrudes tirou a água do cântaro, para uma velha caneca de barro. Era fresca e límpida, como saída da fonte, naquele instante. O homem, tirando um lenço do bolso para limpar o suor que caía em bica, aproveitou para dizer:

- Venho de Lisboa e trago novidades frescas! Tenho aqui umas escovas de dentes que são o último grito na capital.

A triste mulher não manifestou qualquer sinal de curiosidade. Lisboa era muito longe. Porém, o forasteiro insistiu e abriu a mala, mostrando uma panóplia de artigos, que deixaram Gertrudes sem reação. Nunca tinha visto nada igual. Contudo, com educação, perguntou:

- E para que servem, as escovas? – indagou, na sua ingenuidade.

- Ora essa, servem para lavar os dentes! – responde o caixeiro-viajante, entusiasmado com o súbito interesse.

- Lavar os dentes? Tomara eu sujá-los!

A resposta de Gertrudes deixou sem palavras o pobre caixeiro-viajante. Aquele argumento anulava qualquer tentativa de retórica. Não restava alternativa senão arrumar o estojo e ir “pregar” para outra freguesia. Não era aquele o lugar, nem o tempo certo para a sua missão comercial.

Apesar de o escaravelho não nos parecer um animal simpático, nem sempre foi assim. No antigo Egito o deus Khepra (escaravelho) era símbolo da eternidade. Este inseto coleóptero era também venerado nos Himalaias, onde o povo Lisu lhe dedicou uma lenda que vou contar.

Pequenininho e muito teimoso, o escaravelho voa, voa sempre, nunca para de voar. Viaja por todo o mundo, de um lado para o outro, porque é o mensageiro de Moumarra, o espírito da grande deusa. A deusa usava-o para comunicar com a humanidade. No início dos tempos, os homens comiam pedras, mas de tanto comer pedras ficaram com os dentes partidos. Então, o escaravelho voou até Moumarra.

- Moumarra! Os homens, já não podem comer mais pedras, pois seus dentes estão partidos!

- Não há problema, respondeu Moumarra. Vou transformar as pedras em laranjas e sumo!

- Vou comunicar-lhes.

Então, o escaravelho voou até aos homens: - A deusa Moumarra, disse que vai transformar as pedras em fruta e sumo de laranja.

- Ehhh...

- Esperem... Moumarra, deu-me um papel, onde está escrito que devem beber quatro vezes ao dia.

Voltou depois o escaravelho até à deusa para repetir o que dissera aos homens.

- Não ordenei quatro vezes por dia. Apenas uma - corrigiu Moumarra, com calma.

Mas os homens ignoraram a ordem. Beberam sem parar. Depois, mais homens chegaram, ocupando toda a Terra, até que alguns começaram a morrer de tanto beber. Moumarra já não conseguia ver os homens a lutar uns contra os outros, apostando em quem bebia mais quantidade. Ordenou, então: - Meu querido escaravelho, diz aos homens que a partir de agora, vão eles fazer a sua comida, devendo alimentar-se uma vez, de quatro, em quatro dias. O mensageiro voltou a procurar os homens, para transmitir o recado, mas cometeu outro pequeno erro. Em vez de lhes ordenar que se alimentassem de quatro em quatro dias, disse-lhes para comerem quatro vezes por dia.

Moumarra zangou-se: Outra vez a mesma asneira! Punição! A tua vida vai ser fazer bolas de cocó, para toda a eternidade.

Regista o silêncio que tomba agora abruptamente neste horizonte de palavras... Lá fora as ruas jazem sobre si mesmas e o vácuo mórbido de um deserto dilacerante ecoa pelas entranhas dos passeios. Chove... amiúde, num ping ping que amordaça a mente. Chove... Chove para que ninguém circule. O mundo lá fora desaparecera num ápice e nós, aqui, olhamos um para o outro aquecendo-nos com as viagens do passado, as caminhadas sem destino no meio da multidão, numa outrora azáfama prazerosa de tempo livre.

– Ficas?

Ali, junto à nossa janela sentindo as gotículas de Primavera, a névoa sombria descera sobre o solo. Quem dera sentir no imediato a esperança por detrás do Encoberto, que o mundo surja, a pandemia passe, todos renasçam e se voltem a cruzar pelas esquinas da praceta...

Não digas nada e mantém o silêncio... Talvez consigamos aliviar a solidão, assim, fazendo crescer a cada dia a esperança de que o sol metafórico e a fogueira acesa desformalize a chama ativa da pausa inebriada a que fomos forçados.

Ouçõ a sua voz poeta  
Num silêncio revoltõ  
Olhando parado o mar imenso  
Sinto o chorar da caneta,  
Na minha pobre, restrita escrita  
Nãõ, poeta! Nãõ, para o tempo  
Nãõ cale, a sua poesia  
A sua voz é imensa como esse mar  
Nunca acabarás quem és  
Apesar dos beijos que nãõ recebeste  
Desta ironia te digo,  
Vou contigo  
Vou como teu amigo  
Cantar o silêncio da tua poesia  
Sem dizer um adeus, mas sim um até breve!

**Homenagem a Luís Sepúlveda**

A vida não nos dá paz  
Cerca-se em silêncios por decifrar  
O mundo que na nossa mão se desfaz  
Choro a humanidade que esconde o verdadeiro  
Parece, que se rasga, no seu negro cativoiro!

Ser! Humano ou não ser humanista  
És, a questão! Do ser!  
Parece uma renúncia que aqui vai,  
Calando o silêncio da voz que desfalece ao nascer,  
Parando a vida no medo que nos trai.

O amor está a morrer  
diz quem não sabe amar,  
está a morrer a arte de se dar  
O romance se foi  
No peito ficou o vazio  
De quem respira a dor profunda  
A autora está defunta.  
Choram as palavras e as frases de amor  
do seu desengano  
No livro do seu espanto  
Que ergue a bandeira do medo  
E vivo, morre para o mundo  
Que dele o amor foi tudo e nada!

- Olá, Bárbara! Falamos no zoom ou no teams?

- Tanto faz...

- Olha, vou convidá-los pelo zoom... é só um instante! (...)

- Olá, sou a Leonor e tenho 17 anos. Como estão a enfrentar o COVID-19, este maldito vírus?

- Malta, sou a Bárbara. Tenho 13 anos. Olhem, nestes dias tenho-me lembrado de Anne Frank, que viveu confinada como estamos a viver agora, mas numa situação de guerra e sem ter o contacto que nós temos, com a net e as redes sociais.

- O tempo custa a passar. Ainda há pouco olhei para o relógio e as horas parecem as mesmas!

- Pois é! Os dias parecem sem fim. Procuo fazer mais coisas... aulas de dança à distância, remodelar peças de roupa e mudar a decoração do quarto. Ah, como a Anne Frank, resolvi começar a escrever um diário. Quando for mais velha, vai ser giro relembrar isto!

Foi a vez do Pedro, do 9º ano.

- Tenho falado com os amigos todos os dias... até já fizemos exercícios em conjunto, apesar de estarmos longe. E vejo filmes.

- Sabem, os adultos têm a ideia de que tudo nos passa ao lado, que estamos a adorar este tempo por estarmos no computador todo o dia. Mas isso não é verdade! Isto é algo que nos assusta, que vai mudar o nosso futuro.

- É verdade, Maria João! Este mundo deu uma volta de 360 graus, o que nos vale são as redes sociais.

- Olhem, eu vou muitas vezes ao frigorífico. Tenho comido muito!

- Eu também!

- E eu tenho dormido bué!

- Eu estou preocupado com o que vai acontecer no próximo ano – esclareceu o João, do 8º ano. - Dizem que o 8º é o mais difícil e o que tem mais matéria. Tenho receio de ir mal preparado para o exame do 9º.

- Eu estou preocupada com os meus avós. Tenho medo que a pandemia acabe por contagiá-los. Falo com eles todos os dias por videochamada, mas ainda ficam mais ansiosos do que eu.

- É bom poder falar com eles, ainda que à distância.

- Sim, a experiência de ensino a distância tem sido boa, mas mostra também que precisamos mesmo dos professores para nos orientarmos.





